UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROFLETRAS
Rede Nacional

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária - Cáceres-MT
Tel. (65) 3224-1307
profletrascaceres@unemat.br

UNEMAT PROFLETRAS MESTRADO

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS
Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

SILVANA RODRIGUES DA SILVA

ENTREVISTA: TRABALHANDO A PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A HISTÓRIA DE MIRASSOL D'OESTE – MT CONTADA PELOS ALUNOS DO 8º ANO DA ESCOLA ESTADUAL 12 DE OUTUBRO

Cáceres – MT
2025/2

SILVANA RODRIGUES DA SILVA

ENTREVISTA: TRABALHANDO A PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A HISTÓRIA DE MIRASSOL D'OESTE – MT CONTADA PELOS ALUNOS DO 8º ANO DA ESCOLA ESTADUAL 12 DE OUTUBRO

Dissertação de Mestrado Profissional com Intervenção na sala do 8º ano do Ensino Fundamental, apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS na UNEMAT – Cáceres – MT, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob a orientação do Prof. Dr. José Leonildo Lima.

Cáceres – MT

2025/2

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT
Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT - Unidade padrão

S586e Silva, Silvana Rodrigues da.
ENTREVISTA: TRABALHANDO A PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A HISTÓRIA DE MIRASSOL D?OESTE ? MT CONTADA PELOS ALUNOS DO 8° ANO DA ESCOLA ESTADUAL 12 DE OUTUBRO / Silvana Rodrigues da Silva. - Cáceres, 2025.
186f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Letras/CAC-PROFLETRAS - Cáceres - Mestrado Profissional, Campus Universitário De Cáceres "Jane Vanini".
Orientador: Prof. Dr. José Leonildo Lima.

1. Produção de texto; entrevista. 2. história da cidade; variação linguística. 3. Língua Portuguesa. I. Lima, Prof. Dr. José Leonildo. II. Título.

UNEMAT / MTSCB CDU 81`42

SILVANA RODRIGUES DA SILVA

ENTREVISTA: TRABALHANDO A PRODUÇÃO TEXTUAL SOBRE A HISTÓRIA DE MIRASSOL D'OESTE – MT CONTADA PELOS ALUNOS DO 8º ANO DA ESCOLA ESTADUAL 12 DE OUTUBRO

BANCA EXAMINADORA

PARTICIPAÇÃO DE FORMA VIRTUAL

PROF. DR JOSÉ LEONILDO LIMA (UNEMAT)
ORIENTADOR

PROF(A) DR(A) NILCE MARIA DA SILVA (UNEMAT)
AVALIADOR(A)

PROF(A) DR(A) CAROLINA AKIE OCHIAI SEIXAS LIMA (UFMT)
AVALIADOR(A)

APROVADO(A) EM **13/12/2025**

AGRADECIMENTOS

Um dia, ouvi de alguém que é preciso sonhar e muito mais do que sonhar é preciso acreditar, foi aí que percebi a importância de sonhar e acreditar nos meus projetos e, dentre eles, ressalto a conclusão do meu mestrado. Com muita determinação, tracei os objetivos e fui aos estudos. Aproveitei cada oportunidade dada, vivenciei cada momento com intensidade e não desisti em nenhum momento quando surgiram os obstáculos durante esse trajeto, o que não foram poucos.

Com imensa gratidão, expresso meus agradecimentos a Deus por tudo que tem feito em minha vida, por guiar meus passos, fortalecer-me diante das adversidades e me capacitar a seguir em frente, pois entendo que sem Ele nada seria possível.

Agradeço à minha mãe, Laudelina, sinônimo de garra, amor incondicional, que ao saber que eu iria estudar, me disse para preocupar com os estudos, pois do meu filho e da casa, ela cuidaria, mulher que bravamente enfrentou comigo todas as adversidades vividas não somente durante este curso, mas também durante a minha vida.

Ao meu querido filho Renan Willian, que sempre foi meu “suporte técnico”, por estar sempre ao meu lado e comemorar, comigo, todas as conquistas e alegrias. Obrigada por todo carinho, paciência e por estar presente em tudo na minha vida.

À minha irmã Raquel por todo o apoio e incentivo que tem me dado durante a minha caminhada, me dando força para seguir e me fez acreditar que tudo isso seria possível.

Ao meu orientador José Leonildo Lima, pelo carinho com que sempre me tratou e não ter desistido de mim, pela disposição, pelo conhecimento compartilhado durante as orientações, risadas, conversas e por ser esse ser humano incrível que fez a diferença em minha vida, me fazendo enxergar a “importância da reescrita”. Obrigada pela confiança, contribuições e paciência.

À professora Dra. Nilce Maria da Silva pelas contribuições no exame de qualificação e defesa da minha dissertação de mestrado. Grata!

À professora Dra. Walmira Sodré Austríaco pelas contribuições no exame de qualificação da minha dissertação de mestrado. Grata!

À professora Dra. Carolina Akie Ochiai Seixas Lima pelas contribuições no exame de defesa da minha dissertação de mestrado. Grata!

À professora Dra. Joseléia Graciano da Silva, meu mais profundo e sincero agradecimento. Seu apoio inestimável e o incentivo constante foram pilares essenciais que sustentaram toda a minha trajetória.

Aos professores do curso de Mestrado não só pelo conhecimento a mim oferecido, mas também pela colaboração em todo o curso.

Aos meus colegas do curso pelo carinho, pelos laços firmados durante a trajetória, pelas discussões, acolhimento, e compartilhamento de experiências que foram muito importantes para minha formação, especialmente ao Carlos e Cleriston que são dois irmãos que adquiri no mestrado e levarei para a vida toda, pois sempre estiveram ao meu lado, sem soltar a minha mão durante a trajetória de mestranda.

Aos meus colegas da Escola 12 de Outubro, em especial à professora Micheli que sempre segurava a minha turma pacientemente até eu chegar da outra escola.

À Universidade do Estado de Mato Grosso ─ UNEMAT por me proporcionar a oportunidade de cursar o Mestrado Profissional em Letras ─ PROFLETRAS.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudos, que para mim, foi fundamental para que eu conseguisse concluir o mestrado, pois os gastos com hotéis e substituições foram muitos.

Aos queridos alunos do 8º ano D 2025, que participaram tão intensamente desse projeto.

Agradeço a todos que contribuíram direto ou indiretamente, para a conquista desta etapa em minha vida. A vocês e àqueles não citados, porém, não menos importantes, fica registrada a minha eterna gratidão.

RESUMO

Esta dissertação com o intuito de trabalhar a produção textual por meio da história da cidade, teve como foco o aprimoramento das competências linguísticas e discursivas por meio do gênero entrevista. O objetivo principal foi contribuir para a produção de leitura e escrita dos alunos, utilizando atividades centradas no gênero textual entrevista. A intenção era desenvolver habilidades orais e escritas por meio de uma sequência didática. O estudo fundamentou-se na Sociolinguística Variacionista e na Linguística Textual, apoiando-se em autores como Fávero e Koch (2002), Marcuschi (2008), Annett Garrett (1991), Mollica e Braga (2010), Labov (2007), Faraco (2005) e Schneuwly e Dolz (2004). Por meio de aulas de campo e outras atividades, os alunos tiveram a oportunidade de trabalhar a produção textual enquanto conheciam a história da cidade. As entrevistas permitiram que os alunos passassem da posição de meros receptores de conteúdo para a de autores ativos. As atividades foram pautadas na interação entre os participantes, tanto dentro da escola quanto em visitas a contadores de histórias da região, o que facilitou o desenvolvimento das habilidades comunicativas e levou à produção de textos escritos, que constituem o *corpus* de análise deste trabalho. As primeiras produções revelaram dificuldades na sequência lógica e em aspectos relacionados ao padrão culto da língua, as quais foram abordadas de acordo com o planejamento do projeto. Isso resultou em melhorias significativas, culminando na criação do livro "Mirassol em palavras: conectando gerações por meio de entrevistas". Os métodos utilizados ao longo do processo educacional, como a aplicação da Sequência Didática focada no gênero entrevista e as oficinas de reescrita e revisão, contribuíram para o aprimoramento das habilidades de escrita e composição dos alunos de maneira prazerosa, explorando a oralidade e refletindo sobre regras gramaticais. Essa intervenção proporcionou uma interação significativa com a comunidade e promoveu mudanças perceptíveis nos alunos e na escola, rompendo com paradigmas tradicionais do ensino de Língua Portuguesa e desconstruindo conceitos tanto entre os estudantes quanto no corpo docente.

Palavras-chave: Produção de texto; entrevista; história da cidade; variação linguística; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

This dissertation, with the aim of working on the textual production through the history of the city, focused on the improvement of linguistic and discursive skills through the interview genre. The main objective was to contribute to the students' reading and writing production, using activities centered on the textual genre interview. The intention was to develop oral and written skills through a didactic sequence. The study was based on Variationist Sociolinguistics and Textual Linguistics, based on authors such as Fávero and Koch (2002), Marcuschi (2008), Annett Garrett (1991), Mollica and Braga (2010), Labov (2007), Faraco (2005) and Schneuwly and Dolz (2004). Through field classes and other activities, students had the opportunity to work on textual production while learning about the history of the city. The interviews allowed the students to move from the position of mere content receivers to that of active authors. The activities were based on the interaction between the participants, both within the school and in visits to storytellers in the region, which facilitated the development of communicative skills and led to the production of written texts, which constitute the *corpus* of analysis of this work. The first productions revealed difficulties in the logical sequence and in aspects related to the cultured standard of the language, which were addressed according to the project's planning. This resulted in significant improvements, culminating in the creation of the book "Mirassol in words: connecting generations through interviews". The methods used throughout the educational process, such as the application of the Didactic Sequence focused on the interview genre and the rewriting and revision workshops, contributed to the improvement of the students' writing and composition skills in a pleasurable way, exploring orality and reflecting on grammatical rules. This intervention provided a significant interaction with the community and promoted noticeable changes in the students and in the school, breaking with traditional paradigms of Portuguese language teaching and deconstructing concepts both among students and in the faculty.

Keywords: Text production; interview; history; linguistic variation; Portuguese language.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Antônio Lopes Molon e Benedito Cesário da Cruz ---------- 18
Fotografia 2 – Casa Três Irmãos---------- 19
Fotografia 3 – Atual igreja católica Nossa Senhora Aparecida ---------- 20
Fotografia 4 – Imagem da escola retirada do Google Earth---------- 20
Fotografia 5 – Placa recebida da SEDUC---------- 21
Fotografia 6 – Turma do 8º ano D 2025---------- 26
Fotografia 7 – Apresentação do projeto à comunidade escolar---------- 66
Fotografia 8 – Texto inicial escrito pelo aluno Luiz Antônio---------- 69
Fotografia 9 – Desenho do Lago Azul feito pelo aluno Bruno ---------- 70
Fotografia 10 – Imagem do Lago Azul retirada da Internet---------- 70
Fotografia 11 e 12 – Alunos trabalhando em grupo no refeitório---------- 72
Fotografias 13, 14 e 15 – Seminário sobre o gênero entrevista---------- 73
Fotografia 16 – Seminário sobre o gênero entrevista ---------- 74
Fotografia 17 – Consulta de entrevista nas plataformas digitais ---------- 75
Fotografia 18 – Simulação de entrevista ---------- 79
Fotografia 19 – Perguntas desenvolvidas para a entrevista no caderno do aluno-
----------81
Fotografias 20, 21 e 22 – Alunos na biblioteca fazendo a transcrição das
Entrevistas----------84
Fotografias 23 e 24 – Exemplos de atividades disponibilizadas na TV ---------- 90
Fotografia 25 – Tirinha---------- 94
Fotografia 26 – Atividade desenvolvida no caderno do aluno-- ----------94
Fotografia 27– Cartum---------- 97
Fotografia 28 – Exemplos de atividades disponibilizadas na TV---------- -97
Fotografia 29 – Atividade desenvolvida no caderno do aluno---------- -99
Fotografia 30 – Atividade desenvolvida no caderno do aluno---------- -99

Fotografia 31– Excerto da primeira reescrita da entrevista do grupo 1----------106

Fotografia 32 – Excerto da primeira versão da entrevista 2 escrita pelo aluno--108
Fotografia 33 – Excerto da primeira versão da entrevista 3 ----------114
Fotografia 34 – Excerto da primeira versão da entrevista 4 ----------115
Fotografia 35 – Excerto da última versão da entrevista 4----------115
Fotografia 36 – Excerto da primeira versão da entrevista 5 ----------116
Fotografia 37 – Excerto da reescrita da entrevista 5 ----------117
Fotografia 38 – Excerto da entrevista 7 no caderno do aluno----------120
Fotografia 39 – Excerto da reescrita da entrevista 7 no caderno do aluno--------121
Fotografias 40, 41, 42 e 43 – Opções para capa do livro confeccionada pelos Alunos----------124
Fotografia 44 – Capa escolhida para o livro----------126
Fotografia 45 – Convite para divulgação nas redes sociais----------127
Fotografia 46 – Culminância do projeto----------128
Fotografias 47 e 48 – Culminância do projeto----------129
Fotografias 49, 50 e 51 – Culminância do projeto----------130
Fotografia 52 – Análise dos alunos em relação ao projeto----------131
Fotografias 53 e 54 – Análise dos alunos em relação ao projeto----------132
Fotografia 55 – Análise dos alunos em relação ao projeto----------133
Fotografia 56 – Análise dos alunos em relação ao projeto----------133

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO ---------- 11
1.1 Organização da dissertação ---------- **14**
1.2 Universo da pesquisa ---------- **16**
1.3 A Cidade de Mirassol d'Oeste – MT ---------- **17**
1.4 A Escola Estadual 12 de Outubro ---------- **20**
1.5 O Projeto Político-Pedagógico da escola ---------- **22**
1.6 Os alunos do 8º ano D ---------- **26**
1.7 Os entrevistados ---------- **29**

CAPÍTULO 2

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS ---------- **31**
2.1 A Linguística e sua história ---------- **31**
2.2 Linguagem: a chave para a comunicação ---------- **35**
2.3 A Linguística textual ---------- **39**
2.4 Linguística textual no Brasil ---------- **42**
2.5 O que é um texto e como ele se constitui ---------- **43**
2.6 Coesão e coerência ---------- **45**
2.7 A influência da leitura e da escrita na composição do conhecimento --- **50**
2.8 Entrevista: o gênero que pressupõe outras formas de interação ---------- **52**
2.9 Breve histórico da Sociolinguística ---------- **56**
2.10 Variação linguística: as diferentes maneiras de uma fala ---------- **59**
2.10.1 Variação regional ou diatópica ---------- 61
2.10.2 Variação social ou diastrática ---------- 61
2.10.3 Variação estilística ou diafásica ---------- 62

CAPÍTULO 3

3 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA INTERVENÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA ---------- 64

3.1 Apresentação inicial da proposta ----------65

3.1.1 Início da proposta: Discussão sobre o tema “Mirassol d’Oeste – MT ----------67

3.1.2 Proposta de produção inicial ----------67

3.2 Reflexão e práticas iniciais sobre o gênero entrevista ----------70

3.2.1 Seminário sobre o gênero entrevista----------71

3.2.2 Leitura, análise e simulação de entrevista----------75

3.2.3 Da escolha dos temas à organização dos roteiros: etapas preparatórias para a entrevista----------80

3.3 Realização das entrevistas e socialização das experiências----------82

3.4 A transcrição das entrevistas: do oral ao escrito ----------83

3.5 Processo de retextualização das transcrições: da oralidade à escrita formal---86

CAPÍTULO 4

4 REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: METODOLOGIA E ANÁLISES---------- 88

4.1 Atividades desenvolvidas no processo de intervenção ---------- 88

4.2 Excertos diagnósticos e o processo de reescrita e revisão----------101

4.3 Criação da capa do livro: expressão artística e identidade dos alunos----------123

4.4 Evento de autógrafos: reconhecimento da autoria e socialização das produções--127

4.5 Análise dos alunos em relação ao projeto----------131

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS ----------137

6 REFERÊNCIAS----------140

ANEXO: Livro confeccionado pela turma do 8º ano D- **Mirassol em palavras: conectando gerações através de entrevistas ----------143**

CAPÍTULO 1

1 INTRODUÇÃO

Há 19 anos me formei em Letras pela UNEMAT e desde então, tenho trabalhado como professora em escola pública e particular. Atualmente, estou lecionando para turmas do Ensino Fundamental.

Esta dissertação é resultado da pesquisa-ação que desenvolvemos com estudantes do sétimo ano em 2024, isto é, até o momento da qualificação estavam no sétimo ano D, contudo neste ano de 2025 encontram-se matriculados no 8º ano D do Ensino Fundamental da Escola Estadual 12 de Outubro, localizada em Mirassol d'Oeste – MT.

O objetivo central foi desenvolver um trabalho de produção textual por meio de entrevistas. Essa abordagem foi elaborada em conjunto com os alunos durante a pesquisa, o que será detalhado ao longo desta dissertação.

Uma de nossas principais preocupações sempre foi incentivar a leitura e a escrita entre os estudantes, pois acreditamos que tais práticas são essenciais para expandir horizontes culturais, aguçar a sensibilidade e facilitar ideias e valores. Dessa forma, criamos condições mais favoráveis para que os alunos se tornem cidadãos e pessoas melhores.

Essa valorização da leitura e da escrita também se reflete em experiências pessoais, como a minha, que começou muito cedo. Eu sempre estava lendo ou brincando de escolinha com meus irmãos, o detalhe é que eu sempre era a "professora de português".

Sempre estudei em escola pública. No Ensino Médio optei por fazer o Magistério (curso profissionalizante), pois já estava encaminhando para a realização de um sonho que era lecionar. Tentei me aperfeiçoar e ser uma profissional dedicada na profissão escolhida.

Ingressei na Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT por concurso vestibular, no Curso de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa. Foi aí que tive meu primeiro contato com a Linguística, a qual me instigou enorme interesse, pois a minha maior dificuldade era nessa disciplina. Isso se tornou um desafio e fez com que eu desenvolvesse minha monografia nessa área, cuja temática era intertextualidade em textos escolares.

Concluí o Curso de Letras em quatro anos, os quais foram de muita aprendizagem e descobertas, porém percebi mediante minha prática a necessidade de continuar meus estudos, pois a graduação me deixou muitas inquietações. Fiz especialização em Linguística com ênfase na educação infantil pela Universidade Iguaçu - UNIG no ano de 2007 como forma de aprimorar meus conhecimentos que foi muito importante para mim.

Ao longo desses anos, após a conclusão da minha graduação, sempre participei dos cursos disponibilizados pelo estado. Desde a minha época como professora substituta, realizei esses cursos com entusiasmo. Sempre que possível, aproveitei as oportunidades oferecidas. Esses cursos me proporcionam momentos de reflexão sobre a minha prática docente, sendo extremamente construtivos para o meu aprimoramento como professora.

Olhando para minha trajetória acadêmica e profissional, consigo identificar os diversos passos que levaram a me tornar professora de Língua Portuguesa. Após anos de trabalho na educação pública em Mato Grosso, percebo a importância da minha responsabilidade diante dos desafios que enfrentamos diariamente, e como buscamos constantemente alcançar sucesso nessa jornada.

Constantemente revisito e analiso minha prática como professora, especialmente após uma aula em que não atingi o objetivo proposto no plano de ensino. Busco respostas para os questionamentos que surgem e por isso decidi entrar no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS.

Durante muitos anos lecionando Língua Portuguesa como professora de Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, um questionamento sempre me veio à mente: “qual concepção de língua e linguagem um professor de Língua Portuguesa deve ter?”

No que tange ao meu trabalho docente, percebi a necessidade de voltar aos bancos universitários em busca de uma formação que respondesse minhas atuais perguntas, haja vista que após anos de prática e tendo em vista as mudanças constantes no mundo, percebo ser necessário ressignificar meus conhecimentos, para que eu possa fazer diferença na Educação Básica, campo no qual atuo e vejo como um ambiente propício a desenvolver alunos críticos e reflexivos, que possam lutar por uma sociedade mais justa e menos excludente.

Um dos motivos que me levaram a ingressar neste programa de mestrado foi a necessidade de adquirir conhecimentos e ferramentas que me ajudassem a lidar

com turmas heterogêneas do Ensino Fundamental, tanto em termos de habilidades linguísticas dos alunos, quanto em relação a possíveis dificuldades de desenvolvimento que eles possam apresentar. A experiência tem sido muito enriquecedora, pois tenho a oportunidade de revisitar e repensar conceitos que aplico em minha carreira como professora, de forma reflexiva e crítica.

Essa experiência me proporcionou uma ampla visão da comunidade escolar, especialmente dos alunos, pois a escola é um ambiente aberto e receptivo para aqueles que valorizam e depositam confiança na educação. Nesse contexto, considero crucial o papel do professor na vida desses indivíduos.

Ao refazer o caminho percorrido da minha vida pessoal e profissional, me fez refletir necessariamente sobre as expectativas e desejos que nortearam a minha carreira acadêmica, sendo eles desde os tempos de estudante do curso de Letras até os primeiros anos como professora, a princípio como professora contratada pela Secretaria de Estado e Educação – SEDUC, e, dez anos depois, como professora concursada.

A efetivação, que me trouxe estabilidade, também me encheu de muitos questionamentos em relação a diversos outros fatores que fazem parte do meu trabalho docente. Também permitiu que eu refletisse sobre minha formação inicial e isso potencializou minha busca pela continuidade de minha formação como professora para desenvolver-me profissionalmente por meio de reflexões acerca do meu local de trabalho.

Os desafios enfrentados como professora de Língua Portuguesa não mudaram muito desde o início da minha carreira. A dificuldade dos alunos em leitura e escrita é sempre um problema constante. Alguns ainda resistem em frequentar a biblioteca, mesmo quando é explicado que a escolha do livro é de responsabilidade deles.

O que poderia ser um trabalho prazeroso, às vezes se torna árduo devido ao grande número de alunos nas salas de aula, além de outras dificuldades conhecidas, como falta de apoio familiar para os alunos indisciplinados ou que necessitam de aulas de reforço, que acabam não frequentando.

Na verdade, é possível que tais obstáculos tenham se intensificado ainda mais. Isso ocorre principalmente devido à constante necessidade de refletir e repensar nossas metodologias de ensino, uma vez que as habilidades de leitura e escrita dos alunos sempre demandam nossa atenção e reflexão.

Além disso, há a pressão do sistema de ensino, que cobra resultados, levando os gestores a lembrarem repetidamente os professores de Matemática e de Língua Portuguesa sobre a importância de focar no preparo dos alunos para as avaliações.

Analisando e refletindo sobre a situação atual da educação básica no contexto da leitura e da escrita, percebo a importância de práticas pedagógicas eficazes que realmente possam beneficiar o ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas. Por isso, decidi desenvolver um projeto que aborda a produção de texto por meio do gênero entrevista, com o intuito de ajudar os alunos a aprimorarem sua produção escrita. Para isso, fundamentamo-nos nos conhecimentos teóricos da Linguística Textual e da Sociolinguística Variacionista.

O projeto foi realizado no primeiro semestre de 2025 com alunos do 8º ano D, que vêm de diferentes áreas da cidade, incluindo o centro, a periferia e a zona rural. Esses alunos pertencem a diversas realidades socioeconômicas, sendo filhos de pais e mães assalariados, autônomos e servidores públicos.

Devido à constante demanda do corpo docente da minha escola em relação ao trabalho com a leitura e, consequentemente com a produção de textos, juntamente com a minha própria necessidade de abordar esse tema, decidi escolhê-lo para elaborar o projeto de intervenção proposto pelo mestrado.

Existem alguns fatores que contribuem para o distanciamento dessa prática de leitura tais como pouca quantidade de aula, prazos com secretaria e coordenação, material estruturado a ser trabalhado no prazo delimitado, provas externas, entre outros.

Enquanto professora de Língua Portuguesa, acredito na formação de um estudante crítico. Lembrando de Paulo Freire (1988) que disse que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, temos que valorizar o conhecimento de mundo que esse estudante traz para a escola, ou seja, essa bagagem de conhecimento que cada um vai constituindo mediante sua vivência e experiência.

1.1 Organização da dissertação

Logo na introdução, apresentamos o meu memorial, que traz uma reflexão pessoal e profissional sobre minha trajetória na educação, bem como sobre as motivações que me levaram a realizar esta pesquisa.

No primeiro capítulo, apresentamos o universo que envolve a presente pesquisa, começando pela descrição da cidade de Mirassol d'Oeste, situada no estado de Mato Grosso, em que mostraremos como era antigamente até os dias de hoje, com uma população que reflete a diversidade cultural e social da região, e que se destaca por seu potencial agropecuário. Além disso é uma cidade que serve como ponto de referência para as cidades vizinhas.

Em seguida disponibilizamos a localização da Escola Estadual 12 de Outubro que é fundamental para a compreensão do contexto em que se desenvolve a investigação da turma. Dessa forma, esta instituição de ensino, com sua tradição e compromisso com a educação de qualidade, não serve apenas como um espaço físico, mas também como um ambiente propício ao aprendizado e ao desenvolvimento social.

Por conseguinte, temos o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola que é um documento fundamental que orienta as práticas educativas e que reflete a identidade da comunidade escolar abordando os princípios norteadores que buscam garantir uma formação integral aos alunos, promovendo valores de cidadania, respeito e inclusão.

Em continuidade, discorremos sobre a turma do 8º ano D, composta por alunos com características diversas, refletindo a pluralidade da sociedade em que estão inseridos. A análise do perfil desses estudantes é essencial para compreender as dinâmicas de aprendizagem e os desafios enfrentados no processo educativo.

Por fim, é importante fazer uma referência aos entrevistados do projeto, cujas contribuições foram fundamentais para a construção do conhecimento apresentado neste trabalho.

As entrevistas realizadas proporcionaram uma visão aprofundada sobre as práticas pedagógicas e as experiências vivenciadas, enriquecendo a análise e permitindo um diálogo contínuo entre teoria e prática.

Por meio desses relatos, buscamos evidenciar a importância da participação da comunidade escolar no processo educativo e na construção de um ambiente favorável ao aprendizado.

Assim, ao integrar as vozes dos entrevistados, este trabalho não apenas apresenta dados e informações, mas também valoriza as experiências e percepções daqueles que vivenciam o cotidiano escolar.

No capítulo 2, apresentamos o embasamento teórico que fundamenta a pesquisa realizada. A escolha dos temas abordados reflete a complexidade e a ligação entre diversos campos do conhecimento, buscando proporcionar uma compreensão mais abrangente da dinâmica da linguagem no contexto educacional. Nesse sentido, serão explorados conceitos centrais da Linguística Textual e da Sociolinguística.

Já no Capítulo 3, realizamos a análise das atividades desenvolvidas, tais como o texto inicial dos alunos, o gênero entrevista nas modalidades oral e escrita. Apresentamos também uma entrevista em vídeo que permitiu observar não apenas as interações presenciais entre entrevistados e entrevistadores, mas também as interações com o público. Entre as atividades também apresentamos a elaboração dos grupos e perguntas, a transcrição e revisão das entrevistas, bem como os dados obtidos durante o desenvolvimento do projeto.

Essa abordagem proporcionou uma visão abrangente sobre a importância de promover atividades sociointerativas que beneficiem o ensino e fortaleçam a escola.

Por conseguinte, especificamente no segmento "Mirassol em palavras: conectando gerações por meio de entrevistas", apresentamos o livro que compõe a construção, preservação e disseminação das memórias coletivas. Este capítulo convida à reflexão sobre as histórias compartilhadas nas entrevistas, destacando a relação profunda entre os eventos e a memória associada a eles.

Dessa forma, este capítulo não apenas enriquece a compreensão da produção do conhecimento como uma prática social, mas também enfatiza a importância das memórias coletivas como um patrimônio que deve ser reconhecido e preservado. Isso garante que as vozes de todos os setores da sociedade sejam ouvidas e respeitadas na construção de um futuro mais inclusivo e consciente.

1.2 Universo da pesquisa

Cidades pequenas… A internet é lenta, mas as fofocas são rápidas.
Virgin River (série)

Entender e aceitar nossa história pessoal implica em presentificar e manter vivas as tradições e culturas que deram origem e continuam influenciando outras, e que são transmitidas por meio da língua e da linguagem que utilizamos. Isso envolve

repensar nossas ideias e identidade, enquanto indivíduos que fazem parte de um grupo social.

Ao conhecer e reconhecer nossa própria história, nos conectamos com nossas raízes que nos ajudam a entender de onde viemos e como chegamos até aqui. E quando presentificamos e preservamos nossas tradições e culturas, estamos honrando nossos antepassados e ajudando a manter viva a nossa identidade.

Essas tradições e culturas são fundamentais para a formação de nossa personalidade e para a construção de nossa visão de mundo. Elas influenciam nossas crenças, valores, comportamentos e até mesmo nossa forma de se comunicar.

Quando reconstruímos conceitos e nos entendemos como sujeitos sociais, estamos fortalecendo nossa identidade e nossa conexão com a comunidade a qual pertencemos. Isso nos ajuda a nos situar no mundo e a encontrar nosso lugar na sociedade.

Portanto, conhecer e reconhecer nossa própria história é essencial para nos tornarmos pessoas mais conscientes, autênticas e solidárias, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

1.3 A Cidade de Mirassol d'Oeste – MT

Este trabalho de intervenção pedagógica que tem como principal objetivo, contribuir para a produção de leitura e escrita dos alunos, utilizando atividades centradas no gênero textual entrevista, foi desenvolvido na Escola Estadual 12 de Outubro, localizada na cidade de Mirassol d'Oeste – MT, região geográfica intermediária de Cáceres no estado de Mato Grosso.

Expomos aqui, um breve relato sobre o contexto histórico da cidade para melhor entendimento sobre as narrativas.

Em 1958, Antônio Lopes Molon, originário de Taquaritinga – SP e casado com Maria Aparecida Saber De Molon, manifestou seu interesse pelo estado de Mato Grosso, em particular pelas terras devolutas que atualmente estão localizadas no município de Mirassol d'Oeste.

Fotografia 1 – Antônio Lopes Molon e Benedito Cesário da Cruz



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra Ferreira dos Santos, 2024.

Antônio Lopes Molon, se juntou a Francisco Lopes Filho, José Lopes Garcia, Nircia Lopes D'Aurea, Walbert Lovisi Silva e Paulo Mendonça para dar vida a uma nova empresa de colonização. Juntos, decidiram formalizar o pedido de posse de uma área desabitada ao Instituto de Terras de Mato Grosso – INTERMAT.

À frente desse ambicioso projeto estava o senhor Antonio Lopes Molon, cuja visão empreendedora o impulsionou a liderar a iniciativa de criar um espaço seguro e saudável para acolher as famílias pioneiras que começavam a se estabelecer nessa nova terra.

Em 1961, o governador de Mato Grosso, Dr. João Ponce de Arruda, inaugurou a ponte Marechal Rondon, que se estendia sobre o Rio Paraguai. Esse marco monumental permitiu que os pioneiros vindos de São Paulo atravessassem suas águas, sinalizando o começo de um abrangente processo de colonização em terras matogrossenses.

No ano de 1962, precisamente em 6 de novembro, Antônio Lopes Molon veio a falecer antes de ver seu sonho se concretizar. Mesmo assim, seus sócios tiveram a determinação e empenho necessários para dar continuidade ao projeto, alguns deles até mudando-se para a região a fim de acompanhar de perto a realização dessa grande obra.

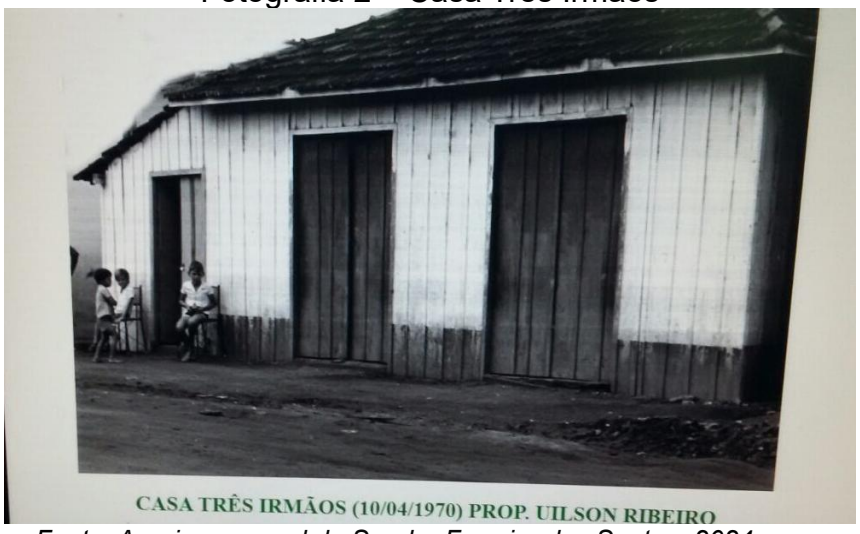
No coração da história dessa região, uma das primeiras famílias a deixar sua marca foi a de Cesário da Cruz. Sob a liderança de Benedito Cesário da Cruz, essa família se destacou como pilar fundamental na construção do que hoje conhecemos como "Patrimônio". Com uma habilidade de liderança notável, Benedito se tornou o orientador e organizador das atividades comunitárias, contribuindo de forma decisiva

para o desenvolvimento da localidade e ajudando a moldar a comunidade que aqui se formava.

No dia 28 de outubro de 1964, foi oficialmente fundado o povoado de Mirassol d’Oeste, com a colocação da pedra fundamental da primeira igreja a ser construída na futura cidade. Além disso, houve a cerimônia da bênção do cruzeiro e a celebração da santa missa realizadas pelo Padre Aimê Joseph André Taurines, mais conhecido como Padre Amadeu, da Diocese de Cáceres. Dessa forma, surgiu Mirassol d’Oeste, nome que se deve à origem dos primeiros habitantes, vindos da cidade de Mirassol, em São Paulo.

Na década de 1970, Paulo Mendonça inaugurou e oficializou um novo loteamento urbano chamado "Cidade de Mirassol d'Oeste", que logo atraiu migrantes não apenas de São Paulo, mas também de outros estados brasileiros.

Fotografia 2 – Casa Três Irmãos



Fonte: Arquivo pessoal de Sandra Ferreira dos Santos, 2024.

A cidade de Mirassol d'Oeste começava a se desenvolver, com a chegada das primeiras casas comerciais, o aumento do número de residências, a instalação de madeireiras, a construção do primeiro hospital e da primeira escola, que inicialmente era chamada de Escola Rural Mista de Mirassol d'Oeste e, posteriormente, de Benedito Cesário da Cruz. Com isso, dava-se início a uma grande jornada em direção ao futuro.

Fotografia 3 – Atual igreja católica Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Disponível em: http://www.mirassoldoeste.mt.gov.br/Fotos-Historicas/
Acesso em: 13 abr. 2024.

1.4 A Escola Estadual 12 de Outubro

A Escola Estadual 12 de Outubro, situada à Rua Nilma Pereira Leite, 1298, bairro Centro, no município de Mirassol d'Oeste, é mantida pela rede oficial de ensino do estado de Mato Grosso, por meio da Secretaria do Estado de Educação – SEDUC.

Fotografia 4 – Imagem da Escola Estadual 12 de Outubro



Fonte: Imagem da escola retirada do google Earth, 2025.

Em junho de 1998 foi incorporada a extinta Escola Estadual de Suplência "14 de Fevereiro", passando a denominar-se Escola Estadual 12 de Outubro e a oferecer, além do Ensino Fundamental regular, também a Educação de Jovens e Adultos nível fundamental e médio. Em seguida, a escola foi credenciada na Educação Básica pela Resolução CEB nº 039/2009, Diário Oficial de 30/03/2009 e autorizada para oferecer o Ensino Fundamental Regular pela Resolução CEB nº 065/09, Diário Oficial de 30 de março de 2009, e EJA Fundamental e Médio por meio da Resolução CEB nº. 103/2009 Diário Oficial de 3 de abril de 2009. Em 2024 recebeu a placa da SEDUC de Escola Formadora de Excelência.

Fotografia 5 – Placa recebida da SEDUC



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2024.

Atualmente, atende aproximadamente 500 alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental. Ela possui 29 professores efetivos e 10 contratados, e 15 servidores que trabalham como apoio e técnico administrativo, também entre efetivos e contratados.

Os alunos que são atendidos vêm de diferentes áreas da cidade, incluindo o centro, a periferia e a zona rural. São alunos que pertencem às diferentes realidades socioeconômicas, filhos de pais/mães assalariados, autônomos, servidores públicos,

e, parte deles mora com os avós. A diversidade de origens resultou numa grande disparidade no desempenho dos alunos.

A escola possui 16 salas de aula funcionando, sendo 11 de manhã, cinco à tarde. Dispõe de uma sala que é usada para sala dos professores, outra para biblioteca escolar e outra para laboratório de aprendizagem. Há também uma sala de recurso multifuncional, uma dependência administrativa, uma cozinha e dois banheiros com quatro divisões para sanitários, no pavilhão principal. No pavilhão anexo fica o refeitório que serve para palestras e eventos. Dispões também de uma quadra esportiva coberta em boas condições de uso.

Em relação à estrutura física da escola, todas as salas são amplas, arejadas e em bom estado de conservação. Cada uma possui um quadro de vidro, dois ares-condicionados e uma TV de 65 polegadas.

A sala dos professores é um espaço bastante apertado. Possui armários, murais de aviso, um computador com acesso à internet para uso dos professores para bater o *webponto* que nem sempre funciona, pois a internet é muito instável.

A equipe gestora da escola é formada por uma técnica na função de secretária escolar e uma professora pedagoga na função de coordenadora e um professor de Matemática na função de diretor.

1.5 O Projeto Político-Pedagógico da escola

O Projeto Político-Pedagógico – PPP da escola é um instrumento importante que revela sua identidade institucional, traduz sua cultura, evidencia a sua atual situação e mostra os caminhos para possíveis mudanças e adaptações. Nele, estão delineados os objetivos e metas que a comunidade escolar almeja atingir, além de nortear o caminho rumo a uma educação democrática e de qualidade.

O PPP é fundamental para promover a autonomia da escola, assegurando maneiras mais independentes e eficazes para se atingir metas, orientar as práticas pedagógicas e administrativas, garantir qualidade do ensino, promover a integração entre escola e comunidade, bem como buscar a prevenção da evasão escolar.

Na Escola Estadual 12 de Outubro, a elaboração do documento é um processo democrático que envolve ativamente toda a comunidade escolar, incluindo o Conselho Deliberativo da Comunidade Escolar – CDCE. Anualmente, esse documento passa por uma avaliação detalhada, em que ações são analisadas,

refletidas e questionadas. O PPP desempenha um papel fundamental como guia para as práticas educacionais no ambiente escolar, visto que discute referências, experiências e ações, buscando garantir que todos contribuam para um melhor desenvolvimento da educação por meio de uma gestão eficiente, organizada e comprometida com a missão educacional.

A filosofia da Escola Estadual 12 de Outubro é valorizar a qualidade do ensino por meio da valorização do ser humano, buscando desenvolver projetos que incentivem uma atitude reflexiva e crítica. Conforme a Constituição Federal de 1988 e a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, é fundamental que todos os alunos tenham o direito à aprendizagem ao longo de sua jornada escolar, pois acreditamos que uma sociedade não pode prosperar na alienação.

Assim, na Educação Básica, as aprendizagens estabelecidas na BNCC devem garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências gerais, que são essenciais para os direitos de aprendizagem e desenvolvimento no contexto pedagógico.

O objetivo de assegurar as competências é evitar interrupções no processo de desenvolvimento dos alunos ao mudarem de escola, município ou estado. Por meio de nossas ações, buscaremos fortalecer o respeito, a fraternidade, a postura e a ética profissional, reconhecendo cada indivíduo como único, mas sempre com uma perspectiva voltada para o coletivo, priorizando os interesses sociais em relação aos individuais, contribuindo para a formação de uma sociedade justa, fraterna e solidária, onde cada pessoa possa se desenvolver plenamente em todos os aspectos da vida.

A educação tem se expandido para além das paredes da escola, desafiando os educadores a repensarem suas práticas pedagógicas. Logo, tais desafios demandam novas alternativas ou o reforço das alternativas já experimentadas como, por exemplo, o estreitamento da relação entre escola e família, haja vista que a relação entre escola e família é fundamental, pois ambas devem agir como parceiras na educação das crianças, influenciando-se mutuamente. Com a participação da família e da comunidade, cria-se vínculos positivos e apoio à gestão escolar e aos trabalhos desenvolvidos naquele ambiente formador, além do mais, o aprendizado do aluno não se limita à escola; ele também ocorre por meio da família, amigos e mídias, daí a importância da parceria escola e família, escola e comunidade.

No Projeto Político-Pedagógico da Escola Estadual 12 de Outubro destaca-se a importância da relação entre escola e comunidade, enfatizando que a educação vai além dos muros escolares, portanto a participação ativa das famílias é considerada essencial para o sucesso educacional, pois a aprendizagem não acontece apenas na escola, mas também no ambiente familiar e social.

Para tanto, a E.E 12 de Outubro busca integrar a comunidade por meio de reuniões e eventos, reconhecendo que o apoio familiar contribui para o sucesso escolar, pois quando escola e comunidade colaboram, os resultados são visíveis e refletem na qualidade do ensino e no relacionamento interpessoal, tornando essa relação um elemento imprescindível na e para a educação.

A gestão da escola é democrática e participativa, e busca o envolvimento de todos os atores do processo educacional. Além disso, a escola adota procedimentos específicos de acolhimento para atender as famílias, reconhecendo que a compreensão do contexto familiar é fundamental para estabelecer um diálogo eficaz para um bom desenvolvimento do processo de aprendizagem, visto que a escola enfrenta desafios, como a desestruturação familiar e a falta de comprometimento de alguns responsáveis, fato que pode impactar negativamente a educação dos alunos. Diante disso, buscam-se entender as necessidades das famílias e mediar a relação entre pais, alunos e professores, visando um ambiente educacional mais colaborativo e eficaz.

O currículo representa a estrutura do conhecimento escolar. Deve assegurar, conforme os princípios educacionais, o acesso à aprendizagem e o progresso em competências e habilidades. Com essa proposta busca-se melhorar o acompanhamento do desenvolvimento cognitivo, motor, cultural e socioemocional dos estudantes, alinhando-se às competências gerais da BNCC.

Assim, a construção do conhecimento resulta no respeito pelo outro, no desenvolvimento pessoal e social. A organização curricular da escola está pautada, sobretudo, na lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96, na Base Nacional Comum Curricular, no Documento de Referência Curricular de Mato Grosso, além dos debates entre atores da comunidade escolar.

Na E.E. 12 de Outubro ofertamos o Ensino Fundamental anos finais, que estão organizados da seguinte forma: carga horária dos anos iniciais é de 800 horas divididas entre oito componentes curriculares: Língua Portuguesa (240h), Arte (40h), Educação Física (80h), História (80), Geografia(80), Ensino Religioso (40), Ciências

da Natureza (120) e Matemática (160h); já para os anos finais a carga horária é de 840 horas, divididas entre os componentes: Língua Portuguesa (200h), Arte (40h), Educação Física (80h), Língua Estrangeira (Inglês) (40h), História (varia de acordo com o ano podendo ser 80h ou 120h), Geografia (varia de acordo com o ano podendo ser 80h ou 120h), Ciências da Natureza (varia de acordo com o ano podendo ser 80h ou 120h) e Matemática (160).

Assim, o enfoque está em procedimentos didáticos que favoreçam a progressão da aprendizagem ao longo do Ensino Fundamental, promovam habilidades como pensamento crítico, comunicação, empatia e autonomia. Para isso, a escola realiza avaliações diagnósticas e intervenções pedagógicas para apoiar alunos com dificuldades, além de incentivar a participação em projetos educacionais, como Olimpíadas de Matemática e torneios escolares.

Para garantir a frequência dos alunos, a escola monitora a presença e contata as famílias em casos de infrequência. Se necessário, são tomadas medidas para reengajar alunos que estão em risco de abandono, incluindo atividades com apostila de recomposição de aprendizagem e apoio especializado. Vale ressaltar também que o compromisso da escola vai além do retorno dos alunos, isto é, busca-se garantir sua permanência por meio de acolhimento e políticas de suporte, monitoramento de sua participação em atividades para evitar novos casos de evasão.

Em relação à alimentação escolar, esta segue as orientações nutricionais da Coordenadoria de Alimentação Escolar da SEDUC e é organizada conforme um cardápio estabelecido, que pode ser ajustado conforme a disponibilidade de produtos.

Em conclusão, o Projeto Político-Pedagógico – PPP da nossa escola representa um compromisso coletivo com a formação integral dos nossos alunos, visando não apenas o desenvolvimento acadêmico, mas também a formação de cidadãos críticos e conscientes. Ao alinharmos nossas práticas pedagógicas às diretrizes e valores que permeiam a nossa comunidade escolar, buscamos promover um ambiente de aprendizado inclusivo e estimulante. Por meio da colaboração entre educadores, alunos e familiares, reafirmamos nossa missão de cultivar um espaço onde o conhecimento, a ética e o respeito ao próximo sejam sempre priorizados, garantindo que cada estudante possa trilhar um caminho de sucesso e realização pessoal. Portanto, seguimos firmes na implementação e revisão contínua do nosso

PPP, sempre abertos ao diálogo e à construção conjunta, pois acreditamos que essa é a chave para o fortalecimento da nossa identidade escolar e para a efetivação de uma educação de qualidade.

1.6 Os alunos do 8º ano D

Fotografia 6 – Turma do 8º ano D



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Os desafios relacionados à aprendizagem, leitura e escrita são questões comuns nas escolas e atingem alunos de todas as idades, o que os torna uma preocupação constante para nós educadores que geralmente concordamos que a sala de aula deve ser um ambiente democrático, mas também regulado por normas para garantir o bom funcionamento das aulas.

Este é, talvez, o maior conflito entre alunos e professores, já que os professores valorizam a disciplina, enquanto os alunos tendem a ser mais inquietos, o que é natural devido à própria idade.

Com os alunos do 8º ano da Escola Estadual 12 de Outubro, turma escolhida para desenvolver o projeto, não foi diferente.

Devido à constante demanda do corpo docente da nossa escola em relação ao trabalho com a leitura e, consequentemente a produção de textos, juntamente com a minha própria necessidade de abordar esse tema, decidi escolher essa turma para elaborar o projeto de intervenção proposto pelo mestrado.

Mesmo que na atualidade a facilidade de acesso à internet tenha possibilitado muitas outras formas de leitura, ainda encontramos inúmeros alunos com dificuldades em ler e escrever. Percebemos aí o nosso maior desafio que é fazer com que nossos alunos se tornem leitores, produtores de textos e ainda respeitem as diferenças.

Nesse sentido, compreender quem são esses alunos torna-se essencial. Os dados referentes ao perfil socioeconômico e geográfico da turma foram obtidos a partir das informações registradas nas fichas de matrícula e nos registros administrativos da instituição escolar. Nessa sala em questão, há 29 alunos advindos de diferentes áreas da cidade, incluindo o centro, a periferia e a zona rural. Trata-se de um grupo heterogêneo, composto por estudantes pertencentes a distintas realidades socioeconômicas como filhos de pais e mães assalariados, autônomos, servidores públicos, além de uma parcela que reside com os avós. Essas informações permitem compreender a diversidade do contexto familiar e social dos alunos, contribuindo para um planejamento pedagógico mais sensível às necessidades e especificidades da turma.

Ao perceber que os alunos possuíam uma grande dificuldade em produções textuais, ficou evidente que os desafios, frustrações e angústias iniciais como professora de Língua Portuguesa não sofreram grandes alterações desde o início da minha carreira pedagógica. Na verdade, é possível afirmar que tais obstáculos talvez tenham se intensificado ainda mais atualmente. Isso ocorre principalmente devido à constante necessidade de refletir e repensar nossas metodologias de ensino, uma vez que as habilidades de leitura e escrita dos alunos sempre demandam nossa atenção e reflexão.

Existem alguns fatores que contribuem para o distanciamento dessa prática de leitura tais como pouca quantidade de aula, prazos com secretaria e coordenação, material estruturado a ser trabalhado no prazo delimitado, provas externas, entre outros.

A fim de averiguar essa proposição e contemplar os objetivos, primeiramente, realizamos uma atividade diagnóstica com a turma utilizando o objeto escolhido para trabalhar no projeto, focando no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita.

O ano ainda era 2023 quando compartilhei com meus alunos que desenvolveríamos um projeto no próximo ano, em 2024. Solicitamos me relatassem

por escrito o que sabiam e gostavam sobre a cidade em que moravam. No entanto, encontramos certa resistência ao pedir essas sugestões. Enquanto a maioria dos alunos começou a escrever imediatamente, alguns hesitaram, justificando que não sabiam o que escrever ou que enfrentavam dificuldades em expressar suas ideias em palavras. No final, cinco alunos não conseguiram produzir nenhum texto, enquanto 24 (vinte e quatro) conseguiram fazê-lo, isto, a maioria dos alunos desenvolveram com êxito a atividade proposta.

Com o intuito de manter o foco em buscar respostas que seriam úteis para o projeto, discutimos com eles possíveis temas para desenvolver a intervenção. Em seguida, pedimos-lhes que escrevessem sugestões de temas e tipos de textos com os quais gostariam de trabalhar. Sugerimos textos de memórias, alguns falaram em entrevistas e, no entanto, finalizamos a ideia e confirmamos a seleção do tema: “Gênero entrevista: trabalhando a produção textual sobre a história de Mirassol d’Oeste – MT contada pelos alunos do 8º ano da Escola Estadual 12 de Outubro”.

Assim que o tema foi estabelecido, começamos a pensar na forma de desenvolvimento da proposta, pois um dos requisitos era o de romper com o estudo mecânico com textos que, geralmente, não representam situações reais de comunicação. Pensamos então que teria que partir de produções escritas pelos alunos, textos que fossem autorais e representassem a língua que usam no dia a dia. Mas como estimular a escrita?

Os alunos demonstraram interesse em começar as pesquisas o mais rápido possível. Ficou claro pela manifestação deles que estavam realmente engajados e interessados nas pesquisas. Notamos que eles ficaram um pouco frustrados ao ter que esperar até março do ano letivo de 2025, o que mostrava uma ansiedade em contribuir com o projeto e ver os resultados.

Como é extremamente importante aproveitar esse entusiasmo para manter o interesse dos alunos ao longo do tempo, garantindo que eles se sintam valorizados e totalmente envolvidos no processo de pesquisa, combinamos com eles para irmos num sábado à tarde na sorveteria e após isso, sugerimos que iríamos à praça. Eles amaram a ideia. Tal passeio contribuiu para o estreitamento de laços entre professora e alunos e para a discussão sobre a atividade proposta.

É evidente que a afetividade entre professor e aluno é um aspecto essencial no processo de ensino e aprendizagem, pois estabelece um ambiente propício para o desenvolvimento integral do estudante, tanto emocional quanto intelectualmente.

A construção de um vínculo afetivo positivo entre professor e aluno é fundamental para fomentar a motivação, a confiança e o engajamento por parte do estudante. Quando o aluno se sente amado, respeitado e valorizado pelo professor, tende a se sentir mais seguro para compartilhar suas dúvidas, dificuldades e conquistas.

É importante ressaltar que a afetividade não se resume apenas à demonstração de carinho, mas também à criação de um ambiente seguro e acolhedor, onde o aluno possa se expressar livremente. A valorização da individualidade do aluno, de sua bagagem cultural e de sua história de vida, é de extrema importância para a construção dessa relação afetiva, que se configura como uma via de mão dupla; ambos, professor e aluno, são influenciados por essa interação.

Quando um professor estabelece uma relação afetiva com seus alunos, ele também recebe afeto em retorno, o que fortalece seu vínculo com a turma e motiva seu trabalho. Como resultado, os alunos tendem a apresentar melhores resultados escolares, aumento da autoestima e maior interesse pelo aprendizado.

1.7 Os entrevistados

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistados oito participantes. A seleção dos entrevistados foi intencional, priorizando indivíduos que, por serem membros da família dos alunos-pesquisadores, demonstravam familiaridade e pertinência direta com o tema escolhido para este estudo.

Iniciamos com Genalva Bezerra[1], uma cabeleireira que reside há mais de 40 anos em Mirassol d'Oeste, no Mato Grosso. Ao longo dessas décadas, ela presenciou inúmeras mudanças e o crescimento do município. Sua perspectiva é valiosa, pois ela vivenciou as transformações que moldaram a cidade e pode compartilhar suas memórias, experiências e reflexões sobre o desenvolvimento local, a cultura e as pessoas que fazem parte dessa história.

Outro depoimento significativo veio de Alice Balzan Romanelo, mãe da aluna Natalia Romanelo, que vive na zona rural e trabalha como caminhoneira. Sua

[1] Os nomes dos entrevistados citados são verdadeiros, pois todos consentiram o uso dessas informações para fins acadêmicos.

contribuição foi essencial para entendermos o cotidiano e os desafios enfrentados na área rural.

Sandra Ferreira, mãe do aluno João Vitor e professora com longa trajetória em Mirassol d'Oeste, também trouxe suas impressões sobre a educação e a evolução da cidade ao longo dos anos. Já Juceli Senn, que foi professora de alguns de nossos alunos, compartilhou várias histórias que ilustram a rica história de Mirassol d'Oeste, tornando nosso entendimento ainda mais profundo.

Antônio Carlos Luz, um morador de longa data e proprietário de uma rádio local, contribuiu com informações sobre questões políticas e de infraestrutura que impactam a comunidade. Sua visão sobre a comunicação e seu papel na sociedade local foram extremamente valiosas para nossa pesquisa.

Anderson Aparecido Moura Ferreira, com 41 anos de idade e também morador de Mirassol d'Oeste, enriqueceu nossa pesquisa ao falar sobre as festas, tradições e a cultura que permeiam a cidade, revelando a importância desses elementos para a identidade local.

Silvaney Aparecido da Silva, pai do aluno Luiz Antonio, trouxe seu conhecimento sobre o esporte, destacando a relevância das atividades esportivas na formação da comunidade e na promoção da integração social.

Valdir Donizete de Souza compartilhou seu extenso conhecimento sobre a cidade, oferecendo uma visão abrangente que complementou as narrativas dos demais entrevistados.

Agradecemos a todos esses colaboradores por suas valiosas contribuições, que foram essenciais para a compreensão e a narrativa sobre Mirassol d'Oeste. Suas histórias ajudam a compor um panorama mais rico e diversificado da nossa pesquisa.

CAPÍTULO 2

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentamos as teorias que fundamentaram nossas reflexões e sustentaram nossa pesquisa, embasadas nos trabalhos de Fávero e Koch (2002), Marcuschi (2008), Annett Garrett (1991), Schneuwly e Dolz (2004), Bagno (2004), Mollica e Braga (2010), Faraco (2005) e Labov (2007) com o objetivo de desenvolver com os alunos, habilidades de comunicação oral e escrita por meio de uma sequência didática. Neste sentido, examinamos as teorias e conceitos relacionados ao tema. Ao explorar essas teorias, nossa intenção é entender a evolução do campo de estudo e ressaltar a importância da pesquisa proposta. Assim, esperamos que este capítulo ajude a criar uma conexão entre teoria e prática, que é fundamental para alcançar os objetivos da dissertação.

2.1 A Linguística e sua história

Não podemos falar de Linguística sem falar de Saussure, considerado o pai da Linguística Moderna, que revolucionou o estudo da linguagem quando seus discípulos, Bally e Sechehaye publicaram a obra **Curso de Linguística Geral**. Tal obra é tida como uma das mais importantes já publicadas até o presente momento em se tratando de estudos linguísticos. O livro foi organizado por seus alunos, a partir de anotações das aulas dadas por Saussure entre 1907 e 1911, na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Essa obra deu início ao estudo da Linguística como ciência da linguagem. Nela, Saussure estabeleceu as dicotomias: língua x fala; sincronia x diacronia; sintagma x paradigma e significante x significado, dentre outras. Tais especificações ainda são bases para estudos da língua na atualidade assim como foi na data de sua publicação, em 1916.

O nome linguística surgiu no século XIX para separar o estudo que visava analisar as línguas do estudo que o antecedia, ou seja, a filologia. Atualmente, a Linguística é uma área científica independente, com suas próprias teorias e métodos, e se distingue da gramática tradicional, que se baseia em abordagens mais antigas de estudo, em especial aqueles voltados para o estudo estático da língua.

A partir do estudo dos fenômenos linguísticos desenvolvidos por Saussure ocorre a separação entre a perspectiva histórica e a perspectiva não histórica. Como aponta Faraco (2011, p. 28),

> [...] é inegável que Saussure realizou um grande corte nos estudos linguísticos. Suas concepções deram condições efetivas para se construir uma ciência sincrônica da linguagem. A partir de seu projeto, não houve mais razões para não se construir uma ciência autônoma a tratar exclusivamente da linguagem considerada em si mesma e por si mesma, e sob o pressuposto da separação estrita entre a perspectiva histórica e não histórica.

Costa (2015, p. 114) destaca que, para Saussure, a linguagem é um sistema articulado, ou seja, uma estrutura organizada de elementos que se relacionam entre si. Essa visão pode ser exemplificada quando o estudioso compara a linguagem a um jogo de xadrez, no qual cada peça representa um elemento da estrutura linguística. Assim como no xadrez, o valor de cada peça é definido pelas regras internas do sistema, não pelo seu significado isolado ou por sua materialidade física. Pois, no xadrez, o que importa não é o movimento das peças, mas a posição que elas ocupam no tabuleiro. Da mesma forma, na Linguística, segundo Saussure, o que interessa não é como a língua sofre variação ao longo do tempo, mas como ela estrutura-se em um dado momento.

A abordagem linguística desenvolvida por Saussure destaca a importância de analisar a língua como um sistema estruturado, com regras próprias em que os elementos linguísticos estão conectados, mas seu entendimento não depende de contextos, logo, a relação com os demais componentes não se faz necessário. Essa perspectiva, conhecida como sincronia, concentra-se na distribuição e nas relações internas do sistema linguístico em um momento específico, ao passo que a diacronia estuda a evolução histórica da língua.

Para Saussure, a análise linguística deve focar na observação da estrutura. Prontamente, a língua é vista como um sistema autônomo de signos e regras compartilhadas por uma comunidade, ou seja, como o sistema de signos, regras e convenções que funciona de forma coletiva e estável, como se fosse um código que possibilita a comunicação; enquanto a fala é a manifestação individual, concreta e variável dessa língua, isto é, pode variar de acordo com emoções, contexto ou personalidade. Em resumo, a língua fornece a estrutura e o sentido às palavras, enquanto a fala representa sua manifestação concreta, sujeita a variações emocionais ou ambientais (Saussure, [1916] 2006, p. 26).

Saussure (2006) também introduziu os conceitos fundamentais, sintagma e paradigma, visando proporcionar o entendimento do funcionamento da linguagem. O sintagma refere-se à sequência linear das palavras na frase, ou seja, como elas se combinam na linha do discurso para formar uma mensagem coerente. O paradigma, por sua vez, diz respeito às alternativas de palavras que podem substituir uma determinada palavra na frase, destacando as possibilidades de escolha do falante.

Outro aspecto central na teoria de Saussure é a distinção entre significante e significado. O significante é a imagem acústica ou a forma física do signo — o som ou a representação escrita da palavra — enquanto o significado é a ideia ou conceito que essa palavra evoca na mente. Apesar de estarem ligados, eles são entidades distintas, formando duas faces de um mesmo signo. Essa relação exemplifica como a linguagem funciona como um sistema de diferenças: o sentido de um elemento depende das suas distinções em relação aos demais, e não de uma relação direta com o mundo externo (Saussure, 2006, p.79).

Uma característica importante do trabalho do linguista, que embora possa interessar-se pelo estudo de textos escritos e pelo modo como as línguas evoluem ao longo do tempo, é que sua atenção principal costuma estar nas línguas faladas. Isso ocorre porque as línguas faladas oferecem uma visão mais direta e dinâmica do uso cotidiano da linguagem, incluindo aspectos como pronúncia, entonação, ritmo e variações regionais. Além disso, ao analisar as línguas faladas em um período específico, o linguista consegue entender melhor as formas de comunicação em uso naquele momento, identificando padrões, mudanças e particularidades que podem não estar tão evidentes em textos escritos ou em estudos históricos mais amplos. Portanto, a ênfase do linguista está na análise das línguas faladas de uma determinada época, considerando essas manifestações como fonte principal de compreensão do funcionamento da linguagem na prática diária. Para reiterar a ideia, Weedwood (2002 p. 11) afirma que, “o linguista, embora possa se interessar por textos escritos e pelo desenvolvimento das línguas por meio do tempo, tende a priorizar as línguas faladas e os problemas de analisá-las num dado período de tempo”.

Já o “campo da linguística pode ser dividido por meio de três dicotomias: (1) sincrônica vs. diacrônica; (2) teórica vs. aplicada; (3) microlinguística vs. macrolinguística” (Weedwood (2002 p. 11).

Embora a análise de textos escritos e a evolução das línguas ao longo do tempo sejam aspectos relevantes, é no estudo das línguas faladas que o linguista frequentemente encontra seu foco principal.

Esta abordagem permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas linguísticas em um contexto específico, considerando as variações e sutilezas do uso cotidiano. Nesse panorama, o campo da Linguística se organiza em diferentes frentes, que podem ser compreendidas por meio de três dicotomias e cada uma dessas divisões traz à tona distintas perspectivas e metodologias que enriquecem a investigação linguística.

Assim, os desafios e as possibilidades de análise linguística se ampliam, favorecendo uma exploração mais abrangente da linguagem humana e se a língua estivesse diretamente conectada com a realidade, isso significaria que estudar a língua poderia nos ajudar a entender melhor como é essa realidade e a Linguística se tornaria uma área muito importante para compreendermos a realidade de maneira mais profunda, já que as palavras e a forma como a língua é organizada mostrariam ou representariam partes dela.

Ainda de acordo com Weedwood (2002, p. 35),

> A moderna análise linguística insiste na necessidade de tomar o texto como unidade básica de análise, levando em conta as propriedades de coesão e coerência, entre outras. O estudo de uma frase isolada só faz sentido se for associado ao estudo de todas as demais frases do texto e das articulações que se estabelecem entre elas. As gramáticas de feitio tradicional, no entanto, continuam a transmitir a crença de que a frase contém uma totalidade semântica própria, que dispensa uma análise mais ampla do contexto em que surgem.

A análise linguística mais atual entende que o texto completo deve ser o foco do estudo da linguagem. Para entender bem uma mensagem, é importante observar como as ideias se ligam e fazem sentido juntas. Por isso, estudar uma frase sozinha só vale a pena quando ela é analisada junto com as outras, considerando as relações dentro do texto.

Mesmo assim, as gramáticas tradicionais ainda acreditam que a frase, por si só, já tem sentido completo, sem precisar olhar o contexto em que aparece.

Outro ponto importante é que a língua é considerada arbitrária. Isso significa que não existe uma ligação natural entre as palavras e o que elas representam. Os significados são criados pelas pessoas e mudam conforme a comunidade linguística.

Por isso, o estudo da língua dá mais atenção às regras, às estruturas e ao uso das palavras, em vez de buscar uma ligação direta com a realidade.

2.2 Linguagem: a chave para a comunicação

Não podemos trabalhar com a produção textual sem antes falar de linguagem. A ideia de linguagem deve ser considerada ligando o sujeito, a cultura, o passado e a comunidade em um ambiente de diálogo sociointeracionista, que permite reforçar as formas de comunicação existentes na sociedade. Tal consideração é possível encontrar nas Orientações Curriculares de Mato Grosso (2010, p. 11) em que diz que “As linguagens são construídas historicamente na interação social [...] ligadas intrinsecamente ao modo como o ser humano produz, (re)constrói, (re)significa e sustenta as práticas sociais”.

Para Fiorin (2018, p. 13), “A linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos e que ela responde a uma necessidade natural da espécie humana, a de comunicar-se”. Neste trecho, Fiorin destaca a importância da linguagem como uma necessidade humana. Defende que a aprendizagem da linguagem não é um processo automático e instintivo como respirar ou comer, mas sim um processo que necessita de ensino e prática e o indivíduo pode se expressar e se comunicar com outras pessoas, utilizando a fala, a escrita, gestos, entre outras formas de linguagem.

O autor ressalta que, embora a capacidade de linguagem seja inata no ser humano, a forma como ela é expressa e compreendida varia de acordo com a língua que o indivíduo aprende durante sua vida. Assim, a linguagem é uma habilidade que precisa ser desenvolvida e aprimorada ao longo da vida, e a aprendizagem de uma língua específica é essencial para que o indivíduo consiga se comunicar de forma eficaz e transmitir suas ideias, pensamentos e sentimentos de maneira clara e compreensível.

Seguindo essa linha de pensamento, Fiorin (2018) explica que mesmo que linguagem seja uma necessidade humana, diferentemente de outras como, por exemplo, respirar ou comer, ela deve ser aprendida por meio de uma língua, para que assim o indivíduo possa se expressar por meio de atos da fala, definindo a língua, então, como “um sistema de signos específicos aos membros de dada comunidade” (Fiorin, 2018, p. 14).

A língua é um sistema de comunicação usado por uma comunidade que compartilha os mesmos elementos e regras. Dentro de uma língua existem variações de acordo com diferentes influências, como sociais, econômicas e regionais.

A linguagem pode ser definida como a habilidade única dos seres humanos de se comunicar, seja por meio da fala ou da escrita, gestos, sinais, imagens, símbolos e outros métodos. Ela pode ser dividida em linguagem verbal, que envolve a língua falada ou escrita, e linguagem não verbal, que inclui elementos como imagens e símbolos.

Já Antunes (2007) nos faz refletir sobre a importância de ampliarmos nosso olhar sobre o tema trazendo uma visão mais completa apresentando a ideia de que a língua é muitas vezes reduzida a um conjunto de signos. Assim, ele nos alerta para o fato de que, ao enxergarmos a língua apenas como morfossintaxe, acabamos limitando seu ensino nas escolas, desconsiderando suas condições de uso.

Nesse sentido, ele entende a linguagem como interação social, considerando que as ações de linguagem são realizadas durante a interação com outro interlocutor e que durante as atividades comunicacionais os indivíduos se ajustam à situação.

A linguagem, para (Marcuschi, 2008, p. 22), “[...] não é estrutura apenas, mas não é também um simples fruto de determinismos externos. A linguagem é vista, pelos interacionistas, sobretudo como forma de ação e, neste caso, deve ser analisada como atividade e não com estrutura [...]”. Mesmo estando em constante contato com outras pessoas que falam a mesma língua, cada indivíduo irá adquirir e desenvolver sua linguagem de maneira única e personalizada. É importante destacar que a aquisição e o desenvolvimento da linguagem são processos individuais e que cada indivíduo tem sua própria trajetória nesse sentido. Apesar de estarmos em contato constante com outras pessoas que falam a mesma língua, a maneira como nos apropriamos e utilizamos a linguagem é única e particular de cada um.

A forma como cada pessoa se expressa e se comunica é influenciada por diversos fatores, como sua personalidade, experiências de vida, educação, entre outros. Dessa forma, as adaptações e assimilações da linguagem de cada indivíduo seguirão o seu próprio ritmo, de acordo com suas necessidades e objetivos comunicativos.

As pessoas usam e partilham a língua tão bem precisamente porque ela é um sistema em constante interação com seus conhecimentos partilhados sobre o seu mundo e sua sociedade (Marcuschi, 2008, p. 81). Assim, as pessoas compreendem e dominam a língua com base em sua interação contínua com outros falantes, internalizando as regras e padrões, adaptando-se às mudanças e inovações que surgem, interagindo, compartilhando suas experiências, conhecimentos e pontos de vista, contribuindo para o enriquecimento ainda maior no seu uso da língua.

O ser humano usa a língua de uma maneira que ela reflete sua compreensão e interpretação do mundo ao seu redor. Ele seleciona palavras, expressões e estruturas de acordo com o contexto em que está inserido, transmitindo com sucesso suas ideias e pensamentos.

Ao fazer o uso da língua de forma eficaz, percebe-se que ela é um sistema dinâmico e em constante interação com seus conhecimentos compartilhados sobre o mundo e a sociedade em que vivem. Esse constante diálogo e compartilhamento de informações entre os falantes contribui para a evolução e enriquecimento da língua, tornando-a um meio eficaz de comunicação e expressão.

A linguagem é essencial para a interação entre os indivíduos, pois é por meio dela que nos comunicamos, expressamos nossos pensamentos, sentimentos e ideias. É nesse jogo de interlocução que as regras da linguagem são estabelecidas e seguidas. Dessa forma, a linguagem não pode ser compreendida apenas como um sistema de regras gramaticais, mas sim como uma prática social que se desenvolve na interação entre os indivíduos.

É por meio da linguagem que construímos nossa identidade, estabelecemos relações sociais, compartilhamos conhecimento e experiências, podemos compreender e ser compreendidos, estabelecendo vínculos e criando significados em nossas relações interpessoais, além de percebermos que é uma ferramenta fundamental para a comunicação.

É importante que nós professores utilizemos uma abordagem pedagógica centrada no aluno, que promova a participação ativa dos estudantes, estimulando a reflexão crítica e incentivando a expressão de ideias de forma clara e coerente. Para isso, é essencial que haja um ambiente escolar acolhedor e inclusivo, onde cada aluno se sinta valorizado e respeitado em sua individualidade.

O ser humano, em geral, possui uma capacidade de adaptar-se e aprender com essa diversidade linguística. Assim, fica evidente que a nossa habilidade única

de nos expressar-nos de maneiras diferentes e de nos conectar uns com os outros é por meio da linguagem. Além disso, a linguagem humana é dinâmica, o que significa que está sempre se transformando e se adaptando às necessidades dos falantes. Novas palavras e expressões são constantemente adicionadas ao vocabulário, enquanto outras caem em desuso, e para isso é importante ter em mente essa natureza em constante evolução ao estudar, analisar e usar a linguagem humana de maneira eficaz.

Por isso, ao trabalharmos com a linguagem em sala de aula, precisamos reconhecer que os estudantes trazem consigo diferentes formas de falar, diferentes referências culturais e diversas experiências de comunicação. Essa variação linguística deve ser vista como riqueza, e não como erro. Cabe ao professor orientar o aluno para que compreenda quando e como usar cada variedade da língua, ampliando suas possibilidades de comunicação, sem desvalorizar a forma como ele fala no seu dia a dia.

Nesse sentido, o ensino de língua deve ir além da simples memorização de regras gramaticais. É necessário incentivar o estudante a interpretar, analisar e produzir textos em diferentes situações e gêneros, ajudando-o a perceber que a linguagem se constrói sempre em contextos reais. Assim, a prática da leitura e da escrita torna-se significativa, pois permite que o aluno desenvolva autonomia para se expressar com clareza e participar de forma crítica na sociedade.

Além disso, é fundamental que o professor trabalhe com recursos variados, como vídeos, músicas, debates, redes sociais e outras ferramentas que fazem parte da vida dos alunos. Essa aproximação entre o conteúdo escolar e o cotidiano dos estudantes torna o processo de aprendizagem mais interessante e eficaz, mostrando que a língua está presente em todos os espaços e que seu uso é essencial para a convivência e a construção do conhecimento.

Dessa forma, quando articulamos teoria e prática no ensino da linguagem, contribuímos para formar sujeitos capazes de compreender o mundo e de se posicionar diante dele, com respeito, responsabilidade e consciência crítica. Afinal, dominar diferentes formas de comunicação amplia oportunidades, fortalece a cidadania e promove inclusão social.

2.3 A Linguística Textual

A Linguística Textual surgiu na Alemanha durante a década de 1960, marcando um momento de significativo crescimento e aprofundamento na compreensão dos textos e de suas dinâmicas. Foi nesse período que ocorreu um verdadeiro aumento de interesse e pesquisa na área, impulsionado pelos estudos realizados em centros acadêmicos destacados como Münster, Colônia, Berlim Oriental, Constança e Bielefeld.

Essa área da Linguística tem como objetivo entender as características dos textos, como eles se conectam, fazem sentido e se organizam, tanto na fala quanto na escrita. Assim, podemos compreender melhor como a comunicação acontece, pois essa vertente da Linguística, busca analisar as características e estruturas dos textos, considerando aspectos como coesão, coerência, organização e funcionalidade, contribuindo assim para uma compreensão mais aprofundada da comunicação escrita e falada.

É importante mencionar o histórico da Linguística Textual e os avanços dos estudos nessa área, destacando a importância de estudar o texto de forma interacional.

De acordo com Fávero e Koch,

> A linguística textual constitui um novo ramo da linguística, que começou a desenvolver-se na década de 60, na Europa, e, de modo especial, na Alemanha. Sua hipótese de trabalho consiste em tomar como unidade básica, ou seja, com objeto particular de investigação, não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem. A origem do termo *linguística textual* pode ser encontrada em Cosériu (1955), embora, no sentido que lhe é atualmente atribuído, tenha sido empregado pela primeira vez por Weinrich (1966, 1967) (Fávero; Koch, 2002, p. 11).

O foco principal desse ramo da Linguística é analisar o texto como a unidade básica de investigação, ao invés da palavra ou da frase, reconhecendo que o texto é a forma específica de manifestação da linguagem. Esse novo enfoque permite uma compreensão mais abrangente da comunicação, considerando não apenas a estrutura gramatical, mas também a coesão, a coerência e a função dos textos em contextos sociais e culturais.

Assim, o texto abre espaço para uma nova abordagem na análise linguística, que se concentra nas propriedades e dinâmicas dos textos, visando entender como eles funcionam em prática e como são interpretados pelos leitores.

A Linguística Textual surgiu como uma abordagem inovadora que buscava compreender a língua além da análise puramente gramatical, explorando as relações entre as diferentes partes de um texto e como elas contribuem para o seu significado global e assim,

> [...] passou a ter como centro de preocupação não apenas o texto em si, mas também todo o contexto - no sentido mais amplo do termo (situacional, sociocognitivo e cultural) - e a interferência deste na constituição, no funcionamento e, de modo especial, no processamento estratégico interacional dos textos, vistos como a forma básica de interação por meio da linguagem (Koch, 1997, p. 75).

Essa nova perspectiva permitiu aos linguistas examinarem não apenas a estrutura da língua, mas também o seu uso comunicativo e a sua função social. Marcuschi (1983, p. 12-13), a esse respeito diz para olharmos a

> Linguística do Texto, mesmo que provisória e genericamente, como o estudo das operações linguísticas e cognitivas reguladoras e controladoras da produção, construção e recepção de textos escritos e orais. Seu tema abrange a coesão superficial ao nível dos constituintes linguísticos, a coerência conceitual ao nível semântico e cognitivo e o sistema de pressuposições e implicações ao nível pragmático da produção do sentido no plano das ações e intenções. Em suma, a Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas.

A Linguística Textual busca analisar a linguagem em seu contexto social e interativo, investigando como os elementos linguísticos se organizam e interagem para criar significado.

Com a Linguística Textual como ferramenta, buscamos potencializar a comunicação e a expressão dos participantes, permitindo que eles alcancem seus objetivos de forma mais eficaz e assertiva, permitindo uma compreensão mais ampla e dinâmica do processo de produção textual e das diversas variantes linguísticas presentes na escrita dos alunos. Isso permitiu uma compreensão mais profunda e ampla do texto, levando em consideração não apenas sua forma, mas também seu conteúdo, contexto e propósito comunicativo.

Nessa direção, a pesquisa realizada com moradores da cidade possibilitou trazer essa concepção para a prática, ao considerar a realidade sociocultural dos participantes como parte essencial da construção dos sentidos. Por meio das entrevistas, os alunos tiveram acesso a discursos autênticos, produzidos no contexto em que vivem, o que os motivou a refletir sobre as formas de organização textual e a

reconhecer o texto como resultado de interações reais. Essa vivência contribuiu para que compreendessem a importância de adequar a linguagem aos diferentes interlocutores e situações comunicativas, reforçando o papel da escola como mediadora de práticas sociais de linguagem.

Antes da Linguística Textual, a análise se limitava apenas à estrutura e organização das frases individuais. No entanto, com os avanços dos estudos nessa área, passou-se a compreender o texto como uma unidade complexa que envolve não apenas as características linguísticas de cada frase, mas também as relações e interações entre elas.

O uso da língua na interação social e em um contexto específico, conhecido como funcionalismo linguístico, é estudado pela Linguística Textual, uma subárea da Linguística moderna (Fávero; Koch, 2000). Este campo de estudo se dedica ao entendimento de como a língua é empregada de forma eficiente e adequada em diferentes situações comunicativas, levando em consideração o contexto em que a interação ocorre. Contribuição bastante significativa para Linguística Textual é o que fala Koch (1991, p. 58):

> A Linguística do Texto é constituída de princípios e/ou modelos cujo objetivo não é predizer a boa ou má formação dos textos, mas permitir representar os processos e mecanismos de tratamento dos dados textuais que os usuários põem em ação quando buscam compreender e interpretar uma sequência linguística estabelecendo o seu sentido e, portanto, calculando sua coerência.

Dessa forma, a Linguística Textual busca compreender como os elementos linguísticos são utilizados para transmitir mensagens de forma clara, relevante e coerente, levando em conta os aspectos sociais, culturais e pragmáticos envolvidos na comunicação.

No início de seu surgimento, essa linha de estudos não se preocupava com o texto em si, pois, de acordo com Koch (2004, p. 7), a Linguística Textual “teve inicialmente por preocupação descrever os fenômenos sintático-semânticos ocorrentes entre enunciados ou sequências de enunciados, alguns deles, inclusive, semelhantes aos que já haviam sido estudados no nível da frase”.

A Linguística Textual também se interessa pela relação entre o texto e o contexto em que é produzido, levando em consideração aspectos sociais, culturais e discursivos que influenciam a interpretação do texto. Dessa forma, essa abordagem visa compreender como o texto se relaciona com o mundo ao seu redor e como ele é modificado pela interação com os leitores.

Assim, a pesquisa desenvolvida pelos alunos por meio de entrevistas reforçou essa concepção, pois partiu da realidade sociocomunicativa dos participantes para a construção do conhecimento em sala de aula. Ao entrarem em contato com relatos e discursos autênticos de sua própria comunidade, os alunos puderam perceber que a produção textual não é um ato isolado, mas um processo diretamente influenciado pelo contexto social em que estavam inseridos. As entrevistas possibilitaram que os estudantes reconhecessem a importância do interlocutor, do propósito comunicativo e da adequação da linguagem às situações reais de comunicação, colocando em prática os princípios da Linguística Textual e atribuindo maior sentido às atividades de escrita desenvolvidas em sala.

2.4 Linguística Textual no Brasil

Com o avanço dos estudos linguísticos a partir da década de 1960, passou-se a dar mais importância à análise do texto como um todo, levando em consideração não apenas a estrutura da frase, mas também o contexto, a intenção do autor, as relações de sentido presentes no texto, entre outros elementos.

Nos anos de 1980 iniciou-se a trajetória da Linguística Textual no Brasil, sendo mais específica, começou pelos professores Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch. A influência desses dois mestres ainda é evidente nos estudos da área, em todas as tentativas, sejam elas bem-sucedidas ou não, de valorizar o texto como foco de análise.

Não podemos deixar de mencionar o nome desses estudiosos, pois foram responsáveis por iniciar as pesquisas nesse campo linguístico no Brasil. De acordo com Marcuschi, a Linguística Textual é uma das linhas mais promissoras da Linguística atual, permitindo uma investigação ampla e aprofundada de seu objeto de estudo.

De acordo com Cavalcante (2016, p. 8), “Marcuschi e Koch inauguraram a Linguística Textual no Brasil sem nunca se furtarem a trazer para a pauta de discussão outras perspectivas linguísticas que lidam com o texto, garantindo, assim, o debate interdisciplinar que desde sempre encampamos”.

O falante se comunica não apenas por meio de frases isoladas, mas sim por meio de um texto completo, que pode conter múltiplas frases e diversas camadas de significado. Portanto, para compreender efetivamente a comunicação, é essencial

analisar o texto como um todo, levando em consideração sua estrutura, seu tema, seu estilo, seus recursos linguísticos, entre outros aspectos que contribuem para a construção do sentido.

Geraldi (1996, p. 64), afirma que

> Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática – que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua; aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá seu sentido.

Percebemos aí, a importância da reflexão sobre a linguagem para a compreensão de uma gramática, pois ao aprender a refletir sobre a linguagem, a pessoa é capaz de compreender a gramática não apenas como um conjunto de regras a serem decoradas, mas sim como o resultado de um processo de reflexão sobre a língua em si.

Dessa forma, é importante ressaltar que a Linguística Textual apresenta uma abordagem única, pois não se limita apenas à descrição e nem ao texto em si, como também busca interpretar os textos com base no contexto das práticas discursivas. O foco está em valorizar o texto, levando em consideração as práticas de linguagem, com um interesse especial na produção e compreensão dos significados transmitidos por diferentes formas de linguagem.

Assim, a abordagem linguística atual valoriza a análise do texto como unidade de significado, reconhecendo a importância de se considerar não apenas a estrutura da frase, mas também o contexto mais amplo em que o texto está inserido. Essa perspectiva mais abrangente permite uma compreensão mais aprofundada da comunicação verbal e das diversas nuances presentes na produção e interpretação dos textos.

2.5 O que é um texto e como ele se constitui

A produção textual é uma área crucial na Linguística Textual, explorando como as palavras se organizam para comunicar efetivamente. Aspectos como coesão, coerência e estrutura são fundamentais para garantir a clareza e a compreensão do texto. Para (Fiorin, 2007), o texto é um todo organizado de sentido, o que quer dizer que suas partes se interrelacionam, ou seja, que ele possui uma estrutura. Além de ser um objeto linguístico, é um objeto histórico. Sendo o texto uma unidade de sentido, ele vai além das palavras isoladas, pois ele é também uma

manifestação comunicativa que possui uma estrutura organizada, envolvendo elementos como coesão, coerência e contexto.

Parafraseando Fiorin (2007), percebemos que o texto é um fenômeno dinâmico, sendo construído e interpretado, considerando as relações entre suas partes e o contexto em que está inserido. Sua visão enfatiza a compreensão do texto como uma unidade significativa e complexa, indo além da mera sequência de palavras.

Além disso, um texto também pode ser considerado um objeto histórico, pois reflete o contexto cultural, social, político e histórico em que foi produzido. Ele pode expressar ideias, valores e visões de mundo característicos de uma determinada época ou comunidade, portanto um texto é uma construção complexa e significativa, que vai além de uma simples combinação de palavras, ele carrega consigo tanto uma estrutura interna quanto uma relação com o seu contexto histórico.

As características individuais dos falantes também contribuem para a heterogeneidade da linguagem, podendo apresentar desafios na comunicação, como dificuldade de compreensão entre diferentes grupos linguísticos.

Marcuschi (2008, p. 79) afirma que “o texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais entre os quais a língua é o sistema mais importante”. Isso nos sugere que o texto é um sistema de escolhas que é constantemente atualizado e que é baseado em sistemas virtuais, sendo a língua o sistema mais crucial nesse contexto.

Esses sistemas virtuais influenciam diretamente a maneira como as pessoas se comunicam e interagem, assim como a forma como o texto é construído e interpretado. Isso significa que o texto como forma de comunicação é dinâmico e sofre alterações, conforme novas informações e contextos surgem.

A língua, por sua vez, é apontada como o sistema mais importante nesse contexto, pois é por meio dela que as informações são transmitidas e interpretadas. A escolha das palavras, a gramática e a estrutura das frases são todos elementos cruciais no processo de comunicação por meio do texto. Além disso, a língua é um reflexo da cultura e da sociedade em que está inserida. Sua relevância no compartilhamento de informações e significados não podem ser deixadas de lado.

A afirmação de que o texto é um sistema atualizado de escolhas extraído de sistemas virtuais e em que a língua desempenha o papel mais importante, ressalta a

natureza dinâmica e complexa da comunicação escrita e a importância da língua como ferramenta fundamental nesse processo.

É visível que a estruturação da língua é fundamental para que o aluno possa compreender e utilizar a língua de forma eficaz. Ao conhecer a estrutura gramatical e as regras da língua, o aluno pode não só comunicar melhor como também tem a capacidade de fazer uso dessas regras de forma consciente e criativa.

Ao ensinar a língua, devemos incentivar os alunos a questionar, a pensar criticamente e a desenvolver suas habilidades linguísticas de forma livre e democrática. Os valores de liberdade, inconformismo e democracia devem estar presentes no ensino da Língua Portuguesa, pois, por meio da linguagem, os indivíduos podem expressar suas ideias, defender seus pontos de vista e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

2.6 Coesão e coerência

A Linguística Textual se dedica ao estudo da organização e funcionamento dos textos. Ela se preocupa em analisar como os textos são produzidos, interpretados e compreendidos pelos falantes de uma determinada língua. Para Antunes (2010, p. 30), “todo texto é a expressão de algum propósito comunicativo”. Isto é, todo texto tem como principal finalidade a função comunicativa.

Para tornar um texto coeso, é preciso estabelecer conexões entre os enunciados, garantindo assim a fluidez e a compreensão do leitor. A coesão textual se baseia em elementos linguísticos que promovem a ligação entre as partes do texto, como pronomes, conjunções, advérbios, entre outros. Esses elementos ajudam a manter a unidade e a organização do texto, fazendo com que as ideias sejam apresentadas de forma clara e ordenada.

A coesão refere-se aos elementos que garantem a conexão entre as partes de um texto, como pronomes, conjunções e advérbios, enquanto a coerência diz respeito à lógica interna do texto, ou seja, à sua capacidade de transmitir uma mensagem clara e compreensível. A intencionalidade está relacionada ao propósito comunicativo do texto, ou seja, à razão pela qual ele foi produzido. Sobre isso, Mello (1999 p. 2) diz que a

> coesão textual é um fator importante do texto que se refere à conexão de palavras, expressões ou frases dentro de uma sequência. O texto coeso se constrói com elementos de ligação que podem ser pronomes, verbos,

> advérbios, conectores coesivos (termos e expressões); e sem sequenciadores, sendo o lugar do conector marcado por sinais de pontuação (vírgula, ponto, dois pontos, ponto e vírgula).

Os conectivos, como conjunções e advérbios, são essenciais para indicar relações de causa, consequência, oposição, entre outras. Os pronomes garantem a continuidade na referência a termos já mencionados no texto, evitando repetições desnecessárias. As referências permitem retomar informações anteriores de forma coesa.

Assim, ao utilizar os recursos de coesão de maneira eficaz, o autor consegue estabelecer uma ligação sólida entre os enunciados, facilitando a compreensão do leitor e garantindo a eficácia comunicativa do texto. Para confirmar isso, Mello (1999, p. 1) diz que

> o texto é composto de grupos de enunciados e para produzi-lo e fazer com que seja entendido se faz necessária a habilidade do falante/escritor para falar/escrever. Para se ter textos, que são frases interligadas e não um monte de palavras soltas, é necessário haver uma produção linguística, pois o texto é uma criação falada ou escrita que forma um todo significativo. Os textos são considerados unidades da língua com uma função comunicativa definível, caracterizando-se por vários fatores textuais: contextualização, coesão, coerência, intencionalidade, informatividade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade.

Uma das abordagens da Linguística Textual é a análise dos fenômenos textuais por meio de uma gramática de enunciado, ou seja, de uma estrutura que permite identificar e descrever as unidades linguísticas que compõem um texto. Essa gramática considera não apenas as características gramaticais e sintáticas das frases, mas também elementos como coesão, coerência e intencionalidade do texto.

Por definição, a coesão refere-se à utilização dos elementos que promovem a ligação e a continuidade entre palavras ou frases, de modo a formar uma sequência coesa. Neste segmento, exploraremos as opiniões de diversos autores a respeito desse tema.

Dentre as contribuições de Marcuschi sobre a coesão, uma delas é que “os fatores de coesão são aqueles que dão conta da sequenciação superficial do texto, isto é, os mecanismos formais de uma língua que permitem estabelecer, entre os elementos linguísticos do texto, relação de sentido” (Marcuschi, 1983, p. 38).

Reforçando o que Marcuschi (1983) diz, temos os subsídios de Koch (2013, p.45) sobre coesão: “O fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados entre si, por

meio de recursos também linguísticos, formando sequências veiculadoras de sentidos.”

Parafraseando Koch (2013) que estabelece duas classificações para os elementos coesivos, sendo elas a coesão por referenciação e a coesão por sequenciação, a coesão textual é a maneira como os mecanismos linguísticos são utilizados para conectar as ideias dentro de um texto, garantindo a progressão do discurso e a compreensão do conteúdo.

Ainda de acordo com Koch (2013, p. 53), “a progressão textual pode fazer-se com ou sem elementos recorrentes”. Assim, temos dois tipos de progressão:

a) a sequenciação frástica, sem elementos recorrentes. Ou seja, a organização da frase sem elementos repetidos.

b) e a sequenciação parafrástica, que apresenta procedimentos de recorrência, sendo ela à qual tem a organização da frase com procedimentos repetidos.

Ainda com o objetivo de compreendermos melhor a questão da coesão textual, temos a versão de Fávero (1991, p. 9) sobre o assunto:

> [...] um conceito semântico referente às relações de sentido que se estabelecem entre os enunciados que compõem o texto; assim, a interpretação de um elemento depende da interpretação de outro. O sistema linguístico está organizado em três níveis: o semântico (significado), o léxico-gramatical (formal) e o fonológico ortográfico (expressão). Os significados estão codificados como formas e estas, realizadas como expressões. Desse modo, a coesão é obtida parcialmente através da gramática e parcialmente através do léxico.

Os conceitos apresentados por Fávero (1991, p. 9) acerca da coesão estão de acordo com as ideias de Koch (2013), que destaca a importância da coesão nos níveis gramatical e lexical, ou seja, na organização das palavras de acordo com as regras da língua, visando à coesão do texto como um todo. Assim, a forma como as palavras são dispostas e interligadas é influenciada, na maioria das vezes, pelo aspecto formal.

De acordo com Fávero (1991), a coesão representa uma divisão em termos de função, que se refere aos mecanismos que contribuem para a construção do texto, e não uma classificação baseada em classes de palavras ou vocabulário. A autora sugere a seguinte divisão com base nessa relação funcional: coesão referencial, coesão recorrencial e coesão sequencial *stricto sensu.*

Conforme Fávero (1991, p. 9), a coesão referencial se dá por meio de palavras da língua que não têm sua interpretação semântica por si só, é necessário fazer referência a alguma coisa para que aquela tenha sua significação. A referência

é subjetiva e está presente no pensamento do leitor, podendo ser associada a diferentes coisas dependendo do contexto em que o leitor está inserido. A ideia de que a referência é abstrata se deve ao fato de que ela é percebida de forma isolada e não carrega significado algum até ser relacionada aos referentes.

Parafraseando Fávero (1991), a coesão recorrencial ocorre quando há referências a estruturas, itens ou sentenças anteriores no texto, ao mesmo tempo em que são introduzidas novas informações para dar continuidade à progressão textual. Neste sentido, as informações já mencionadas são relacionadas com novas informações, mantendo a coesão do texto. A recorrência pode se dar por meio de diferentes elementos, tais como a repetição de termos para enfatizar o que foi dito, o uso de paralelismo, a paráfrase, os recursos fonológicos, segmentais e suprassegmentais.

A coesão sequencial *strictu sensu* difere da coesão recorrencial, já que não se trata de retomar estruturas, itens ou sentenças, mas sim de manter a fluidez do texto. Essa coesão pode ser alcançada por meio da sequenciação temporal, que tem como objetivo situar o leitor no tempo do mundo real. Isso é feito pela ordenação linear dos elementos, por expressões que indicam a continuidade das sequências temporais, por palavras que denotam tempo e pela correlação dos tempos verbais. Ela também é igualmente notada ao passo que os elementos são interligados por conexões, as quais estão intimamente ligadas ao conceito de tessitura textual.

Já a coerência, refere-se à ligação lógica e consistente das ideias apresentadas em um texto. Para que um texto seja considerado coerente, é necessário que as informações estejam organizadas de forma lógica e conectadas de maneira que o leitor consiga compreender facilmente a mensagem transmitida. Uma narrativa coerente faz sentido quando as ideias estão interligadas de forma lógica e integrada, facilitando a compreensão do leitor.

Isso significa que as ideias devem ser apresentadas de forma ordenada e sequencial, a fim de que o leitor consiga acompanhar o raciocínio do autor e entender a mensagem que está sendo transmitida. Para garantir a coerência de um texto, é importante que haja uma progressão lógica das informações, de modo que uma ideia conduza naturalmente à próxima, sem contradições ou interrupções bruscas no fluxo do texto.

Além disso, a coerência também está relacionada à consistência das informações apresentadas. Isso significa que as ideias e argumentos devem estar em harmonia e não devem se contradizer ao longo do texto. O autor deve evitar informações que possam gerar confusão ou ambiguidade no entendimento do leitor, garantindo que todas as partes do texto estejam em concordância entre si.

Ao tratar da coerência, Koch (2004, p. 21) afirma que

> [...] a coerência está diretamente ligada à possibilidade de estabelecer um sentido para o texto, ou seja, ela é o que faz com que o texto faça sentido para os usuários, devendo, portanto, ser entendida como um princípio de interpretabilidade, ligada à inteligibilidade do texto numa situação de comunicação e à capacidade que o receptor tem para calcular o sentido deste texto. Esse sentido, evidentemente, deve ser do todo, pois a coerência é global.

Em outras palavras, a coerência trata do sentido e da lógica de um texto. O conhecimento de mundo que possuímos, nos permite calcular e compreender o que um texto deseja transmitir. É a partir desse conhecimento que vamos construindo e tecendo o que cada texto quer representar, constituindo assim, segundo Koch (2004, p. 77), a informação "*velha* ou *dada*, ao passo que tudo aquilo que for introduzido a partir dela constituirá a informação *nova* trazida pelo texto".

E colocando em outras palavras, Koch (2004, p. 77) afirma que

> Consideram-se entidades conhecidas ou dadas aquelas que: a) constituem o co-texto, isto é, que são recuperáveis a partir do próprio texto; b) aquelas que fazem parte do contexto situacional, isto é, da situação em que se realiza o ato de comunicação; c) aquelas que são de conhecimento geral em dada cultura; d) as que remetem ao conhecimento comum do produtor e do receptor.

A progressão temática de um texto depende fundamentalmente da coesão e da coerência, que asseguram a clareza, a compreensão e a fluidez da leitura. A conexão e a harmonia são essenciais para a continuidade do tema em um texto, uma vez que asseguram a compreensão, a clareza e a continuidade da leitura, facilitando a compreensão por parte do leitor. Além disso, a fluidez da leitura é assegurada, pois a transição entre os diferentes trechos do texto ocorre de forma natural e harmoniosa.

Dessa forma, a coesão e a coerência foram elementos fundamentais para o desenvolvimento dos textos, contribuindo para a sua qualidade e eficácia na transmissão das ideias dos entrevistados. Esses elementos serviram como base para a análise textual. No que diz respeito à coerência, destacaram-se aspectos como a clareza das ideias, a lógica entre as partes do texto, a pertinência das

informações e a progressão temática, isto é, como cada frase e parágrafo contribuíam para o sentido global. Já na coesão, observaram-se os mecanismos linguísticos que garantiam a ligação entre as partes do texto, como o uso adequado de pronomes, conectivos, substituições, elipses e repetições controladas.

2.7 A influência da leitura e da escrita na composição do conhecimento

A invenção da escrita é considerada um marco significativo na evolução da humanidade. Antes dela, a sociedade se comunicava principalmente por meio da oralidade, de símbolos e de desenhos. Porém, com a chegada da escrita, foi possível registrar de forma mais precisa e duradoura as informações e conhecimentos.

O surgimento da escrita teve início na pré-história, quando os homens começaram a fazer desenhos, conhecidos como pinturas rupestres, para transmitir suas ideias e representar seus desejos e necessidades. Com o tempo, esses desenhos foram se tornando mais sofisticados e evoluíram para a escrita, possibilitando a comunicação entre diferentes povos de forma mais eficiente. Assim, a invenção da escrita marcou o início de uma nova era na história da humanidade, permitindo o registro e a transmissão do conhecimento de geração em geração, contribuindo para o desenvolvimento da cultura e da sociedade.

A história da escrita teve início na antiga civilização mesopotâmica, no atual Iraque, com os povos sumérios. Eles desenvolveram a escrita cuneiforme por volta de 4.000 a.C., utilizando objetos em formato de cunha para registrar informações. Ao longo de três mil anos, a escrita cuneiforme foi utilizada por quinze línguas diferentes, incluindo o sumério, o persa e o sírio.

À medida que a escrita cuneiforme se difundia pelo Oriente Médio, outros estilos de escrita também foram desenvolvidos em civilizações como a do Egito e da China. Essas formas de escrita possibilitaram a transmissão e preservação de conhecimento, cultura e história ao longo dos séculos, tornando-se ferramentas essenciais para a comunicação e a educação. A escrita cuneiforme marcou o início do registro sistemático da linguagem e do pensamento humano, sendo um marco importante no desenvolvimento da humanidade.

Antes da invenção da escrita, o conhecimento era transmitido de geração em geração de forma oral. Com o passar dos anos, as palavras podiam se modificar,

resultando na perda de informações importantes. Além disso, questões sociais, políticas e culturais podiam interferir na relevância e no repasse de certas informações, levando a um potencial distorção do conhecimento ao longo do tempo.

A permanência da informação é assegurada por meio da escrita, pois ela permite que o conhecimento seja registrado e transmitido ao longo do tempo. Por meio da escrita, a memória coletiva dos povos foi preservada e materializada em formas como os hieróglifos, os papiros e, na atualidade, jornais, revistas, livros e internet.

A escrita é um marco na história da humanidade, pois possibilita a divulgação e a preservação do conhecimento acumulado ao longo dos séculos. Graças a ela, podemos acessar informações de épocas passadas e aprender com as experiências e descobertas de nossos antepassados.

Portanto, a escrita é fundamental para o desenvolvimento e a evolução da sociedade, garantindo que o legado cultural e histórico seja preservado e transmitido para as gerações futuras. Ela é um divisor de águas na história humana, proporcionando um meio duradouro de comunicação e disseminação do saber.

O conhecimento dos mecanismos de estruturação do significado, refere-se à compreensão das regras gramaticais, sintáticas, morfológicas e semânticas da língua em que o texto foi escrito. É essencial entender a forma correta de organizar as palavras, frases e parágrafos para que as mensagens sejam claras e precisas, como a organização do conteúdo, os recursos de coesão e coerência, os efeitos estilísticos e retóricos, entre outros. Esses elementos contribuem para a construção do significado e da compreensão do texto.

Quando damos condições ao aluno para que ele se aproprie do conhecimento construído e seja um produtor de conhecimento, estamos contribuindo para seu desenvolvimento como indivíduo autônomo, estimulando sua curiosidade, criatividade e capacidade de raciocínio. Além disso, estamos preparando essa pessoa para enfrentar desafios futuros de forma independente e para contribuir com novas ideias e soluções para a sociedade.

Esperamos da escola que os alunos sejam capazes de enfrentar as situações de dificuldades que envolvem o processo comunicativo que são propostos por nós professores nas unidades escolares, e percebam a mensagem transmitida, interagindo com ela, posicionando em relação ao conteúdo, e reescrevendo o que lhes foi transmitido.

Sabendo que isso não é possível em pouco tempo, precisamos consolidar a condição de leitor e escritor, principalmente, cidadão ativo e transformador de sua realidade ao longo dos anos da Educação Básica. Para isso, é muito importante a compreensão e o domínio da linguagem.

Alguns alunos não conseguem interpretar uma notícia jornalística ou até mesmo um fato que parece ser tão óbvio. Mesmo que muitos estudantes apresentem resistência e não demonstrem interesse inicial nessas habilidades, é nosso papel como educadores incentivar e despertar o gosto pelos livros e pela escrita.

Temos a leitura como uma ferramenta poderosa que amplia horizontes, estimula a imaginação e o pensamento crítico. Ela permite que o indivíduo mergulhe em mundos diferentes, conheça realidades distintas e explore ideias diversas. Além disso, ler regularmente ajuda a desenvolver habilidades de compreensão, concentração, criatividade e vocabulário, que são essenciais em todas as áreas do conhecimento.

Uma forma de incentivar a leitura é criar um ambiente atrativo na sala de aula, reservar momentos diários para a leitura em voz alta, tanto do professor como dos próprios estudantes. Essa prática estimula o interesse à medida que permite que eles conheçam novas histórias e autores.

No caso da escrita, sabemos que muitos alunos podem resistir inicialmente, seja por insegurança, falta de prática ou dificuldades específicas. No entanto, desenvolver habilidades de produção textual é essencial, uma vez que é por meio dela que conseguimos nos expressar e comunicar com clareza.

2.8 Entrevista: o gênero que pressupõe outras formas de interação

Nas últimas décadas, têm se observado um aumento significativo no uso da entrevista como método de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. Essa tendência pode ser explicada pelo crescente impacto dos meios de comunicação de massa e da tecnologia na formação da opinião pública, que torna a mídia uma presença constante na vida das pessoas.

A prática de entrevistas tem se tornado cada vez mais comum nas escolas, por ser um tipo de comunicação oral que envolve a interação entre um entrevistador e um entrevistado. Pode ser organizada em um formato de perguntas e respostas,

abordando diferentes objetivos, como compartilhar experiências pessoais, responder a perguntas sobre a própria vida, ou oferecer informações específicas sobre um determinado tema ou conteúdo.

Mesmo a oralidade tendo se tornado cada vez mais comum nas escolas, ela não recebe a valorização necessária, visto que a nossa sociedade dá preferência à escrita como forma principal de comunicação a ser ensinada. Muitos acreditam que os alunos já possuem domínio da oralidade ao ingressarem na escola, o que leva à negligência no seu ensino.

Considerando a importância da habilidade oral, essa intervenção se dedicou à análise da prática de conduzir entrevistas com os habitantes da cidade, ou seja, a proposta de trabalhar com entrevistas com os habitantes da cidade reforçou a importância da habilidade oral permitindo que os alunos exercitassem competências como escuta, formulação de perguntas e organização do discurso. A partir da avaliação dos textos produzidos pelos alunos, foram implementadas ações investigativas que buscaram aprimorar as habilidades de leitura e escrita, levando em conta a interação manifestada nos textos. Em outros termos, a avaliação buscou identificar como eles transformaram a experiência oral em produção escrita, observando especialmente aspectos de coesão e coerência.

De modo geral, os textos apontaram a necessidade de aprimorar a organização das ideias, o uso de marcadores coesivos e a capacidade de selecionar e estabilizar sentidos provenientes da interação oral. Também revelavam dificuldades na passagem da fala para a escrita e indícios iniciais de modalização e marcas de subjetividade. A partir dessas constatações, a intervenção previu ações investigativas voltadas ao desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita durante o processo de produção textual.

No entanto, é importante reconhecer que os indivíduos utilizam a linguagem oral de maneira diferente em contextos variados, principalmente em situações mais formais. Portanto, é fundamental considerar a importância da oralidade como objeto de ensino, a fim de capacitar os alunos a se expressarem de forma adequada em diferentes situações.

Minayo propõe que

> A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores [...]. Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por

> nós entendida como uma conversa a dois com propósitos bem definidos. Num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico (Minayo, 2002, p. 57).

As entrevistas são moldadas conforme o público-alvo e os objetivos específicos, o que impacta diretamente a escolha da linguagem empregada. Em conversas com especialistas ou autoridades, a comunicação tende a ser mais formal e técnica, refletindo o nível de conhecimento e a expertise desses indivíduos. Em contrapartida, ao se dirigir a crianças e jovens, a linguagem adotada é mais acessível e informal, com o intuito de facilitar a compreensão e promover o envolvimento dos participantes mais jovens. Assim, observa-se que a linguagem utilizada nas entrevistas se adapta ao público, assegurando a eficácia na comunicação e na transmissão das informações.

Dessa forma, podemos dizer que a entrevista é uma interação comum em diversas situações do nosso dia a dia, e não se limita apenas ao ambiente profissional. Todos nós, em algum momento, assumimos os papéis de entrevistador ou entrevistado. Por exemplo, quando uma mãe deseja matricular seu filho em uma escola, ela, na verdade, está entrevistando o diretor para obter informações sobre a instituição. Ao mesmo tempo, o diretor também está entrevistando a mãe e o menino para avaliar se eles se encaixam no perfil da escola. Assim, a entrevista é um compartilhamento de informações entre duas ou mais partes, em que cada uma busca obter dados e impressões sobre a outra.

A entrevista é uma ferramenta de comunicação que permite que as pessoas se conheçam melhor e tomem decisões mais informadas. Ao entender que todos nós, em algum momento, estamos envolvidos nesse processo, podemos nos preparar melhor para as diferentes situações em que a entrevista se faz presente.

O gênero textual entrevista pode ser definido como um processo de comunicação em que uma ou mais pessoas (entrevistador(es) e entrevistado(s)) interagem, geralmente por meio de perguntas e respostas, com o objetivo de obter informações, compreender opiniões, esclarecer dúvidas ou avaliar habilidades e experiências.

Garret (1991, p. 17) afirma que “A entrevista é uma arte, uma boa técnica, que pode ser desenvolvida e mesmo aperfeiçoada, principalmente pela prática contínua. Mas a prática só, é insuficiente”.

De acordo com o Documento de Referência Curricular de Mato Grosso, a habilidade (EF67LP14) aborda a metodologia para conduzir uma entrevista de forma eficaz, cobrindo aspectos que vão da pesquisa inicial até a produção final do texto.

> (EF67LP14) Definir o contexto de produção da entrevista (objetivos, o que se pretende conseguir, porque aquele entrevistado etc.), levantar informações sobre o entrevistado e sobre o acontecimento ou tema em questão, preparar o roteiro de perguntar e realizar entrevista oral com envolvidos ou especialistas relacionados com o fato noticiado ou com o tema em pauta, usando roteiro previamente elaborado e formulando outras perguntas a partir das respostas dadas e, quando for o caso, selecionar partes, transcrever e proceder a uma edição escrita do texto, adequando-o a seu contexto de publicação, à construção composicional do gênero e garantindo a relevância das informações mantidas e a continuidade temática (Mato Grosso, p.19)

Quando se fala em contexto de produção de uma entrevista, ela engloba o conjunto de elementos que influenciam a sua realização, desde os objetivos a serem alcançados até as características do entrevistado e do tema abordado. Então é fundamental compreender esse contexto para garantir a relevância e a qualidade da entrevista.

A realização de uma entrevista exige atenção cuidadosa em todas as fases, desde a definição dos objetivos até a edição final do texto. Ao seguir esses passos e levar em conta os aspectos mencionados, é possível elaborar entrevistas que contribuam para a construção de um texto claro e coeso.

A entrevista é uma forma de comunicação que envolve uma conversa organizada entre duas partes: o entrevistador e o entrevistado. O principal objetivo dessa interação é obter informações, opiniões ou esclarecimentos sobre um assunto específico. Esse diálogo estruturado permite que o entrevistador faça perguntas direcionadas ao entrevistado, a fim de obter conhecimentos relevantes sobre o tema em questão.

Temos a entrevista como um gênero textual que pode ser utilizado em diversos contextos, como na mídia, na pesquisa acadêmica ou no ambiente profissional, como uma ferramenta eficaz para obter informações precisas e de qualidade.

Garret (1991, p.15) afirma que as pessoas “Adquirem assim um variado desenvolvimento na arte de entrevistar, às vezes conscientemente, com mais frequência, porém, inconscientemente”.

Quando um entrevistador pratica a arte de entrevistar de forma consciente, ele está ciente das diferentes técnicas e procedimentos didáticos que podem ser

utilizadas para obter informações úteis e relevantes durante a entrevista. Ele pode planejar as perguntas com antecedência, adaptar a abordagem de acordo com o entrevistado e manter um controle consciente sobre o processo de entrevista.

Por outro lado, muitas vezes os entrevistadores desenvolvem suas habilidades de forma inconsciente, à medida que ganham experiência e familiaridade com a prática. Eles podem começar a perceber padrões e nuances nas respostas dos entrevistados, aprender a ler linguagem corporal e sinais não verbais, e desenvolver um instinto para saber quando aprofundar ou mudar de tópico durante a entrevista.

Cada pessoa possui suas próprias experiências, pensamentos, emoções e personalidade, o que torna cada entrevista única e imprevisível. É importante reconhecer a individualidade de cada participante da entrevista e abordá-la de forma respeitosa e personalizada, pois “o homem age e reage de acordo com certas normas características, cujo conhecimento contribui para o bom êxito das relações sociais” (Garret, 1991, p.16).

Ao trabalhar o gênero entrevista com os alunos, propomos a eles uma composição pensada e organizada que tem um propósito e uma mensagem a ser transmitida. Cada parte do texto, como parágrafos, frases e palavras, está relacionada entre si de forma a construir o sentido e a coerência do texto como um todo.

Na intervenção que desenvolvemos, as atividades propostas foram baseadas em informações obtidas por meio de entrevistas realizadas com os moradores de Mirassol d’Oeste – MT e a partir dessas entrevistas, elaboramos atividades que visavam promover o conhecimento e a reflexão sobre a realidade local, contribuindo para uma educação mais contextualizada e significativa.

2.9 Breve histórico da Sociolinguística

A Sociolinguística é importante para esta pesquisa porque trata da relação entre a língua e a sociedade, mostrando que não existe uma única forma de falar correta e válida. Pelo contrário, cada grupo social apresenta modos próprios de usar a língua, que revelam sua história, identidade e cultura. Assim, quando a escola reconhece e valoriza essas diferentes maneiras de falar, ela contribui para o

combate ao preconceito linguístico e para a inclusão de todos os alunos no processo de aprendizagem.

Ao utilizar entrevistas com moradores da cidade, a pesquisa aproxima a produção textual da realidade dos estudantes, mostrando que a língua utilizada nas relações cotidianas também tem valor social e comunicativo. Dessa forma, os alunos podem perceber que escrever não é apenas seguir regras gramaticais, mas também considerar o contexto, o interlocutor e o objetivo de comunicação. Isso permite que compreendam que a variação linguística não é erro, e sim parte natural da língua, que se transforma conforme as situações e os grupos sociais envolvidos.

Portanto, trazer a Sociolinguística para o desenvolvimento da escrita possibilita que os estudantes assumam uma postura mais crítica sobre a própria língua e valorizem a diversidade linguística existente em sua comunidade. A escola, assim, cumpre seu papel de promover práticas de linguagem que respeitam todas as vozes e ampliam as oportunidades de participação social dos alunos.

Dessa forma, não tem como falar em variedade e diversidade de uso da linguagem sem antes abordar teoricamente a Sociolinguística, uma teoria que mostra que a língua sofre mudanças e variações. De acordo com Bagno (2004, p. 43), “A Sociolinguística veio mostrar que toda a língua *muda e varia,* isto é, muda com o tempo e varia no espaço, além de variar também de acordo com a situação social do falante”.

A Sociolinguística surgiu na década de 1960 nos Estados Unidos, mais precisamente em 1964. Faz parte da área da Linguística que estuda os fenômenos linguísticos, tanto de ordem social quanto cultural, e trata esses fenômenos como um fator favorável no uso da linguagem.

Para Mollica e Braga (2010, p. 9), “a Sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente”.

Em entrevista à Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Labov disse que o objeto de estudo da Sociolinguística

> É a língua, o instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização

> subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia a dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos (Labov, 2007, p. 2).

Atualmente, muitos pesquisadores que se dedicam ao estudo da linguagem reconhecem a conexão entre língua e sociedade. Embora algumas teorias da linguagem ofereçam diferentes interpretações sobre os fenômenos linguísticos, alternando entre aproximá-los ou distanciá-los de seu papel na vida social, os estudos sociolinguísticos demonstram que essa relação é indiscutível. Assim, é fundamental compreender esse vínculo ao se analisar o fenômeno linguístico.

Na década de 1960, a Sociolinguística começou a se consolidar como um campo de investigação linguística, trazendo consigo um novo modelo teórico-metodológico proposto por William Labov. Esse novo modelo, conhecido como Sociolinguística Variacionista ou Teoria da Variação, revolucionou a forma como os linguistas estudavam a língua, pois os dados coletados passaram a ser submetidos a tratamentos estatísticos que permitiam a sistematização da variação presente na língua em análise.

Labov propôs uma abordagem que considera a relação entre língua e sociedade a partir da análise de variações linguísticas presentes em diferentes grupos sociais. Ele demonstrou que a variação linguística não é aleatória, mas sim influenciada por fatores sociais e contextuais. Por meio da análise dessas variações, é possível compreender como a língua reflete e reproduz as hierarquias e estruturas sociais presentes em uma determinada comunidade.

Nessa época, a Sociolinguística Variacionista ganhou muitos adeptos, pois o novo método permitiu aos estudiosos enxergarem padrões em que antes só viam desordem, o que contribuiu para um melhor entendimento da língua e dos seus processos de mudança em desenvolvimento.

Então, a teoria da variação não se limitava apenas a coletar dados em amostras de língua falada no presente, mas também buscava evidências no passado da língua para determinar de forma precisa em que estágio de mudança ou variação um fenômeno linguístico se encontrava. Dessa forma, os estudiosos conseguiam analisar de maneira mais completa e detalhada as transformações que ocorriam na língua ao longo do tempo, tanto é, que essa teoria trouxe uma abordagem inovadora que permitiu aos linguistas não apenas estudar a língua de

forma mais sistemática, mas também compreender melhor os processos de mudança e variação linguística.

De acordo com Faraco, a Sociolinguística demonstra que por trás de uma mudança linguística não há apenas variações, mas sobretudo uma motivação social.

> A Sociolinguística [...] tem mostrado que atrás dum processo de Mudança linguística não há só um quadro de variações, mas principalmente uma motivação social: assim como as variantes estão distribuídas diferentemente pela estrutura social e pelas situações de uso, assim também recebem elas diferente avaliação social [...], o que abre perspectivas para sua eventual adoção ou rejeição, movimento que está na base do próprio processo histórico (Faraco, 2005, p. 187).

As diferentes variantes são distribuídas de maneira distinta na estrutura social e em diferentes situações de uso, o que resulta em avaliações sociais diversas. Isso pode influenciar a eventual adoção ou rejeição das variantes linguísticas, o que por sua vez está na base do processo histórico da língua.

Por serem fenômenos presentes em todas as línguas do mundo, as variações linguísticas consistem em diferentes formas de expressão oral e escrita que variam de acordo com o contexto sociocultural, geográfico, histórico e situacional de quem as utiliza. Essas variações podem ocorrer em diversos níveis linguísticos, tais como fonético, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático. Portanto, é importante compreender e analisar as variações linguísticas para entender a diversidade e complexidade da comunicação humana, bem como para promover a inclusão e valorização das diferentes formas de falar e escrever.

A variação linguística é um fenômeno complexo e fascinante que está presente em todas as línguas do mundo. É a forma como uma língua pode se modificar de acordo com diversos fatores, como região geográfica, idade, gênero, classe social e contexto de uso.

Podemos observar a variação na pronúncia, no vocabulário, na gramática e até mesmo na entonação. A seguir, apresentamos alguns conceitos e ideias de variações que estão presentes em todos os aspectos da linguagem e têm ligação direta com nosso projeto.

2.10 Variação linguística: as diferentes maneiras de uma fala

A variação linguística diz respeito às diferentes maneiras de usar a língua, que muda conforme o contexto social, a região, a faixa etária, o nível de

escolaridade, o objetivo comunicativo e até mesmo a situação em que o falante se encontra. Isso significa que não existe apenas um jeito “correto” de falar, mas sim formas diversas que convivem na sociedade e cumprem funções comunicativas específicas.

Essa compreensão se articula diretamente com a proposta da pesquisa, pois ao realizar entrevistas com moradores de Mirassol d’Oeste, os alunos terão contato com variedades da língua presentes na própria comunidade. Essa experiência permitirá que percebam que a fala do cotidiano é legítima e expressa identidade, cultura e história do grupo social ao qual pertencem. Assim, ao produzir textos a partir desses discursos reais, os estudantes poderão refletir sobre como a linguagem se transforma e se adapta conforme o contexto e o interlocutor.

No vasto universo da linguagem, a variação linguística emerge como um fenômeno imprescindível para compreendermos a complexidade da comunicação humana. É fundamental reconhecer que a língua não é fixa, mas sim um organismo vivo, em constante metamorfose, refletindo a diversidade das experiências e das identidades de seus falantes.

A variação linguística não se limita apenas à presença de diferentes dialetos ou sotaques, mas abrange um leque considerável de aspectos, como variações lexicais, morfológicas, sintáticas e até mesmo pragmáticas. Nesse âmbito, as escolhas linguísticas manifestam-se como uma forma de expressão cultural, revelando não apenas o pertencimento a um determinado grupo social ou regional, mas também a dinâmica de poder e prestígio que permeia as relações interpessoais.

À luz desse panorama, torna-se evidente que a variação linguística não deve ser encarada como um desvio das normas padrão, mas sim como uma expressão legítima da diversidade cultural e da riqueza humana. Reconhecer e valorizar essas variações é fundamental para a promoção do respeito e da inclusão, uma vez que cada forma de falar traz consigo um legado histórico e uma contribuição única para o patrimônio linguístico da humanidade. Assim, a celebração da variação linguística não apenas enriquece nosso entendimento sobre a comunicação, mas também fortalece a convivência pacífica e harmoniosa em uma sociedade pluralista**.**

Para uma melhor compreensão, trouxemos nos itens a seguir as seguintes variações: diatópica, diastrática e a diafásica.

2.10.1 Variação regional ou diatópica

Neste item, abordamos um aspecto de variação linguística: a variação diatópica. Ela constitui uma das formas mais frequentes de variação linguística, estando presente em todas as línguas.

Alkmim (2012, p. 360) afirma que “[...] a variação geográfica ou diatópica está relacionada às diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, observáveis entre falantes de origens geográficas distintas”.

Por meio dessa variação linguística, é possível identificar, com certa precisão, a origem geográfica de uma pessoa pelo seu modo de falar. É possível distinguir de qual região uma pessoa é pelo simples modo de falar. Além disso, é comum analisar variações regionais entre áreas urbanas e rurais ou do interior.

No Brasil, existem muitas diferenças na forma como a língua é utilizada, inclusive entre diferentes cidades. Essas variações linguísticas refletem particularidades e contribuem para a diversidade cultural do país. Assim, podemos dizer que o português brasileiro é fruto da mistura de diversos dialetos. É importante levar em conta o contexto histórico e as características socioculturais ao analisar as manifestações linguísticas de um povo.

2.10.2 Variação social ou diastrática

Neste item abordamos outro aspecto de variação linguística: a variação diastrática, que de acordo com Alkmim (2012, p. 37), “[...] relaciona-se a um conjunto de fatores que têm a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”.

A variação social ou diastrática refere-se às diferentes formas de falar ou de usar a língua que são associadas a grupos específicos de pessoas dentro de uma comunidade linguística. Esses grupos podem ser definidos por características como idade, gênero, classe social, etnia, educação, região geográfica, entre outros. Essa variação sofre influência de uma série de fatores, tais como a identidade dos falantes e a organização sociocultural da comunidade de fala. A identidade dos falantes engloba aspectos como a sua própria percepção de si mesmos, a forma como desejam ser vistos pelos outros, as suas crenças e valores, e a sua pertença a determinados grupos sociais.

Já a organização sociocultural da comunidade de fala inclui as normas e os padrões linguísticos que são valorizados e partilhados por um determinado grupo de falantes.

Assim, a variação social ou diastrática reflete a diversidade e a complexidade da sociedade, evidenciando como a língua é um reflexo da diversidade de identidades e experiências humanas. É importante reconhecer e valorizar essa diversidade linguística, pois ela enriquece a nossa compreensão da linguagem e da cultura, e contribui para uma comunicação mais inclusiva e respeitosa.

2.10.3 Variação estilística ou diafásica

O falante ajusta sua linguagem de acordo com o contexto social em que está inserido, a fim de se comunicar de forma eficaz com as pessoas com quem interage. Essa adaptação linguística varia conforme o grau de formalidade do ambiente em que se encontra, seja em casa, no trabalho, na escola ou durante uma entrevista de emprego. Como diz Bechara (2001), devemos ser poliglotas dentro da própria língua.

De acordo com Alkmim (2012, p. 40),

> Às variações linguísticas relacionadas ao contexto chamamos de variações estilísticas ou registros (grifos da autora). Nesse sentido, os falantes diversificam sua fala – isto é, usam estilos ou registros distintos – em função das circunstâncias em que ocorrem suas interações verbais.

Esse processo de escolha pode estar relacionado ao registro de linguagem, formalidade da situação, objetivo da comunicação, tom de voz, entre outros fatores. É comum que, mesmo sabendo o significado de determinadas palavras ou expressões mais complexas, o falante opte por utilizar termos mais simples e familiares em situações informais, por exemplo.

Essa escolha de palavras também pode ser influenciada pelo contexto cultural, social e emocional em que o falante está inserido. Por exemplo, em um ambiente mais descontraído, é comum o uso de gírias e expressões mais coloquiais, enquanto em situações formais, é esperado um vocabulário mais técnico e refinado.

Portanto, mesmo que determinadas palavras ou expressões não façam parte do uso diário de um indivíduo, ele pode escolhê-las de acordo com o contexto comunicativo em que se encontra, buscando maior precisão e adequação à situação. Nesse sentido, definimos os elementos a serem trabalhados com os

alunos e na análise dos textos e entrevistas, considerando aspectos como variação linguística, escolhas lexicais, coerência, coesão e adequação ao contexto. Assim, mesmo que determinadas palavras ou expressões não fizessem parte do uso cotidiano de um indivíduo, ele podia escolhê-las conforme a situação comunicativa, buscando maior precisão e adequação.

CAPÍTULO 3

3 SEQUÊNCIA DIDÁTICA: A ENTREVISTA COMO INTERVENÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA

O projeto desenvolvido teve com objetivo principal, contribuir para a produção de leitura e escrita dos alunos, utilizando atividades centradas no gênero textual entrevista. A intenção era desenvolver habilidades orais e escritas por meio de uma sequência didática. Para alcançar tal propósito, foram delineadas e implementadas práticas pedagógicas estruturadas em consonância com os pressupostos teóricos que fundamentaram nossa intervenção.

Nesse sentido, foram propostas atividades diversificadas utilizando diversos suportes textuais seguidas de momentos de discussão coletiva e reflexões críticas, favorecendo tanto a construção de saberes quanto o desenvolvimento da competência comunicativa. Além disso, buscamos promover a apropriação gradual das características do gênero entrevista, a partir da recepção e análise de textos produzidos pelos próprios estudantes, o que possibilitou a compreensão da funcionalidade social do gênero e sua aplicabilidade em diferentes contextos.

O projeto foi organizado e alinhado em módulos, com base no modelo estabelecido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 82), no qual afirma que a sequência didática corresponde a “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Essa concepção foi fundamental para a organização do trabalho, uma vez que possibilitou planejar e desenvolver atividades progressivas, que iam desde a sensibilização dos alunos até a produção final dos textos.

A sequência didática, portanto, funcionou como eixo estruturador da proposta, garantindo que cada etapa fosse interligada e conduzisse a um avanço real nas competências de leitura, oralidade e escrita dos estudantes.

Ao adotar esse modelo, buscamos não apenas orientar a prática pedagógica, mas também assegurar que os alunos compreendessem a relevância do gênero entrevista em diferentes contextos sociais, ampliando sua consciência linguística e sua capacidade de refletir criticamente sobre o uso da língua. Apresentamos, a seguir, a sequência didática que compôs o desenvolvimento do trabalho:

3.1 Apresentação inicial da proposta

A etapa inicial do projeto consistiu na apresentação da proposta à comunidade escolar. Nesse momento, buscamos contextualizar os objetivos da pesquisa e explicitar a relevância pedagógica do trabalho a ser desenvolvido. Para tanto, tornou-se necessário organizar, sistematizar e aprofundar o conhecimento acerca do gênero textual em estudo – entrevista –, de modo a proporcionar aos alunos não apenas uma introdução teórica, mas também um espaço de reflexão sobre sua função social, sua estrutura composicional e as condições de produção que a caracterizam.

Essa fase foi essencial tanto para despertar o interesse dos alunos quanto para situá-los em relação à finalidade da sequência didática, assegurando uma base conceitual que orientou as etapas posteriores da intervenção, como posto a seguir:

Situação inicial	Apresentação da proposta.
Objetivo: Apresentar aos alunos e a comunidade escolar a proposta do trabalho e sua finalidade.	

No início da intervenção, propusemos uma roda de conversa sobre o gênero entrevista, com o intuito de despertar nos alunos uma reflexão crítica acerca desse objeto de estudo. Nessa ocasião, buscamos evidenciar que o gênero entrevista não se restringe a práticas escolares, mas se configura como instrumentos de inserção social, de construção do conhecimento e de ampliação do repertório cultural, uma vez que esse gênero circula em diferentes esferas e atende a múltiplas finalidades comunicativas.

Durante a atividade, mediamos as manifestações dos alunos, estimulando-os a relacionar suas experiências pessoais com situações reais em que a entrevista se faz presente, seja no jornalismo, em pesquisas acadêmicas ou no cotidiano escolar. Com isso, procuramos mostrar que compreender e produzir entrevistas implica desenvolver a competência de comunicar-se de forma eficaz, habilidade essencial no mundo contemporâneo, marcado pelo fluxo constante de informações e pela necessidade de formar sujeitos críticos e autônomos.

Assim, desde a etapa inicial da intervenção, buscamos ressaltar que o trabalho com a entrevista seria desenvolvido de maneira vinculada às vivências e às práticas sociais dos alunos, despertando neles a consciência de que o êxito do

processo dependeria do compromisso e da responsabilidade assumidos por todos ao longo do percurso.

Fotografia 7 – Apresentação do projeto à comunidade escolar



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Durante o encontro, discutimos as diversas oportunidades que o aprimoramento dessas habilidades proporcionaria a eles. Também apresentamos que a intenção do projeto era capacitar os alunos a se comunicarem de maneira clara e segura, preparando-os para os desafios futuros.

Além disso, acreditamos que é responsabilidade da escola estimular nos alunos a habilidade de ler e produzir textos, para que possam utilizar a escrita de forma apropriada e autônoma em diversas situações de sua vida.

Foi nesse momento que entregamos aos responsáveis a autorização para uso de imagem dos alunos. Um episódio marcante ocorreu quando um estudante devolveu o documento com a resposta não destacada, negando a participação em registros fotográficos. A situação foi dialogada com o aluno, que optou por manter sua decisão. Respeitando sua escolha, atribuímos a ele uma nova função dentro do projeto: auxiliar na organização do ambiente e, eventualmente, atuar como responsável pelos registros fotográficos da turma. O envolvimento criativo do aluno nesse novo papel foi tão significativo que seus colegas frequentemente reforçavam: “Não esquece do Leandro”, demonstrando reconhecimento pela sua contribuição.

3.1.1 Início da proposta: discussão sobre o tema a cidade de Mirassol d'Oeste – MT

Nessa etapa do projeto, dedicamo-nos à discussão sobre a cidade de Mirassol d'Oeste – MT. Para isso, utilizamos a metodologia da roda de conversa, um formato que facilitou o diálogo e o compartilhamento de informações entre os alunos.

A fim de enriquecer a discussão e direcionar os olhares dos estudantes para aspectos relevantes da cidade, partimos de questionamentos pré-elaborados. Esses questionamentos serviram como um ponto de partida para a exploração da temática e incluíam perguntas como:

- Quais são os pontos turísticos de Mirassol d'Oeste?
- Quais são as principais atividades econômicas da cidade?
- Como é o cotidiano das pessoas em Mirassol d'Oeste?
- Quais são as histórias e lendas que cercam a cidade?
- Que mudanças Mirassol d'Oeste – MT sofreu ao longo do tempo?

A maioria dos alunos expôs o seu ponto de vista sobre a abordagem inicial, o que foi fundamental para despertar o interesse deles e prepará-los para as etapas seguintes do projeto, em que se tornariam os protagonistas no registro das histórias locais.

A conversa culminou em discussões e conhecimentos sobre a cidade de Mirassol d'Oeste – MT, como: "Eu amo a nossa cidade porque tem muitas coisas para fazer, tipo, ir no Irineu tomar banho"!", disse o Tallys. "Eu gosto da nossa cidade porque é pequena e todo mundo se conhece", comentou a Ana Júlia.

Essas discussões estimularam a oralidade, a reflexão e a discussão entre os alunos, permitindo que eles compartilhassem suas ideias e conhecimentos sobre a cidade e aprendessem mais sobre sua história e cultura.

Como a proposta do nosso projeto de intervenção era entrevistar pessoas da cidade de Mirassol d'Oeste – MT, consideramos fundamental iniciar com uma produção textual inicial. Essa etapa nos forneceu informações valiosas para planejar, orientar e ajustar os procedimentos didáticos de ensino.

3.1.2 Proposta de produção inicial

Produção inicial	Escrita de um texto sobre a cidade.

Objetivo: Produzir a escrita de um texto expressando situações cotidianas da cidade, bem como seus sentimentos e opiniões a respeito do lugar em que vivem.

Nessa etapa, propomos a primeira produção, pois ela nos forneceria informações fundamentais para o nosso trabalho como professor e para a elaboração e revisão da sequência didática. Não esperávamos que nessa primeira produção os estudantes atendessem a todos os requisitos do gênero em questão.

Pedimos aos alunos que elaborassem um texto sobre a cidade, no qual deveriam destacar os aspectos de que mais gostavam, bem como indicar aqueles que consideravam importantes e que gostariam que fossem implementados ou aprimorados no município. Nosso objetivo, ao propor essa atividade, foi estimular a reflexão crítica acerca do espaço em que vivem, valorizando a observação do cotidiano e a percepção das necessidades locais.

Além disso, buscamos aproximar o conteúdo escolar da realidade dos estudantes, incentivando-os a reconhecer a cidade como um espaço de memória, identidade e pertencimento. Essa etapa também contribuiu para preparar os discentes para a produção do gênero entrevista, uma vez que a atividade possibilitou a ampliação do repertório temático, fornecendo elementos para a elaboração de perguntas e respostas mais significativas nas etapas seguintes do projeto.

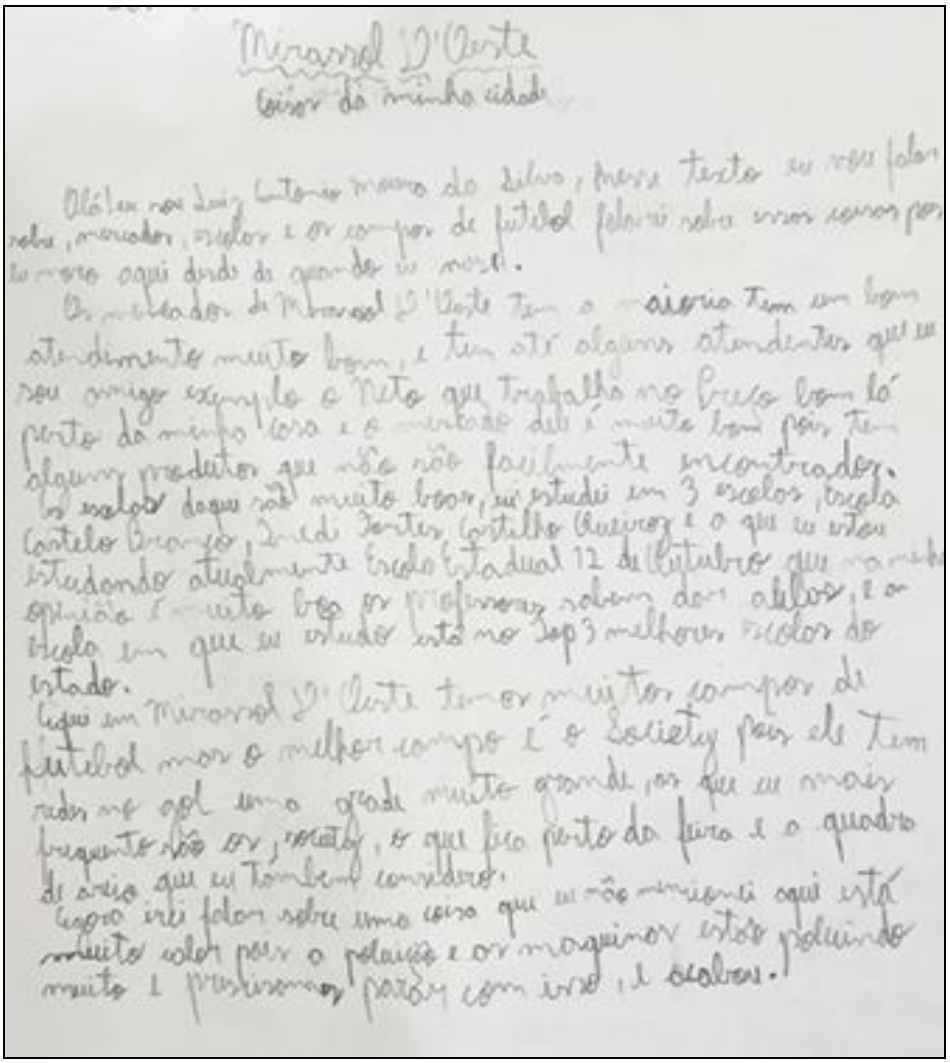
A esse respeito, Schneuwly e Dolz (2004, p. 101) afirma que

> essas primeiras produções – que não receberão, evidentemente, uma nota constituem momentos privilegiados de observação, que permitem refinar a sequência, modulá-la e adaptá-la de maneira mais precisa às capacidades reais dos alunos de uma dada turma. em outros termos, de pôr em prática um processo de avaliação formativa. a análise das produções orais ou escritas dos alunos, guiada por critérios bem definidos, permite avaliar de maneira bastante precisa em que ponto está a classe e quais são as dificuldades encontradas pelos alunos. o professor obtém, assim, informações preciosas para diferenciar, e até individualizar se necessário, seu ensino.

Essas produções nos permitiram observar como os alunos estavam se saindo, quais dificuldades enfrentavam e quais aspectos precisavam ser melhorados. Ao analisar as produções orais e escritas, conseguimos identificar pontos fortes e dificuldades específicas, o que possibilitou uma abordagem

diferenciada no ensino e no processo de aprendizagem, contudo não temos análises desse texto, pois esta atividade consistiu apenas numa etapa de sondagem para observar o conhecimento que cada aluno possuía a respeito da cidade de Mirassol d' Oeste ─ MT, conforme na fotografia a seguir.

Fotografia 8 – Texto inicial escrito pelo aluno Luiz Antônio



Fonte: Arquivo do aluno Luiz Antônio, 2025.

Logo após, solicitamos aos alunos que realizassem a ilustração de um local da cidade que considerassem mais interessante e atrativo. Para nossa surpresa, muitos deles escolheram retratar o Lago Azul, um famoso ponto turístico que atrai visitantes de diversas regiões em busca de um refrescante banho.

Fotografia 9 – Desenho do Lago Azul feito pelo aluno Bruno



Fonte: Arquivo do aluno Bruno, 2025.

Fotografia 10 – Imagem do Lago Azul retirada da internet



Fonte: https://www.mirassoldoeste.mt.gov.br/pages/balneario-lago-azul

3.2 Reflexão e práticas iniciais sobre o gênero entrevista

Módulo 1	Identificação do gênero entrevista.
Objetivo: Favorecer a ampliação do repertório dos alunos acerca do	

gênero, destacando aspectos como a elaboração de perguntas e a condução adequada de uma entrevista, por meio de discussões orientadas e apresentações orais, estimulando a reflexão crítica, a participação ativa e o desenvolvimento de habilidades de comunicação oral e escrita.

Nessa etapa do processo realizamos uma discussão sobre o gênero entrevista. Para isso apresentamos os conceitos atribuídos ao gênero, sempre observando as considerações e contribuições dos alunos, promovendo um compartilhamento de conhecimentos que enriqueceu nossa discussão com perguntas como nos exemplos a seguir:

- O que vocês sabem sobre entrevistas?
- Já leram ou assistiram a alguma entrevista interessante?
- O que faz com que uma entrevista seja caracterizada como gênero textual?
- Como podemos formular boas perguntas para uma entrevista bem-feita?
- Como podemos preparar uma pessoa para uma entrevista?
- Quais são os erros mais comuns ao fazer uma entrevista?
- Como as entrevistas podem ser usadas para contar a história de uma cidade?
- Quais são as características de uma boa entrevista?

Como a turma da sala do 8º ano D era muito ativa e participativa, a maioria dos alunos queria participar, expor seu ponto de vista. Por isso a conversa culminou em discussões muito proveitosas.

3.2.1 Seminário sobre o gênero entrevista

Aproveitamos o momento dessa fase do projeto, cujo objetivo era apresentar e ampliar o repertório sobre o gênero entrevista, para organizarmos e sistematizarmos o conhecimento a respeito desse gênero por meio de apresentações orais.

Era importante que eles compreendessem que uma apresentação oral bem-sucedida dependia de aspectos como postura adequada, gesticulação, clareza na

fala, além do uso correto de concordâncias verbais, nominais e demais questões gramaticais. Práticas como essas refletem a boa aplicação do nosso idioma e contribuem para uma comunicação mais eficaz e confiante.

Para incentivar os alunos a trabalharem em grupo, sugerimos que se reunissem em pequenos grupos, levando em conta seus interesses e afinidades.

Fotografias 11 e 12 – Alunos trabalhando em grupo no refeitório



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Após a formação dos grupos de trabalho, apresentamos aos alunos o papel do gênero textual entrevista no desenvolvimento de habilidades essenciais, como a comunicação clara, a escuta ativa e a capacidade de análise crítica. Para aprofundar a compreensão, disponibilizamos alguns vídeos[2] exemplificando diferentes tipos de

[2] Trouxemos a seguir, alguns vídeos que utilizamos para exemplificar os diferentes tipos de entrevistas:
Gênero textual: entrevista. Disponível em: https://youtu.be/gzsfLyJfe8A?si=rmxadoxdbmXlgvEg.
3 Tipos de entrevistas: Entrevista estruturada, Semiestruturada e Não estruturada. Disponível em: https://youtu.be/wuIKfjvH6SM?si=MFnRnromRjEC9E33.
Conheça os 8 Tipos de Entrevista. Disponível em: https://youtu.be/kgNeK8fKBQI?si=PamECfy2yB3KPaha.
Curso 3: A Entrevista | Aula 4: Tipos de entrevista. Disponível em: https://youtu.be/74RhmbB8hmw?si=MPxkMaXymV-VH6Qy.

entrevistas, com o objetivo de esclarecer os procedimentos a serem seguidos durante a atividade. Essa etapa culminou na realização de um seminário, no qual cada grupo deveria apresentar oralmente suas interpretações sobre o gênero e compartilhar exemplos de entrevistas previamente pesquisadas.

Essas atividades permitiram não apenas a fixação do conteúdo estudado, mas também promover um aprendizado mais participativo e colaborativo, estimulando a interação entre os alunos e incentivando a reflexão crítica sobre a produção e interpretação de entrevistas. Além disso, a dinâmica contribuiu para o desenvolvimento da confiança dos estudantes na comunicação oral, fortalecendo suas habilidades de expressão e de trabalho em grupo.

Fotografias 13, 14 e 15 – Seminário sobre o gênero entrevista



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Após a realização do seminário, no qual cada grupo apresentou oralmente suas compreensões sobre o gênero textual entrevista e compartilhou exemplos pesquisados previamente, direcionamos a atenção da turma para a forma como se expressaram durante as apresentações. Questionamos se haviam percebido alterações na linguagem utilizada e como essas mudanças impactavam a comunicação. Alguns alunos destacaram que determinados colegas recorreram com frequência à expressão “né”; outros notaram o uso de palavras menos comuns;

enquanto alguns se limitaram à leitura das anotações produzidas durante o estudo do gênero.

Essa análise permitiu aos estudantes refletirem sobre a própria prática de linguagem oral e reconhecerem como aspectos como vocabulário, entonação e clareza influenciam a eficácia da comunicação. Ao observar essas diferenças, os alunos puderam compreender que a linguagem precisa ser adaptada de acordo com o contexto e com o público-alvo, uma habilidade essencial para entrevistas.

Encerramos o seminário reforçando a importância de abordar os moradores com respeito e empatia. A relação entre o seminário e essa orientação está no fato de que, durante as apresentações, os alunos praticaram a organização das ideias, o uso correto da linguagem e a comunicação assertiva – competências que se transferem diretamente para o momento de conduzir entrevistas com os moradores. Enfatizamos que cada entrevista seria uma oportunidade de aprendizado, de escuta ativa e de troca de experiências, exigindo sensibilidade e atenção às particularidades de cada entrevistado.

O seminário, portanto, não apenas consolidou os conhecimentos sobre o gênero textual, mas também preparou os alunos para interagir de forma ética e consciente com os moradores de Mirassol d'Oeste – MT.

Fotografia 16 – Seminário sobre o gênero entrevista



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

3.2.2 Leitura, análise e simulação de entrevista

No outro dia de aula, para aprofundar a compreensão do gênero entrevista, realizamos a leitura de algumas entrevistas publicadas em plataformas digitais. Durante essa atividade, os alunos analisaram a estrutura textual, os tipos de perguntas elaboradas e a interação entre entrevistador e entrevistado.

Fotografia 17 – Consulta de entrevista nas plataformas digitais



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Essa etapa foi essencial para que os estudantes pudessem observar de forma prática como uma entrevista é construída, identificando elementos como perguntas abertas e fechadas, introdução, desenvolvimento e fechamento da conversa, além de aspectos relacionados à linguagem e à oralidade.

Os alunos tiveram acesso a entrevistas veiculadas em diferentes plataformas digitais, como canais de YouTube, *podcasts* e portais de notícias. Durante a leitura e análise, surgiram algumas percepções significativas. O aluno Álvaro comentou que “no vídeo do YouTube o entrevistador parecia mais preocupado em aparecer do que em ouvir, e isso atrapalhou as respostas*”*. Já a aluna Ana Carolina observou que “no *podcast*, como não tem imagem, o entrevistador precisou ser mais claro e direto nas perguntas, senão ficava confuso para quem ouvia*”.*

Esses apontamentos foram enriquecidos por outros questionamentos: “Por que em algumas entrevistas o entrevistado responde tão pouco, será que é culpa das perguntas*?”*, indagou Adrian. Já outra aluna destacou: “Quando a pergunta é

muito longa, o entrevistado parece se perder e não sabe por onde começar a responder*".* As falas evidenciaram como os estudantes perceberam a influência direta da formulação das perguntas, da postura do entrevistador e até do suporte digital utilizado no desenvolvimento da comunicação.

Com base nesses aprendizados iniciais, avançamos para uma etapa mais direcionada, na qual trabalhamos com uma entrevista selecionada da autora Clarice Lispector. Optamos por essa autora porque, no ano anterior, já havíamos explorado alguns de seus contos com a turma, incluindo o romance *A Hora da Estrela*. Esse livro, publicado em 1977 – ano de falecimento da escritora –, foi sua última obra lançada em vida e é frequentemente interpretado como uma espécie de despedida da autora.

Para facilitar a análise coletiva, cada estudante recebeu uma cópia impressa do texto e, paralelamente, projetamos na TV a versão digital da entrevista. Esse recurso possibilitou que todos acompanhassem simultaneamente a leitura, destacassem trechos relevantes e participassem de discussões mais produtivas sobre o funcionamento do gênero.

Essa etapa consistiu na análise do texto lido, a partir de questões norteadoras que instigavam os alunos a identificar elementos fundamentais desse gênero discursivo. Entre as perguntas elaboradas, destacaram-se a identificação do entrevistado e do entrevistador, a análise do texto introdutório que antecede o corpo da entrevista, refletindo sobre seu propósito, a observação da estrutura de perguntas e respostas, e a verificação da presença ou ausência de marcas de oralidade no texto escrito.

O exercício possibilitou que os alunos reconhecessem a importância da introdução da entrevista, compreendida como recurso que situa o leitor no contexto da conversa e antecipa o direcionamento das perguntas. Além disso, ao analisarem a elaboração dos questionamentos, perceberam que estes não se repetiam e contemplavam tanto aspectos pessoais quanto profissionais da entrevistada, o que evidencia a necessidade de planejamento prévio para a condução de uma entrevista significativa.

A atividade também proporcionou aos estudantes uma leitura atenta, permitindo-lhes compreender a dinâmica estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Foi observado que alguns alunos reconheceram Clarice Lispector como a autora já estudada no ano anterior, o que favoreceu a construção de

relações intertextuais e interdiscursivas com conhecimentos prévios. Ainda, discutimos sobre o papel do entrevistador, como jornalista responsável por conduzir o diálogo de forma a extrair informações relevantes da entrevistada.

Por fim, a análise da oralidade e de suas marcas no texto escrito fomentou uma reflexão sobre as diferenças entre a entrevista oral e a entrevista publicada, destacando-se que, no gênero escrito, tais marcas tendem a ser reduzidas em virtude da adequação ao registro formal. Assim, a atividade cumpriu sua finalidade pedagógica ao promover a compreensão do funcionamento do gênero entrevista, tanto em sua estrutura quanto em seus efeitos de sentido.

Embora a entrevista fosse escrita, alguns alunos conseguiram identificar alguns indícios de oralidade nas respostas da entrevistada. Um trecho que exemplifica isso é: "Então, quando eu comecei a escrever, percebi que...". Discutimos sobre o uso da expressão "então" que é típica da fala e confere um tom mais informal ao texto.

Uma aluna que não é alfabetizada, que possui auxílio de uma Professora de Apoio Pedagógico Especializado (PAPE), quando estávamos discutindo sobre a entrevista, percebeu que continha traços da oralidade. Isso foi muito significativo, pois mostra que mesmo não escrevendo, a aluna estava entendendo e participando do processo.

Além disso, a atividade desenvolvida teve o objetivo de fazer com que os alunos se atentassem a algumas marcas de oralidade, as quais foram importantíssimas para a consecução desse projeto. Portanto, essa percepção da aluna reforça a importância das atividades que promovem a compreensão e o reconhecimento dos elementos da oralidade no processo de aprendizagem.

Assistimos em sala de aula a uma entrevista disponibilizada em https://www.youtube.com/watch?v=91YsrgTdhDQ, a qual foi concedida ao programa "Os Mágicos" da TV Educativa no ano de 1976, um ano antes da morte da entrevistada. Como a entrevista era breve, assistimos a outra também disponível em https://www.youtube.com/watch?v=pvlXndaoJQg, intitulada "Última entrevista de Clarice Lispector", realizada em 1977.

Após a exibição, discutimos oralmente as questões levantadas pelos alunos, e os *links* das entrevistas foram disponibilizados a eles por meio eletrônico, para que pudessem revê-las e aprofundar a análise. Solicitamos que assistissem novamente

aos vídeos junto à família, com o objetivo de compartilhar impressões e iniciar o planejamento das perguntas que seriam feitas aos futuros entrevistados.

Essa atividade preparatória favoreceu a reflexão tanto sobre as informações recebidas quanto sobre o próprio processo de entrevista. Um dos alunos comentou: “Eu acho que é importante assistir a vídeos de entrevistas para saber como devemos nos comportar na hora de fazer a nossa.” A observação do aluno foi significativa, pois chamou a atenção dos colegas para a postura adequada do entrevistador diante do entrevistado, estabelecendo uma relação entre as entrevistas analisadas e a proposta prática do trabalho.

Após assistirem ao vídeo, os alunos tiveram a oportunidade de expressar suas ideias e impressões sobre o gênero entrevista em um ambiente descontraído, desenvolvendo sua habilidade de comunicação eficaz.

A atividade gerou um retorno positivo entre os alunos, destacando o aprendizado e o engajamento com o projeto. Alguns expressaram seu entusiasmo com comentários como: "Eu adorei fazer essa atividade! Aprendi muito sobre entrevista." A aluna Natália, por exemplo, ressaltou a importância do trabalho colaborativo:" Eu gostei de trabalhar em equipe e compartilhar minhas ideias com os outros." Já a Giovana demonstrou um interesse no conteúdo explorado: "A leitura das entrevistas foi muito interessante e me fez querer saber mais sobre o assunto."

Ainda nesta etapa, para que os alunos se sentissem confiantes e preparados, realizamos entrevistas simuladas entre eles para que treinassem para a entrevista que fariam com as pessoas supracitadas nesta dissertação**.** A formulação dos questionamentos foi realizada de forma clara e objetiva, assim como o manejo da conversa, assegurando que as entrevistas reais fossem conduzidas de maneira satisfatória. Para darmos sequência à proposta foram feitos alguns questionamentos para a turma, tais como:

- Quem de vocês será o entrevistador principal na simulação? E quem fará anotações ou observações?
- Vocês pensaram em como vão se apresentar ao entrevistado (o colega) no início da simulação?
- O que vocês farão se o entrevistado não entender a pergunta ou der uma resposta muito vaga?
- Vocês pensaram em como vão finalizar a entrevista e agradecer ao entrevistado?

- Qual o principal objetivo de vocês para esta simulação de entrevista?

Os alunos também levantaram algumas dúvidas práticas, demonstrando engajamento e interesse na preparação para a atividade real, como: “É permitido usar celulares?” “Como gravar a entrevista?” “Como conduzir a conversa caso o entrevistado se desvie do assunto ou tenha dificuldade em responder?”.

Durante a atividade, os alunos participaram de forma ativa e engajada, demonstrando interesse em colocar em prática os conhecimentos trabalhados. Alguns revelaram inicialmente certa dificuldade em manter o contato visual ou em formular perguntas de maneira clara e objetiva; contudo, à medida que a simulação avançava, notamos progressos significativos, tanto na postura quanto na capacidade de ouvir atentamente as respostas.

É importante destacar que uma aluna que não era alfabetizada e possuía laudo, recebeu auxílio de uma professora (PAPE) e conseguiu participar e se desenvolver por meio da oralidade, demonstrando que o acompanhamento individualizado foi eficaz.

Outro aspecto relevante foi a colaboração entre os colegas, que contribuíam com sugestões de ajustes no roteiro ou no modo de conduzir a entrevista. Esse trabalho coletivo possibilitou troca de experiências, fortalecendo o aprendizado. Uma aluna revelou: “Depois dessa entrevista de mentirinha, me sinto mais preparada para fazer a nossa de verdade.”

Fotografia 18 – Simulação de entrevista



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

3.2.3 Da escolha dos temas à organização dos roteiros: etapas preparatórias para a entrevista

Módulo 2	Elaboração do roteiro da entrevista.
Objetivo: Favorecer a compreensão e a prática do gênero entrevista por meio da definição de temas significativos para a comunidade local, promovendo a elaboração de roteiros com perguntas abertas que possibilitassem aos alunos investigarem aspectos sociais, culturais e históricos de Mirassol d'Oeste – MT.	

Nessa etapa do projeto, definimos os temas das entrevistas. Esse momento foi importante porque permitiu refletir sobre os aspectos da história de Mirassol d'Oeste, MT que poderiam ser explorados pelos alunos. O objetivo central era favorecer a produção textual a partir de elementos significativos da comunidade local. Dessa forma, os temas escolhidos envolveram aspectos sociais, culturais e ambientais que compõem o cotidiano da população, tais como esporte, política, evolução da cidade em se tratando de aspectos demográficos e urbanização.

Consideramos também a diversidade que caracteriza a comunidade, formada por diferentes pessoas, histórias e culturas. Essa pluralidade precisava aparecer no trabalho e, por isso, optamos por organizar as entrevistas por meio de perguntas abertas, que dariam mais liberdade para os moradores compartilharem suas experiências e memórias. Esse procedimento buscou, ao mesmo tempo, ampliar as possibilidades de expressão dos entrevistados e enriquecer o aprendizado dos alunos.

Os alunos se organizaram em grupos e elaboraram os roteiros de entrevistas. Cada grupo construiu perguntas relacionadas ao tema que havia escolhido, a partir de um modelo prévio que trazia exemplos de questionamentos.

Alguns grupos optaram por digitá-las, enquanto outros registraram-nas em formato de questionário no caderno. Em todos os casos, o trabalho foi realizado de forma colaborativa, com a participação de todos.

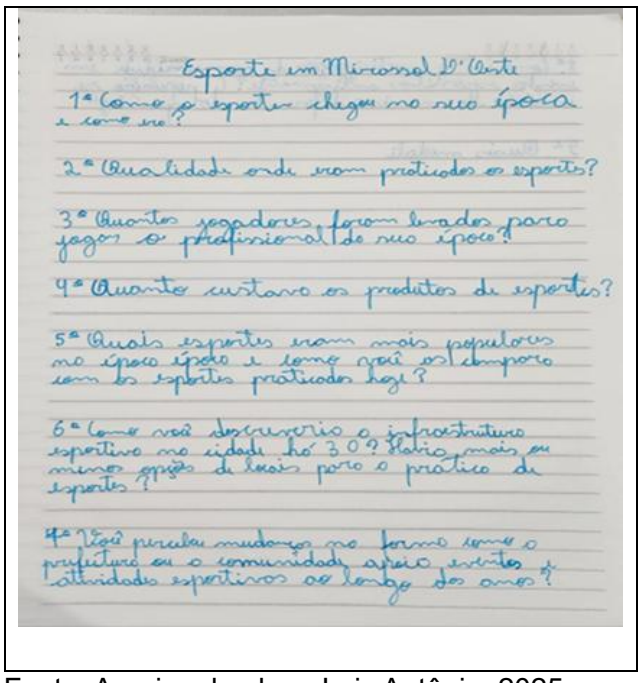
A etapa de realização da entrevista marcou um momento central do projeto, pois envolveu a aplicação prática das orientações trabalhadas previamente em sala.

Após a preparação dos roteiros, das simulações e da definição dos papéis de cada participante, os alunos organizaram-se para conduzir a entrevista com o convidado, observando aspectos de planejamento, adequação linguística e registro das informações.

Nessa etapa escolhemos os entrevistados. Os alunos foram motivados a indicar moradores que consideravam relevantes, sendo que a maioria optou por membros da própria família. Esse momento revelou-se bastante produtivo, pois os estudantes se sentiram parte ativa do processo de seleção. Um exemplo foi o de duas alunas que, inicialmente, manifestaram o desejo de entrevistar a catequista da comunidade, por ser uma senhora idosa e moradora antiga da cidade. Contudo, ao ser convidada, ela recusou, alegando não possuir informações significativas sobre a história local. Diante disso, as alunas decidiram convidar uma professora que tiveram no quarto ano, conhecida por relatar diversas histórias sobre Mirassol d'Oeste.

Nesse contexto**,** o convite foi aceito e a entrevista foi realizada no período noturno. Para viabilizar a participação de todos**,** uma das alunas, que residia em um sítio e dependia de transporte coletivo, permaneceu na casa de uma colega e, ao final da atividade, foi buscada por sua mãe, o que evidenciou o apoio da família ao projeto.

Fotografia 19 – Perguntas desenvolvidas para a entrevista no caderno aluno



Fonte: Arquivo do aluno Luiz Antônio, 2025.

3.3 Realização das entrevistas e socialização das experiências

Módulo 3	Realização das entrevistas.[3]
Objetivo: Registrar e analisar as entrevistas realizadas pelos alunos, promovendo autonomia, habilidades de comunicação e reflexão crítica sobre as experiências e memórias compartilhadas pelos entrevistados.	

As entrevistas foram realizadas como tarefa de casa, já que muitos grupos optaram por entrevistar pessoas próximas ou membros da própria família. Essa organização permitiu que os alunos conduzissem as entrevistas em horários flexíveis, fora do período escolar, garantindo maior conforto aos entrevistados e facilitando a coleta de informações. Posteriormente, os resultados das entrevistas foram trazidos para a sala de aula, permitindo que os grupos compartilhassem suas experiências, discutissem as informações coletadas e refletissem sobre diferentes perspectivas. Essa abordagem promoveu autonomia dos estudantes, estimulou habilidades de comunicação e reforçou o envolvimento familiar no processo de aprendizagem.

Durante a realização das entrevistas, alguns momentos se destacaram. Um grupo, por exemplo, relatou ter sido recebido calorosamente por um morador idoso, que preparou bolo e café para os alunos. A experiência resultou em uma conversa agradável e descontraída, na qual os estudantes puderam relembrar histórias antigas, compartilhar experiências e fortalecer vínculos, demonstrando que a vivência das entrevistas ia além da coleta de informações, tornando- se também um momento de acolhimento e resgate de memórias coletivas.

Por outro lado, também vivenciamos situações diferentes, como a entrevista conduzida com uma participante que, por telefone, devido à falta de tempo da entrevistada e por morar com sua mãe idosa, solicitou que a entrevista fosse realizada por telefone.

A entrevista foi realizada com nosso auxílio, já que uma das alunas residia próxima à nossa casa. Observamos que a entrevistada narrava frequentemente histórias pessoais, reservando esclarecimentos finais para a conclusão de cada

[3] As entrevistas conduzidas pelos alunos do 8º ano, inicialmente foram gravadas em áudios utilizando como suporte aparelhos celulares e depois as informações obtidas foram transcritas manualmente para organizar os dados coletados.

relato. Suas respostas evidenciaram uma conexão direta com experiências de vida, demonstrando a necessidade de validar e justificar as informações compartilhadas.

Essa postura revelou aspectos importantes sobre a construção das narrativas orais, além de refletir sobre a relação entre memória, identidade e autoridade na organização do relato. Dessa forma, a proposta demonstrou a importância do planejamento, da colaboração e do engajamento dos alunos e famílias, fortalecendo a aprendizagem a partir de experiências reais e da valorização da identidade local.

3.4 A transcrição das entrevistas: do oral ao escrito

Módulo 4	O processo de transcrição.
Objetivo: Registrar fielmente as falas dos entrevistados, promovendo a reflexão dos alunos sobre as diferenças entre oralidade e escrita, além de desenvolver habilidades de escuta atenta, revisão e cooperação.	

Depois de concluírem as entrevistas, cada grupo ficou responsável por ouvir novamente os áudios gravados. Aos poucos, eles iam pausando as falas e registrando o que era dito, procurando manter a fidelidade às palavras do entrevistado. Esse exercício exigiu paciência e atenção, pois muitas vezes era necessário voltar o áudio várias vezes para captar detalhes ou corrigir trechos.

Nesse sentido, a fase de pós-entrevista revelou-se fundamental para transformar as informações coletadas em um material escrito coeso e significativo. Para essa etapa, os grupos foram atendidos em momentos de contraturno, utilizando a sala de informática e a biblioteca da escola, o que possibilitou um acompanhamento mais individualizado e adequado às necessidades de cada estudante.

Conforme ressalta Marcuschi (2010, p. 49), “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados”. Assim, as transcrições realizadas pelos alunos não consistiram apenas na digitação das entrevistas, mas em um processo que exigiu reflexão sobre a passagem da oralidade para a escrita.

Além disso, durante essa atividade, os alunos perceberam as diferenças entre a fala espontânea e a escrita, notando repetições, pausas, vícios de linguagem e até expressões típicas da oralidade. A partir dessas observações**,** compreenderam a

necessidade de adaptar o texto, de modo a garantir clareza e coerência, sem, contudo, comprometer o sentido original da fala.

O processo de transcrição não apenas resultou em um registro escrito, mas também serviu como exercício de escuta atenta, paciência, cooperação e, principalmente, reflexão sobre a passagem da linguagem oral para a escrita.

Fotografias 20, 21 e 22 – Alunos na biblioteca fazendo a transcrição das entrevistas



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Para padronizar o processo de transcrição, estabelecemos critérios específicos quanto ao formato, tipo de fonte, tamanho e espaçamento para facilitar a organização das transcrições e possibilitar comparação entre os diferentes textos.

Marcuschi (2010, p. 52) afirma que

> quando transcrevemos a fala para fins de análise, usamos um sistema de notação próprio da transcrição (maiúsculas para tom mais alto; silabação para fala pausada; comentários para indicação de aspectos circunstanciais e assim por diante). Adotamos uma série de convenções de transcrição para manter um mínimo de finalidade à qualidade da produção oral, fugindo inclusive ao padrão ortográfico, no plano da forma da expressão. É claro

> que toda a transcrição é uma espécie de adaptação e, neste procedimento ocorrem perdas, pois sempre haverá algo que escapa ou que muda (veja Rey- Debove, p.88). Basta pensar na entoação e nos aspectos gestuais e mímicos, sem contar com a situação física que desaparece.

Explicamos para os alunos que ao transcrever a fala de uma pessoa para fins de análise, captamos detalhes importantes dela e usamos letras maiúsculas para indicar tom mais alto, símbolos ou as marcas para indicar pausas na fala. Então surgiu um comentário que veio da Natália: "No começo, transcrever parecia só digitar, mas depois que a gente começou a prestar atenção nesses detalhes – o tom de voz, as pausas –, vi que é quase como desenhar a fala. A gente consegue entender muito mais da pessoa."

Durante as transcrições, enfrentamos resistência por parte de alguns alunos. Enquanto uns não queriam reescrever, outros preferiam digitar rapidamente, sem revisar. Quando questionada, uma aluna afirmou que “não aprenderia nada escrevendo”. Esse foi o momento oportuno para retomar uma frase aprendida na formação docente: *“*A gente só aprende a ler, lendo; aprendemos a escrever, escrevendo.” A partir dessa reflexão, os estudantes compreenderam a relevância da prática da escrita para o desenvolvimento da clareza, da coesão e da correção textual.

3.5 Processo de retextualização das transcrições: da oralidade à escrita formal

Módulo 5	Retextualização.
Objetivo: Descrever e analisar o processo de retextualização das transcrições das entrevistas, destacando como a atividade permitiu aos alunos compreenderem as diferenças entre oralidade e escrita.	

Logo após a conclusão das transcrições das entrevistas, iniciamos o processo de retextualização e revisão. Em três encontros realizados no contraturno, cada grupo leu, reescreveu e discutiu coletivamente o que manter ou retirar de suas produções, deixando evidente a importância da revisão para a produção de textos mais coesos e adequados à modalidade escrita formal.

Essa prática de revisão possibilitou aos estudantes interpretarem as falas de seus entrevistados, identificar elementos linguísticos relevantes e compreender a oralidade como fonte legítima de conhecimento e aprendizagem. Tal experiência

reforçou a percepção de que existem diferenças funcionais entre oralidade e escrita e que a valorização das variações linguísticas contribui para a formação de escritores críticos e conscientes.

Nesse sentido, inserimos a retextualização como um processo que ultrapassa a simples reorganização de uma fala considerada ‘desordenada’, pois envolve operações complexas de transformação do discurso oral em texto escrito, demandando escolhas linguísticas, estruturais e discursivas que respeitam a intencionalidade comunicativa do falante, mas ao mesmo tempo ajustam a produção às exigências da modalidade escrita, às normas da língua e ao contexto de circulação do gênero textual.

Dessa forma, realizamos a revisão das transcrições, atentando para marcas de variação linguística, dificuldades ortográficas e aspectos de coesão e coerência. Esses aspectos foram analisados em diversos trechos no capítulo 4, isto é, por meio da seleção de fragmentos das entrevistas realizadas, o que permitiu observar de maneira detalhada como tais fenômenos se manifestaram nos usos efetivos da língua. Essa análise permitiu compreender as especificidades de cada produção e orientar os alunos em atividades de reescrita e aprimoramento.

Para aprofundar essa experiência, orientamos os alunos a revisarem as transcrições, eliminando marcas da oralidade, como 'né', pausas prolongadas, repetições desnecessárias ou trechos inacabados, substituindo-as ou suprimindo-as de modo a tornar o texto adequado à modalidade escrita**.**

Em seguida, solicitamos aos alunos que realizassem a introdução provisória da pontuação. Nessa atividade, cada estudante inseriu sinais de pontuação em seus textos com o objetivo de organizar a escrita e facilitar a compreensão das ideias. Tal exercício possibilitou a reflexão sobre a função da pontuação na construção do sentido e serviu como preparação para as etapas posteriores de revisão. Para a análise subsequente, os pontos foram elencados de forma sistemática, considerando o uso adequado dos sinais de pontuação, a coerência entre a pontuação e a organização das ideias, a clareza obtida pela segmentação das frases, a identificação de possíveis ambiguidades ou mudanças de sentido e os ajustes necessários para aprimorar a coesão e a fluidez do texto.

Esse processo evidenciou que a pontuação, mais do que um recurso gráfico, é um elemento essencial para a construção de sentidos, pois orienta o leitor, marca entonações e estabelece relações lógicas entre as partes do texto. Além disso,

permitiu que os estudantes percebessem a escrita como um processo em constante aperfeiçoamento, no qual cada etapa (da transcrição à reescrita) desempenha papel fundamental na formação de sujeitos críticos e conscientes quanto ao uso da língua.

Assim, concluímos que a prática de trabalhar progressivamente os diferentes aspectos da escrita contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento da autonomia dos alunos e para o fortalecimento de uma postura reflexiva diante da linguagem.

CAPÍTULO 4

4 REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: METODOLOGIA E ANÁLISES

Esta seção apresenta os procedimentos adotados para a condução das entrevistas e os critérios utilizados na interpretação dos dados coletados. Ao descrever as etapas de preparação, execução e revisão das transcrições, buscamos mostrar como as práticas desenvolvidas contribuíram para a construção do *corpus* e para a identificação de aspectos relevantes no uso da língua, possibilitando uma compreensão mais ampla do processo de produção e organização das informações pelos alunos.

4.1 Atividades que subsidiaram o processo de intervenção

Módulo 6	Intervenção a partir do diagnóstico apurado durante o processo de retextualização das entrevistas dos alunos.
Objetivo: Realizar aulas expositivas e propor atividades voltadas ao funcionamento da língua, para contemplar conteúdos pertinentes aos desafios de aprendizagem identificados na escrita dos alunos, tais como concordância verbal e nominal, variação linguística e ortografia.	

Iniciamos as aulas expositivas a partir do diagnóstico realizado, o qual permitiu identificar as principais dificuldades apresentadas pelos alunos em relação à produção escrita. Os conteúdos trabalhados neste módulo foram definidos a partir do diagnóstico realizado durante o processo de retextualização das entrevistas, buscando atender às necessidades observadas na escrita dos alunos.

Assim, foram desenvolvidas aulas voltadas ao aprimoramento da concordância verbal e nominal, contribuindo para o uso adequado das flexões nas estruturas frasais. Além disso, trabalhamos a variação linguística como forma de reconhecer e valorizar os diferentes modos de falar presentes na comunidade, promovendo reflexões sobre a relação entre a norma padrão e os usos reais da língua. Também desenvolvemos atividades de ortografia e convenções da escrita, a fim de reforçar aspectos essenciais da estrutura textual formal.

A escolha desses conteúdos fundamentou-se nos desafios de aprendizagem evidenciados na escrita dos estudantes, com o intuito de promover o aprimoramento das competências linguísticas necessárias à comunicação formal. Além disso, tais atividades buscaram estimular a reflexão crítica acerca do uso da língua em diferentes contextos, possibilitando não apenas a correção de desvios recorrentes, mas também a valorização da diversidade linguística e a ampliação da capacidade expressiva dos alunos.

No que se refere à concordância verbal, Bagno (2015, p. 262) destaca que ela "se faz com algo que não está visível na materialidade do texto, mas que decerto participou do processamento cognitivo do falante/escrevente no momento de falar/escrever". Tal afirmação evidencia que a concordância não se limita a uma regra mecânica de aplicação, mas envolve processos mentais que articulam a escolha do verbo com os elementos do sujeito, mesmo quando estes não se apresentam de forma explícita na superfície textual.

Durante o processo de ensino-aprendizagem, constatamos que muitos alunos apresentaram dificuldades justamente nesse ponto: a percepção daquilo que não estava materialmente expresso no texto, mas que exigia a mobilização de conhecimentos internos para a realização da concordância verbal. Em situações mais simples, os estudantes conseguiam aplicar a regra com relativa facilidade, entretanto diante de construções mais complexas (especialmente quando o sujeito estava distante do verbo ou era formado por núcleos compostos) demonstravam insegurança.

Essas observações evidenciaram que as dificuldades não se restringiam à memorização de regras gramaticais, mas estavam diretamente relacionadas à necessidade de desenvolver uma consciência linguística capaz de articular a gramática normativa aos processos cognitivos envolvidos na produção textual.

Nesse sentido, as atividades propostas tiveram como objetivo não apenas a fixação de conteúdo, mas também o desenvolvimento da habilidade de refletir sobre o funcionamento da língua em contextos reais de uso e dando continuidade a esse trabalho, abordamos com os alunos os conceitos de concordância verbal e suas diferentes possibilidades de aplicação, com ênfase no gênero textual em estudo.

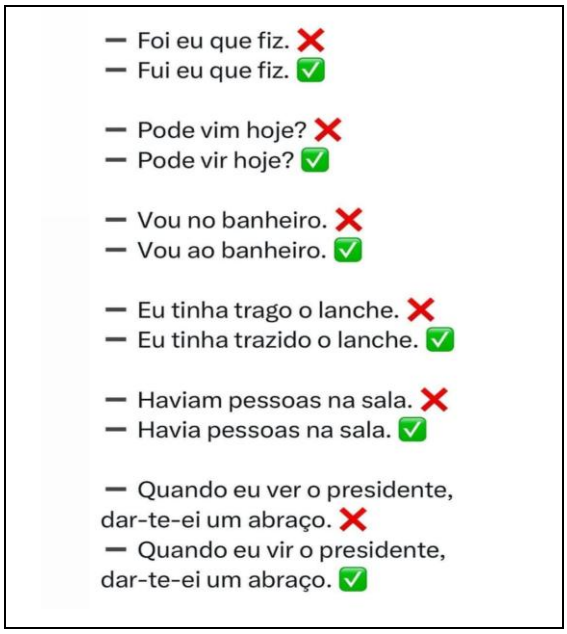
Em um primeiro momento, realizamos uma explanação dialogada, destacando a concordância verbal. Na sequência, propusemos atividades no

quadro, conduzidas coletivamente, de modo a estimular a participação ativa dos estudantes e possibilitar a compreensão prática das estruturas apresentadas.

Posteriormente, disponibilizamos atividades impressas, que foram realizadas de forma autônoma, com o objetivo de consolidar a aprendizagem e reforçar a fixação dos aspectos gramaticais trabalhados em sala. Essas atividades foram organizadas em diferentes níveis de complexidade, as primeiras envolviam a identificação de formas verbais corretas em frases curtas; em seguida, os alunos trabalharam com trechos mais longos, retirados de entrevistas e textos próximos ao gênero estudado, nos quais deveriam identificar e corrigir desvios de concordância. Por fim, solicitamos que reescrevessem pequenas passagens, garantindo o uso adequado da concordância verbal.

A atividade foi concluída com uma reflexão coletiva, na qual discutimos a importância da concordância verbal para a clareza e a precisão da comunicação escrita, destacando que sua ausência pode comprometer o sentido da mensagem. Para encerrar a aula, projetamos na TV alguns exemplos de concordância, possibilitando aos alunos visualizarem de forma prática os aspectos estudados. Teve um comentário de um aluno que nos chamou atenção: “Percebi que pequenos detalhes na escrita fazem muita diferença no sentido da frase. Alguns erros que eu nem imaginava que eram importantes mudam completamente o que a gente quer comunicar”.

Fotografias 23 e 24 – Exemplos de atividades disponibilizadas na TV





Fonte: (Disponível em: https://www.instagram.com/p/DNS2DMbgPTE/.)

Os dois exemplos trazidos acima, ilustram o comentário do aluno, pois foi a partir deles que o estudante identificou erros de concordância verbal que cometia, por exemplo, as imagens que ilustram as frases, “comer na mesa” e “comer à mesa”.

O mais significativo, entretanto, foi que eles conseguiram estabelecer a relação entre o conteúdo trabalhado e a qualidade de suas próprias produções textuais, reconhecendo a concordância verbal como um recurso essencial para o aprimoramento da escrita.

Para exemplificar, mostramos casos em que a fala cotidiana ou certas produções escritas divergem das recomendações das gramáticas tradicionais, como no uso de “a gente fomos” ou “os menino chegou” que embora não estejam de acordo com a norma culta, refletem variações legítimas presentes no uso real da língua, portanto transmitem mensagens, como argumenta Carlos Bagno (2208) em seu livro Preconceito Linguístico.

Aproveitamos esse momento de debate para aprofundar os conceitos relacionados à concordância verbal e nominal, utilizando recursos como a televisão para exibir os textos e exemplos de forma clara e acessível. Também explicamos que as regras de concordância podem variar de acordo com fatores sociais, culturais e linguísticos.

A partir desse exemplo, discutimos com os alunos que, embora, nem todas as formas como as concordâncias aparecem nas fotografias 28 e 29 estejam de acordo com a norma culta, ela é recorrente na fala popular e representa uma variação legítima do português falado. Mostramos, embasados nos exemplos observados anteriormente, que uma forma segue a norma culta, como em “fui eu que fiz” e a outra reflete o uso cotidiano “foi eu que fiz”. Contudo, ambas coexistem em diferentes contextos comunicativos, revelando a diversidade linguística da língua portuguesa.

Esse momento de fechamento não apenas consolidou os conhecimentos construídos ao longo da sequência didática, mas também incentivou uma postura crítica e autônoma diante do uso da língua. E ao refletirem sobre a função da concordância em seus próprios textos, os alunos compreenderam que escrever com clareza e correção não se limita a cumprir normas gramaticais, mas constitui em uma prática de comunicação responsável e eficaz.

No encontro seguinte, voltamos nossa atenção para o estudo da pontuação, considerando que ela desempenha um papel essencial na escrita, ao contribuir para

a organização do texto, a fluidez da leitura e a construção dos sentidos. Dessa forma, os alunos puderam compreender como o uso adequado dos sinais de pontuação interfere diretamente na clareza da mensagem e na interpretação do leitor. Além do mais, os sinais de pontuação orientam a leitura, marcam pausas, delimitam unidades sintáticas e indicam entonações, permitindo ao leitor interpretar corretamente o que o autor deseja comunicar. No entanto, observamos que, em muitas produções dos alunos, a pontuação era utilizada de forma inadequada, comprometendo a coesão e a coerência dos textos.

Diante desse cenário, constatamos que repensar e ressignificar práticas relativas ao ensino dos sinais de pontuação não é uma tarefa simples, visto que se trata de um processo contínuo, que envolve, sobretudo, a mobilização de diferentes saberes adquiridos em nossas formações inicial e continuada.

A partir do diagnóstico realizado, compreendemos que seria importante intervir no ensino da pontuação de duas maneiras complementares: por meio da leitura, propondo situações em que os alunos analisassem os efeitos de sentido provocados pelos sinais de pontuação nos textos e por meio da escrita, ao discutir as possibilidades de pontuar e selecionar, entre os diferentes sinais disponíveis, aqueles mais adequados aos gêneros textuais, aos propósitos comunicativos e aos sentidos pretendidos.

Uma nova atividade de pontuação foi proposta aos alunos de maneira lúdica. A atividade consistia em uma frase, na qual uma pessoa queria deixar seus bens para alguém, contudo a frase não fora pontuada.

“Deixo meus bens ao meu sobrinho não minha mãe jamais minha avó não nunca meu irmão”.

Os alunos foram organizados em grupo relacionados aos possíveis herdeiros sobrinho, mãe, avó, irmão. A atividade consistia em cada grupo pontuar a frase de tal forma que o grupo fosse o herdeiro.

Essa atividade, consistiu em um momento lúdico, quando os alunos se desafiaram a ser os herdeiros e cada grupo fez e refez sua frase para que fosse contemplado na herança. Para isso, discutiam entre eles, faziam e refaziam a frase, ao mesmo tempo em que, sem perceber estavam refletindo sobre a importância da pontuação para uma informação eficaz. Depois de muito debate o resultado foi o seguinte:

Grupo sobrinho: Deixo meus bens ao meu sobrinho. Não a minha mãe. Jamais a minha avó, nunca a meu irmão.

Grupo mãe: Deixo meus bens ao meu sobrinho? Não! A minha mãe. Jamais a minha avó, nunca a meu irmão.

Grupo avó: Deixo meus bens ao meu sobrinho? Não. A minha mãe? Jamais. A minha avó! Nunca a meu irmão.

Grupo irmão: Deixo meus bens ao meu sobrinho? Não! A minha mãe? Jamais! A minha avó, nunca! Meu irmão.

A atividade foi muito divertida e os alunos se sentiram motivados a se tornarem “herdeiros”. Entenderam a importância da colaboração, da atenção quanto ao uso de letras maiúscula e minúsculas e principalmente compreenderam como o uso inadequado dos sinais de pontuação pode mudar o sentido de uma frase, assim como sua ausência pode não dar sentido à frase.

Dando continuidade às atividades de intervenção para melhorar a escrita dos alunos, trabalhamos exercícios voltados à variação linguística. Nessas atividades, os estudantes identificaram e analisaram diferentes formas de falar e escrever, observando escolhas de palavras, construção das frases e uso da pontuação de acordo com cada situação de comunicação. Por meio dessa análise, os estudantes puderam compreender como a adequação da linguagem influencia diretamente a coerência e o efeito de sentido de um texto.

Nosso objetivo principal foi sensibilizar os alunos para as diversas formas de uso da língua, evidenciando as variedades linguísticas presentes em diferentes contextos sociais e reforçando a importância de selecionar registros apropriados aos gêneros textuais e às situações comunicativas. Dessa forma, buscamos não apenas desenvolver habilidades técnicas de escrita, mas também estimular a reflexão crítica sobre a adequação linguística, promovendo uma produção textual mais consciente, coerente e contextualizada.

Por meio dessas atividades, os estudantes puderam compreender que a linguagem não é homogênea e que a escolha adequada do vocabulário, da estrutura e do estilo ao contexto é essencial para garantir clareza, coerência e efetividade na comunicação. Além disso, essas práticas favoreceram a reflexão crítica sobre preconceitos linguísticos e promoveram a valorização da diversidade cultural e linguística, contribuindo para a construção de textos mais conscientes e socialmente contextualizados.

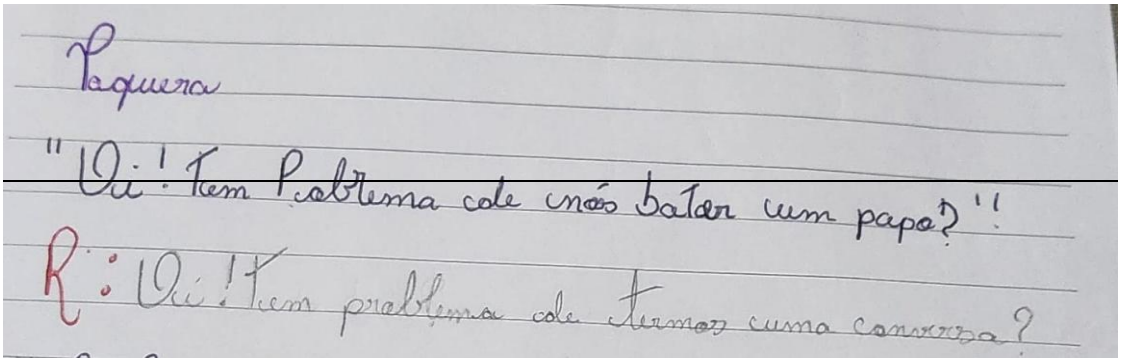
De acordo com esta perspectiva, foi iniciada a distribuição de cópias das atividades, para os alunos reescreverem os textos das tirinhas, ajustando-os de acordo com a norma mais formal da Língua Portuguesa. Observamos que essa prática contribuiu significativamente para que refletissem sobre o uso correto das regras gramaticais, ortográficas e de pontuação, além de estimular a produção de textos mais formais. Entretanto, é importante destacar que essa atividade, por si só, não garante a plena compreensão e aplicação das regras; ela deve ser compreendida como uma etapa dentro de um processo contínuo de aprendizagem, no qual a prática constante, a revisão e o acompanhamento docente são fundamentais para a consolidação do conhecimento.

Fotografia 25 – Tirinha



Fonte: Variação e preconceito linguístico 2016-06-19. Disponível em: https://images.app.goo.gl/STP2v.

Fotografia 26 – Atividade desenvolvida no caderno do aluno



Fonte: Arquivo do aluno Lucas Gabriel, 2025.

A atividade proposta teve como ponto de partida uma tirinha (Fotografia 30) que ilustra uma situação de paquera marcada pelo uso inadequado da norma mais formal da Língua Portuguesa. O personagem masculino, ao se dirigir à jovem, emprega expressões como “pobrema” e “nós bater um papo”, evidenciando desvios de concordância e pronúncia. A reação da interlocutora, que se afasta imediatamente, sugere que o modo de falar interferiu negativamente na comunicação e na construção da imagem do falante.

A partir dessa situação, promovemos uma reflexão sobre a importância da adequação linguística e como a escolha das palavras, a pronúncia e o domínio das convenções da língua podem influenciar na interação social. A análise da palavra "pobrema", junto com a frase "Oi! tem pobrema de nós bater um papo?", serviu como exemplo para explicar o fenômeno da variação linguística.

Ainda foi explicado que a variação linguística se refere às diferentes formas de usar a língua, que mudam dependendo de fatores como a região, a idade, o nível de escolaridade, a classe social e a situação de comunicação. Na tirinha, a palavra "pobrema" não significava um erro de português no sentido de falta de conhecimento do falante, mas sim, uma variação fonética, ou seja, uma forma diferente de pronunciar a palavra, que incide também na escrita.

Explicamos que o uso de "pobrema" é frequentemente associado a um nível coloquial ou popular, usado em contextos informais. Na tirinha, a palavra caracteriza o personagem como alguém com uma linguagem simples, que não segue a norma mais formal. O humor da tirinha surge justamente do contraste entre a linguagem mais formal e a popular.

Discutimos que a reação da mulher, que parte o coração e vai embora, simboliza o preconceito linguístico. Ela rejeita o homem não pelo que ele disse, mas pela forma como ele disse. Na tirinha há, de forma sutil, crítica à ideia de que uma forma de falar é superior à outra e de que as pessoas podem ser julgadas e rejeitadas por sua maneira de se comunicar.

Essa discussão gerou muitos questionamentos importantes entre os alunos. Um deles comentou: "Eu entendi a piada na hora. Ele fala 'pobrema' e ela 'se quebra'. A guria não quer mais nada com ele. A tirinha tá mostrando que o jeito de falar dele não 'cola' com ela." Esse comentário demonstrou que ele compreendeu a dinâmica, o objetivo da atividade.

A aluna Lorrayne expressou uma dúvida comum: "Então 'pobrema' não é um erro de português? A gente sempre aprendeu que é 'problema'." A pergunta foi fundamental para reforçar a diferença entre erro gramatical e variação.

Um dos alunos surpreendeu com a pergunta: "E qual a diferença entre norma mais formal e variação popular? A norma culta é mais formal, a popular é mais informal?" Aproveitamos a ocasião para esclarecer que a norma culta ou mais formal é a língua "correta" gramaticalmente, usada em ambientes mais formais, enquanto a variação popular é o jeito mais informal e descontraído de falar. A tirinha nos mostra que as pessoas julgam as outras pela forma como elas falam, um fenômeno chamado de preconceito linguístico, que devemos evitar.

Segundo Antunes (2003), escrever não é uma habilidade inata; trata-se de um processo de aquisição que se desenvolve e se aprimora ao longo do tempo. Para dominar a escrita, é necessário muito mais do que simplesmente ter uma ideia, é fundamental contar com orientação adequada, que pode ser de professores, ou adquirida por meio da observação de bons escritores. Além disso, a escrita exige determinação e perseverança, pois é preciso persistir mesmo diante dos desafios que surgem ao longo do processo de aprendizagem.

A outra atividade foi a reescrita dos trechos apresentados, substituindo "você" por "o senhor/a senhora" e "a gente" por "nós". O objetivo foi levá-los a perceber os efeitos de sentido e as mudanças de tom que ocorrem quando se migra de um registro mais coloquial para um mais formal. Nessa discussão surgiram comentários interessantes como a percepção de que "o senhor/a senhora" cria maior distanciamento entre os interlocutores, enquanto "você" aproxima mais o diálogo, como refletiu um aluno Bruno: “Quando falamos ‘você’ e não ‘senhor ou senhora’ significa que somos amigos e temos intimidade”.

Com essa atividade, os estudantes não apenas compreenderam os usos diferenciados de "você" e "a gente", mas também refletiram criticamente sobre a importância de selecionar os pronomes de acordo com a formalidade exigida pelo contexto, consolidando a noção de que a língua é plural e flexível, mas requer escolhas conscientes para garantir eficácia comunicativa.

Ao discutir esses exemplos práticos, estimulamos a reflexão dos estudantes sobre a Língua Portuguesa. A ideia era que eles compreendessem como a gramática se manifesta no dia a dia, tanto em situações formais quanto informais e desenvolvessem uma consciência crítica sobre as escolhas linguísticas que fazem.

Essa abordagem buscou não apenas ensinar as regras, mas também mostrar a dinâmica e a riqueza da língua em seu contexto real.

Reforçamos essa discussão a partir de um cartum: "Aí negada, nóis vai estudá português assim" e de outra imagem.

Fotografia 27 – Cartum



Fonte: Disponível em: https://images.app.goo.gl/d36a5.

Fotografia 28 – Exemplos de atividades disponibilizadas na TV



Fonte: Disponível em: https://images.app.goo.gl/fvt7k.

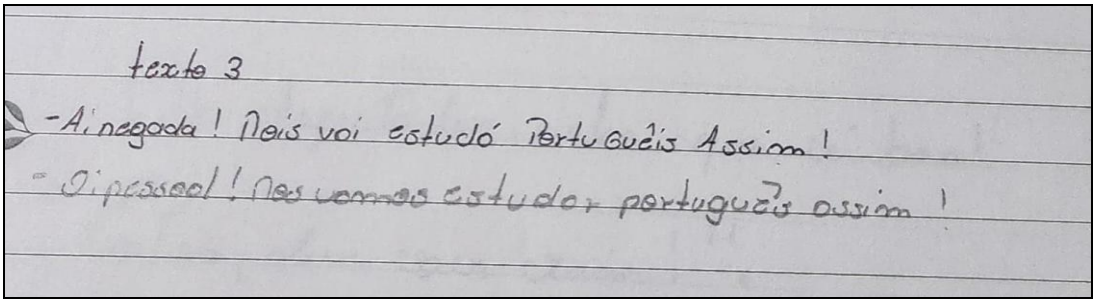
Realizamos intervenção voltada às dúvidas dos alunos sobre expressões como “negada”, “nóis” e “estudá”. Apresentamos exemplos retirados da fala cotidiana e discutimos coletivamente a diferença entre oralidade e norma culta.

Sobre a Fotografia 28, o aluno Álvaro questionou se a frase estava realmente correta em português e porque, no dia a dia, muitas pessoas dizem “nós vai”, enquanto na escola aprendem que a forma adequada é “nós vamos”. Explicamos que a língua apresenta diferentes variações e que, na oralidade cotidiana, o uso de “nós vai” é bastante comum e perfeitamente compreensível. Contudo, destacamos que, na escrita formal e em situações que exigem maior rigor, deve-se utilizar a forma prevista pela norma mais formal.

Por meio dessa atividade houve várias discussões sobre o fato de que, embora certas formas não estejam de acordo com a norma culta, elas permanecem funcionais e compreensíveis em contextos informais, evidenciando a diversidade linguística do português do Brasil.

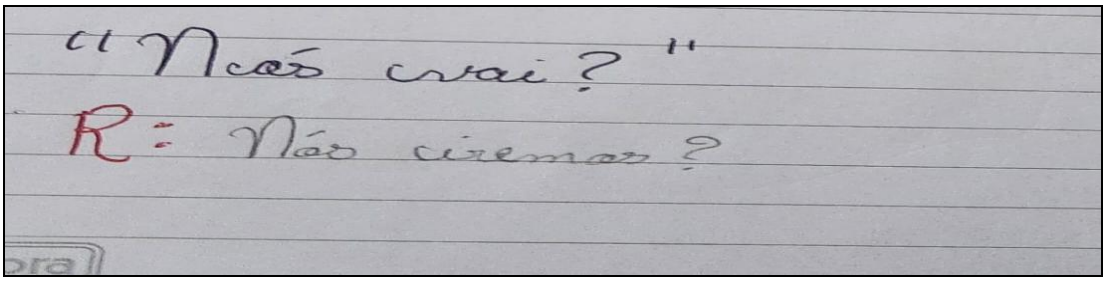
Projetamos novamente as duas figuras na TV e pedimos que reescrevessem os textos, adequando-os à norma mais formal da Língua Portuguesa. A aluna Giovana perguntou: "O que 'negada' quer dizer aqui? É uma gíria?" Explicamos que é uma frase informal usada para se referir a um grupo de pessoas. É uma forma descontraída e regional de chamar a atenção dos interlocutores, comum em algumas regiões do Brasil, que pode ser substituída por "pessoal", "caros alunos" ou "colegas".

Fotografia 29 – Atividade desenvolvida no caderno do aluno



Fonte: Arquivo da aluna Ana Júlia, 2025.

Fotografia 30 – Atividade desenvolvida no caderno do aluno



Fonte: Arquivo da aluna Giovana, 2025.

Em seguida, realizamos uma roda de conversa sobre o uso da língua no cotidiano, momento em que os alunos puderam participar ativamente, trazendo exemplos e questionamentos. Durante a discussão, abordamos a variação linguística, “nóis” em vez de “nós” e no apagamento do /r/ final de verbos do infinitivo, como em “estudá” no lugar de “estudar”. Também discutimos o preconceito linguístico, a partir da problematização do termo “negada”, que alguns estudantes reconheceram como expressão de cunho preconceituoso. Além disso, refletimos sobre a distinção entre oralidade e escrita, ressaltando que, embora certas formas sejam legítimas e recorrentes na fala cotidiana, a modalidade escrita exige o cumprimento das convenções da norma mais formal.

Alguns estudantes perguntaram se falar “nós vai” era “coisa de gente sem estudo” ou se as pessoas que utilizam essa forma seriam menos inteligentes. Reforçamos que a maneira de falar não mede a capacidade ou a inteligência de ninguém, mas apenas reflete a diversidade linguística existente no país. Destacamos que o preconceito linguístico acontece justamente quando uma forma de falar é desvalorizada em comparação a outra, e que a escola deve contribuir para combater esse tipo de discriminação.

Segundo Bagno (2008), uma educação linguística eficaz deve contemplar a variação da língua em todos os seus níveis, evidenciando sua conexão com diferenças sociais; entretanto, é igualmente fundamental que

> todos os aprendizes devem ter acesso às variedades linguísticas urbanas de prestígio, não porque sejam as únicas formas “certas” de falar e de escrever, mas porque constituem, junto com outros bens sociais, um direito do cidadão, de modo que ele possa se inserir plenamente na vida urbana contemporânea, ter acesso aos bens culturais mais valorizados e dispor dos mesmos recursos de expressão verbal (oral e escrita) dos membros das elites socioculturais e socioeconômicas (Bagno, 2008, p. 16).

Além disso, alguns alunos demonstraram curiosidade em saber se outras expressões parecidas existem na língua e se, com o passar do tempo, construções como “nós vai” poderiam vir a ser aceitas oficialmente como corretas. Esse ponto nos permitiu explicar que a língua é viva e está em constante transformação, de modo que expressões que hoje consideramos informais podem, no futuro, tornar-se aceitas, assim como já aconteceu com muitas palavras e construções ao longo da história do português.

Outros alunos quiseram entender por que falamos de um jeito e escrevemos de outro, questionando se isso significa que a fala está incorreta. Nesse momento, explicamos que não se trata de erro, mas de registros diferentes da língua: a oralidade, marcada por simplificações e informalidade, e a escrita, que segue convenções específicas. Ressaltamos que ambas as formas são legítimas, porém cada uma adequada ao seu contexto de uso.

Também falamos sobre o uso do "Aí" que pode ser uma interjeição ou advérbio de lugar, ou marcador de discurso.

Por fim, perceberam que, embora a frase não siga a norma mais formal da gramática, ela era perfeitamente compreensível e funcional em um contexto informal de comunicação, demonstrando a riqueza das variedades linguísticas do Brasil. Ao mesmo tempo, reforçou-se o papel da escola como espaço de ampliação da competência comunicativa, sem desvalorizar a diversidade linguística que caracteriza a realidade sociocultural dos estudantes.

Em outras palavras, os estudantes devem conhecer e ter contato com as variedades linguísticas urbanas consideradas prestigiadas, mas não porque essas formas sejam as únicas “certas” de falar ou escrever, e sim porque elas representam um instrumento de cidadania. Ou seja, dominar essas variedades permite que a pessoa participe plenamente da vida urbana moderna, tenha acesso aos bens culturais mais valorizados e possa usar os mesmos recursos de comunicação oral e escrita que os grupos socialmente mais favorecidos. Com esses questionamentos, os alunos puderam perceber que aprender sobre a norma mais formal não significa rejeitar a forma como falam, mas ampliar seu repertório linguístico para se expressarem adequadamente em diferentes situações comunicativas.

Na sequência, retomamos uma explanação dialogada sobre a destacando que, segundo a norma mais formal, a forma correta seria “nós vamos”. Aproveitamos para mostrar exemplos de construções em que a concordância verbal é simples,

mas também situações mais complexas, em que o sujeito se encontra distante do verbo ou é composto por mais de um núcleo, ampliando, assim, a percepção dos estudantes sobre o funcionamento da língua.

Durante o desenvolvimento das atividades, retomamos a discussão sobre preconceito linguístico, explicando que a forma “nós vai” não deve ser vista como um erro, mas como característica da variante popular, legítima em determinados contextos, embora não seja adequada à escrita formal.

As atividades desenvolvidas contribuíram para o entendimento dos alunos sobre o uso da norma mais formal e sobre a importância da concordância verbal na produção escrita. Muitos demonstraram surpresa ao perceber que a forma “nós vai” não é apenas uma questão de certo ou errado, mas sim de adequação ao contexto comunicativo.

Nesse sentido, as produções serviram de base para a análise linguística que apresentaremos a seguir, especialmente no que diz respeito à concordância verbal e nominal, tema central deste trabalho. A reflexão proposta aos alunos buscou, portanto, não apenas identificar e corrigir desvios segundo a norma mais formal, mas, sobretudo, compreender a diversidade da Língua Portuguesa, valorizando a variação linguística como um fenômeno natural, legítimo e constitutivo das práticas sociais de linguagem.

4.2 Excertos diagnósticos e o processo de reescrita e revisão das entrevistas

Módulo 6	Reescrita e revisão das entrevistas.
Objetivo: Analisar as entrevistas produzidas em sua versão inicial, identificando dificuldades relacionadas à pontuação, ao uso da norma culta e às marcas de oralidade, a fim de compreender os desafios enfrentados pelos alunos e orientar intervenções pedagógicas que favoreçam a produção de textos mais coesos e adequados à modalidade escrita.	

A reescrita textual constituiu um dos momentos mais significativos do processo de produção escrita, pois possibilitou ao estudante retomar sua própria produção com um olhar crítico, percebendo pontos a serem aprimorados e

construindo novas estratégias de organização das ideias. Mais do que uma simples correção de erros, a reescrita implicou uma atitude reflexiva diante do texto, permitindo ao aluno reavaliar escolhas linguísticas, revisar a estrutura argumentativa e buscar maior clareza e eficácia na comunicação com o leitor.

No contexto das atividades desenvolvidas em sala de aula, a reescrita foi proposta como um procedimento contínuo e colaborativo, pois o objetivo dessa etapa foi identificar, a partir dos excertos das entrevistas em sua versão inicial, as dificuldades apresentadas pelos alunos quanto ao uso adequado da pontuação, à observância da norma culta e à presença de marcas de oralidade, como repetições e construções incompletas.

Essa análise diagnóstica orientou as intervenções pedagógicas subsequentes, favorecendo o processo de reescrita e a produção de textos mais coesos, organizados e adequados à modalidade escrita. Os textos revelaram marcas típicas da oralidade, tais como repetições excessivas, uso frequente de pausas representadas por reticências, emprego de expressões como “aí”, “daí” e “né”, além de construções incompletas ou iniciadas e não finalizadas. Tais ocorrências refletem os desafios próprios da transposição do discurso oral para o escrito e indicam a necessidade de intervenções voltadas ao desenvolvimento de produções mais coesas, articuladas e adequadas às exigências da norma da escrita.

Sobre a reescrita, Dolz; Noverraz e Schneuwly (2004, p. 112) pontuam que

> [...] o escritor pode considerar seu texto como um objeto a ser retrabalhado, revisto, refeito, mesmo a ser descartado, até o momento em que o dá a seu destinatário. O texto permanece provisório enquanto estiver submetido a esse trabalho de reescrita. Podemos até dizer que considerar seu próprio texto como objeto a ser retrabalhado é um objetivo essencial do ensino da escrita. O aluno deve aprender que escrever é (também) reescrever.

Assim, procuramos acompanhar de forma atenta os avanços e as dificuldades de cada aluno, analisando aspectos que foram desde questões ortográficas e de pontuação até a coesão textual e a adequação ao gênero estudado, com o objetivo de tornar a produção mais clara e compreensível para o leitor. Também foram observados casos de repetições de palavras, sempre com a intenção de aprimorar a qualidade da escrita. Neste contexto, foi possível promover um movimento bastante produtivo em sala de aula, que também despertou nos alunos uma postura mais consciente e responsável diante do processo de escrita e reescrita.

Primeiro grupo

O grupo 1 apresentou aspectos que se destacaram na análise dos textos produzidos pelos alunos, com ênfase nos conteúdos linguísticos mobilizados durante o processo de intervenção. Observamos a predominância de elementos relacionados à passagem da oralidade para a escrita, especialmente no que se refere à organização das ideias, ao uso da pontuação e à presença de marcas típicas da fala nas versões iniciais. Também surgiram questões de coesão, ortografia, concordância e variação linguística, que orientaram tanto as atividades propostas quanto as etapas de revisão e reescrita. Dessa forma, descrevemos aqui os principais conteúdos que fundamentaram as análises e conduziram o trabalho de aprimoramento textual desenvolvido com os estudantes.

A seguir, é apresentada a produção inicial e a versão final do grupo 1, evidenciando seu progresso e a superação dos desafios de aprendizagem.

Texto 1 – Excerto da primeira reescrita da entrevista do grupo 1 editado pelo aluno

Como era a cidade quando você chegou? Você pode descrever sobre a aparência e o clima da cidade?

Então Mirassol nessa época que eu cheguei aqui ainda faltava muita coisa para o progresso *se hoje falta muita coisa imagina em* 1975, **os comércios era** todos na rua 28 de outubro e não tinha área de lazer de jeito nenhum. **Os jovem se divertia nos domingo** de noite na **rua 28 de outubro fazia** um passeio que se chamava **"fut".** A gente subia e descia a rua das 7 da noite até as 11 da noite e eu estava com meus 15,16,17... A gente subia a rua até ali na **altura** do **torra torra**, **droga Miza** e vinha até perto do cartório do **robertão** (1°ou 2° Ofício não sei). Era uma alegria era muito bom a rua era lotada de **jovens todos feliz.** De vez em quando vinha um circo para cá todo ano ele vinha aí sim que ficava bom se chamava **tremendão** esse era o nome do circo tinha **uns rapaz lindo e as meninas ficava todas louca.**

Fonte: Arquivo do aluno Bruno, 2025.

Examinamos a primeira versão da produção textual do grupo e percebemos que ainda não atendia de forma satisfatória às convenções pertinentes à norma mais formal. Notamos que foram usadas expressões que indicam plural apenas no artigo, como em "os jovem se divertia nos domingo" e apresentam diferenças linguísticas de concordância, conforme afirma Cagliari (2009), tais como "os comércios era", indicando um desvio de concordância entre sujeito plural e verbo no singular. Outro exemplo é "as meninas ficava todas louca", que apresenta disparidade de

concordância verbal e nominal. Em outras palavras, os alunos perceberam que é necessário adequar o tempo verbal e o número nas orações para atingir o objetivo desejado: o de uma comunicação apropriada e clara.

Para resolver essas questões, os alunos realizaram uma atividade de reescrita orientada, na qual cada grupo recebeu o texto original com os trechos destacados. A tarefa consistiu em identificar o tipo de inadequação (concordância verbal, nominal ou tempo verbal), propor uma forma corrigida conforme a norma culta e justificar oralmente a escolha feita, com base nas regras estudadas.

Após essa etapa, foi realizada uma atividade de comparação entre as duas versões (a inicial – texto 1 e a reescrita – texto 2), para que os alunos pudessem observar as diferenças de sentido e de clareza entre o texto informal e o texto adequado à norma culta.

Essa atividade auxiliou na compreensão das diferenças entre a linguagem oral e a escrita, além de estimular o reconhecimento do valor das expressões coloquiais na fala e na escrita informal, ao mesmo tempo em que reforçou a importância de evitar o uso excessivo de gírias ou expressões informais em produções textuais de caráter acadêmico.

Em relação à ortografia, identificamos inadequações relacionadas à ortografia, à paragrafação, à pontuação, à coesão e à recorrência de termos, isto é, ausência de acentuação em algumas palavras, ausência de espaço para demarcar parágrafo, uso inadequado de letras maiúsculas em nomes próprios (*torra torra*, *droga miza*, *tremendão*) e ausência de vírgulas para marcar pausas necessárias.

Visando corrigir e trabalhar esses aspectos, os alunos realizaram uma atividade de revisão ortográfica coletiva, utilizando o quadro e o projetor para corrigir os textos juntos, discutindo o motivo de cada correção. Também fizemos uma leitura em voz alta das versões reescritas, o que permitiu identificar frases longas e com pausas mal marcadas, revisando a pontuação para maior fluidez. Além do mais, visando ao melhor aprimoramento e à apropriação dos alunos em relação à norma culta, realizamos atividades de análise comparativa de textos com linguagem informal, observando suas particularidades. Após essa observação, propusemos a reescrita desses textos em uma forma mais adequada ao contexto formal.

Para efeito de correção das problemáticas verificadas em relação aos aspectos linguísticos, isto é, as inadequações relacionadas à ortografia, à paragrafação, à pontuação, à coesão e à recorrência de termos, também realizamos

oficinas específicas, como: oficina de paragrafação, com recorte e reorganização de trechos do texto, oficina de coesão, com exercícios de substituição pronominal e uso de conectivos, oficina de reescrita final, em que os alunos integraram as correções anteriores, produzindo uma nova versão mais clara e coesa.

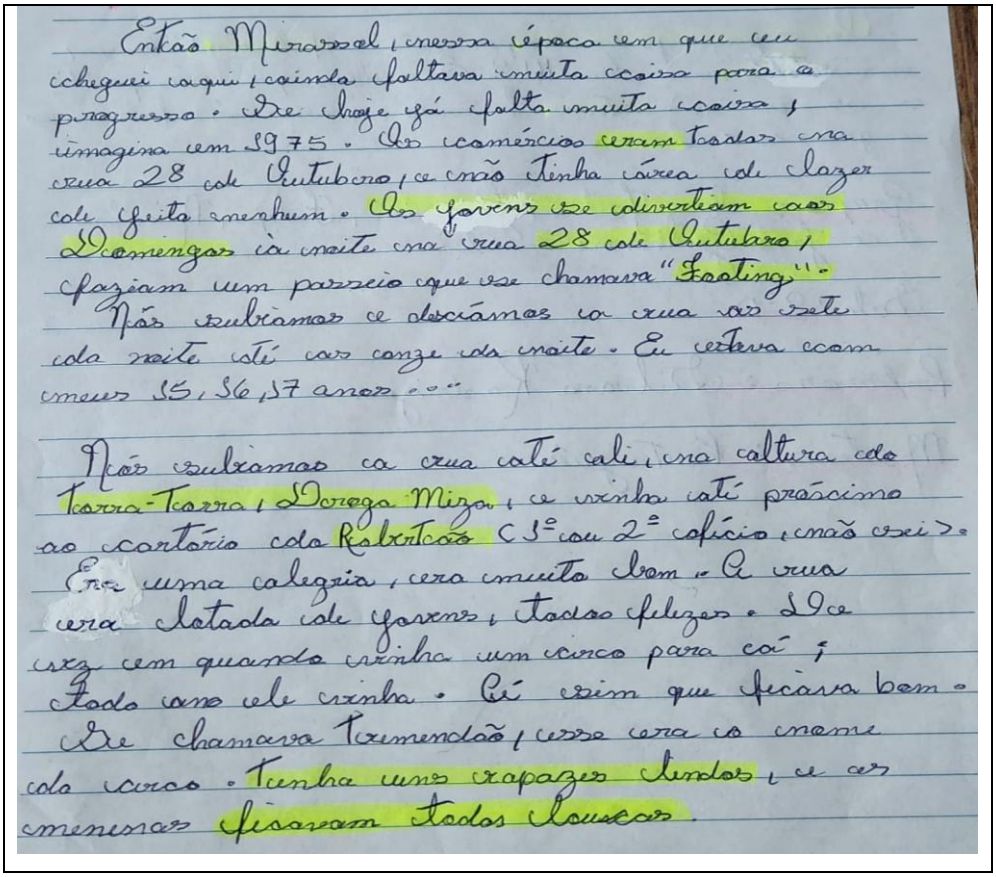
No entanto, é preciso ressaltar que, apesar dessas inadequações iniciais, o texto produzido pelo grupo demonstrou grande riqueza de significado, revelando esforço criativo e intencionalidade comunicativa.

Ademais, durante o diálogo sobre a produção, alguns alunos afirmaram que "o mais importante era que a ideia tinha ficado clara", enquanto outros reconheceram que "faltou pensar melhor na forma de organizar as frases para não repetir tanto as palavras". Um comentário espontâneo refletiu diretamente a experiência da turma: *"*A gente pensou mais na ideia do que em escrever certinho*"*. Essas colocações evidenciaram que, mesmo conscientes de certos desvios formais, os estudantes priorizavam a compreensão e a transmissão da mensagem.

Diante disso, optamos por não restringir a análise apenas às falhas normativas, mas valorizar também o conteúdo e o processo de construção de sentido. Então, conduzimos a reflexão destacando que a escrita não se resume a corrigir erros, mas envolve pensar na clareza, na organização e na força das ideias. Ressaltamos que a reescrita não deve ser vista apenas como correção, mas como uma oportunidade de aprimorar simultaneamente forma e conteúdo.

Essa prática nos mostrou que regras ortográficas e coesivas, embora essenciais, não são os únicos responsáveis pela produção de um texto coerente. A coerência emerge também da intencionalidade, da clareza e da relevância das ideias, aspectos que precisam ser igualmente valorizados no processo de ensino e aprendizagem da escrita.

Fotografia 31 – Excerto da reescrita da entrevista 1 no caderno da aluna



Então Mirassol, nessa época em que eu cheguei aqui, ainda faltava muita coisa para o progresso. Se hoje já falta muita coisa, imagina em 1975. Os comércios eram todos na rua 28 de Outubro, e não tinha área de lazer de jeito nenhum. Os jovens se divertiam aos Domingos à noite na rua 28 de Outubro, faziam um parreio que se chamava "Footing".

Nós subíamos e descíamos a rua as sete da noite até as onze da noite. Eu estava com meus 15, 16, 17 anos...

Nós subíamos a rua até ali, na altura do Terra-Terra, Dona Maga, e vinha até próximo ao cartório do Roberto (3º ou 2º ofício, não sei). Era uma alegria, era muito bom. A rua era lotada de jovens, todos felizes. Uma vez em quando vinha um circo para cá; todo ano ele vinha. Aí eu sei que ficava bom. Se chamava Tremendão, esse era o nome do circo. Tinha uns rapazes lindos, e as meninas ficavam todas loucas.

Fonte: Arquivo da aluna Ana Júlia, 2025.

Como é possível observar, a parte destacada implica na alteração de escrita da versão que foi destacada anteriormente e mesmo assim, esta segunda versão da produção textual do grupo, ainda não atendia plenamente às convenções da escrita formal. Percebemos a ausência de pontuação adequada em diversos trechos, o que comprometeu a clareza e a segmentação das ideias como, no exemplo: *"*Então Mirassol nessa época que eu cheguei aqui ainda faltava muita coisa para o progresso se hoje falta muita coisa imagina em 1975*"*.

Esse excerto evidenciou a necessidade de um trabalho sistemático voltado à pontuação, à concordância, à coesão e à padronização da norma culta, sem, desconsiderar a riqueza narrativa e a expressividade próprias do relato oral, tal qual realizamos nas atividades citadas anteriormente, como as oficinas de paragrafação, de coesão, oficina de reescrita final bem como as atividades de reescrita e análises também supracitadas.

Realizamos mais uma etapa de reescrita das produções com o objetivo de consolidar os avanços já observados, corrigir aspectos ainda problemáticos e

fortalecer a consciência dos alunos sobre a importância do processo de revisão, reforçando que escrever envolve, necessariamente, reler, refletir e reformular o texto para torná-lo mais coeso e adequado ao gênero estudado.

Na versão reescrita, orientamos sobre as convenções da norma culta, ajustando a pontuação, a concordância e a coesão textual. Orientamos a adequação vocabular e estilística, para tornar o texto compatível com o contexto acadêmico, sem perder de vista o valor histórico e memorialístico do relato.

Este momento da reescrita foi mediado por nós, após termos explicado aos alunos que poderiam nos solictar para tirar quaisquer dúvidas. Essa prática evidencia a importância da reescrita como processo pedagógico, uma vez que permite ao aluno revisitar sua produção, compreender seus limites e reconhecer possibilidades de aprimoramento linguístico e textual.

O resultado desse processo de intervenção e reescrita pode ser verificado no texto final, conforme o texto 2.

Texto 2 – Versão final do grupo 1 editada pelos alunos

Como era a cidade quando você chegou? Você pode descrever a aparência e o clima da cidade?

Então, Mirassol, na época em que eu cheguei, ainda faltava muita coisa para o progresso. Se hoje já falta bastante, imagina em 1975! Os comércios eram todos concentrados na Rua 28 de Outubro e não havia áreas de lazer. Os jovens se divertiam nos domingos à noite nessa rua, fazendo um passeio que chamávamos de “footing”.

Nós subíamos e descíamos a rua das 19h às 23h, e eu tinha uns 15, 16, 17 anos. Caminhávamos até a altura do Torra Torra e da Drogaria Miza, chegando próximo ao cartório do Robertão (1º ou 2º Ofício, não sei ao certo).

Era uma alegria, a rua ficava lotada de jovens, todos felizes. De vez em quando, vinha um circo para a cidade, todo ano ele aparecia. Aí sim ficava muito bom! Chamava-se Tremendão, e tinha uns rapazes lindos e as meninas ficavam encantadas.

Fonte: Arquivo da aluna Ana Júlia, 2025.

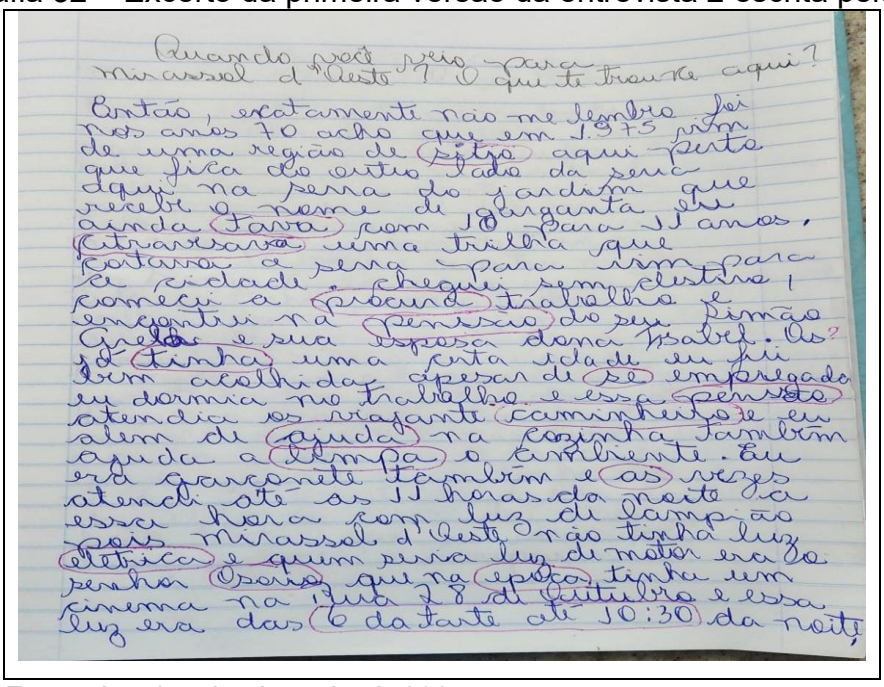
A diferença entre o texto inicial e o texto final foi bastante significativa. A apresentação e a fluidez do texto melhoraram de forma expressiva, refletindo o esforço dos alunos em reorganizar suas ideias e aplicar os conhecimentos trabalhados em sala. Observamos que a versão final passou a atender às exigências suscitadas em textos formais, isto é, foram corrigidas ou ajustadas algumas formas linguísticas que se afastavam do padrão formal da língua.

Durante a discussão sobre a produção final, alguns alunos comentaram espontaneamente: *"*Agora o texto ficou mais fácil de entender*"* e *"*A gente conseguiu colocar as ideias na ordem certa*"*. Outros destacaram que a reescrita ajudou a perceber detalhes que antes passavam despercebidos, como pontuação e concordância: *"*Antes a frase ficava confusa, agora dá pra entender direitinho*"*. Esses comentários evidenciaram que os estudantes reconheceram as diferenças entre a versão inicial e a final.

Segundo grupo

O segundo grupo trouxe trechos de entrevistas que continham troca do verbo "estava" por "tava", além do uso de "se empregada" em vez de "ser empregada", "limpa" ao invés de "limpar", "ajuda" sendo que era "ajudar". Essa questão reflete dúvidas recorrentes sobre os tempos verbais e o uso do infinitivo, o que evidenciou a necessidade de aprofundar as explicações sobre a formação e a conjugação correta dos verbos na Língua Portuguesa.

Fotografia 32 – Excerto da primeira versão da entrevista 2 escrita pelo aluno



Fonte: Arquivo do aluno José, 2025.

Durante as atividades de produção textual e as discussões gramaticais, organizamos a turma em pequenos grupos, de modo a favorecer a interação entre os alunos e a troca de saberes. Para cada grupo foi proposta a reescrita de frases apresentadas inicialmente em sua forma coloquial, exigindo que os estudantes refletissem sobre a adequação à norma mais formal.

Para resolver as dificuldades que os alunos tinham com o uso dos verbos no infinitivo, propusemos um exercício de reescrita. O objetivo era que eles transformassem frases informais em versões que seguissem a norma culta.

Iniciamos a atividade explicando que os verbos no infinitivo são aqueles que terminam em **-ar**, **-er**, **-ir** ou **-or** (como amar, comer, partir, compor). Explicamos que eles funcionam como o "nome" do verbo, pois não mostram quem fez a ação nem quando ela aconteceu. Em seguida, mostramos exemplos de frases do dia a dia deles para que pudessem identificar onde o infinitivo deveria ser usado de forma mais adequada. Essa abordagem prática foi essencial para que eles entendessem e aplicassem a regra corretamente.

Realizamos uma explanação coletiva exemplificando situações em que o verbo deveria ser empregado no infinitivo e contrastando com usos comuns da oralidade que se afastam da norma escrita. Após a explicação, os alunos receberam uma lista de enunciados que precisavam ser reescritos, aplicando as correções necessárias. A proposta permitiu que eles identificassem, na prática, as diferenças entre a fala cotidiana e as exigências da escrita formal, mobilizando seus conhecimentos prévios e reconstruindo conceitos a partir do exercício.

Enquanto os grupos trabalhavam, circulamos pela sala observando as produções, auxiliando nas dúvidas e intervindo pontualmente para esclarecer questões de ordem gramatical. Essa mediação contribuiu para que os alunos não apenas revisassem suas frases, mas também discutissem entre si as escolhas feitas, confrontando opiniões e justificando suas respostas.

Foi nesse contexto que um dos alunos comentou a importância do trabalho em grupos menores, ressaltando que a experiência ajudou a melhorar sua produção escrita e possibilitou compreender melhor o funcionamento da gramática normativa da Língua Portuguesa. Em suas palavras: *“*Hoje aprendi como e onde usar o verbo no infinitivo*”*. O depoimento evidencia o impacto positivo da proposta pedagógica, demonstrando que o trabalho colaborativo, aliado a atividades práticas e

contextualizadas, potencializa a construção do conhecimento e amplia a segurança dos alunos no uso da língua.

Durante a atividade alguns alunos tiveram dificuldades na escrita de certas palavras, como no caso de “atravessava”, que foi registrada com apenas um “s”. Esse equívoco mostrou a importância de revisarmos juntos as regras do uso do “s” e do “ss”. Explicamos que o “ss” aparece no meio das palavras, sempre entre duas vogais, quando precisamos do som de /s/, como acontece em *passar*, *atravessar* e *necessário*. Já o “s” pode ter dois sons: de /s/ ou de /z/, dependendo do lugar em que aparece. No começo da palavra, entre consoantes ou no final, ele tem som de /s/, como em *sapato*, *próximo* e *paz*. Mas, quando aparece entre duas vogais, geralmente tem som de /z/, como em *casa* e *mesa*.

Orientamos os alunos que em caso de dúvida em relação ao uso de determinadas letras e em relação à escrita de palavras podem recorrer ao dicionário, que podia ser físico ou *on-line*.

Outro aspecto recorrente refere-se à acentuação: os estudantes muitas vezes não utilizavam corretamente os acentos em palavras como *“*Osório*”*, *“*elétrica*”* e *“*época*”*. Essa dificuldade evidenciou a necessidade de reforçar as regras de acentuação. Para isso, realizamos inicialmente uma revisão coletiva no quadro, explicando a classificação das palavras quanto à tonicidade (oxítonas, paroxítonas e proparoxítonas) e relacionando cada grupo às regras de acentuação correspondentes.

Em seguida, foi proposta uma atividade coletiva na qual a turma foi dividida em dois grupos posicionados em duas filas. A cada palavra colada no quadro, em duas versões relacionadas à acentuação, os alunos que estivessem em primeiro lugar na fila tinham que correr e pegar o cartaz que julgava correto. Quem pegasse primeiro, deveria explicar, juntamente com auxílio do seu grupo, porque esta palavra estava acentuada corretamente e não a outra. Se acertassem ganhavam um ponto. Se não acertassem podiam passar a vez para o outro grupo, que em caso de acerto, ganhariam o ponto. Caso não houvesse acerto, fazíamos intervenções.

Cada aluno que pegasse uma palavra ia para o final da fila para que todos participassem. Esta atividade lúdica foi muito apreciada pelos alunos, pelo desafio, pela oportunidade de dialogar com o grupo refletindo coletivamente sobre as regras.

Depois de todos participarem, os cartazes foram pregados na sala, em um painel com o título: “Assim acentuamos” e os próprios alunos, cada um de uma vez,

colava a palavra sim ou não no cartaz. Aproveitamos esse momento para revermos oralmente porque era acentuada cada palavra. Como este cartaz ficará o restante do ano letivo em sala, acreditamos que os próprios alunos irão compreendendo e memorizando as regras de acentuação gráfica.

No decorrer de outras atividades realizadas ao longo da intervenção íamos chamando a atenção sobre acentuação, individualmente ou de maneira coletiva, sem identificar e constranger nenhum aluno.

Para continuar as atividades de escrita, adotamos a distinção entre refacção textual e revisão textual. Entendemos por refacção textual o processo de reformulação crítica do texto, no qual o aluno busca aprimorar a organização das ideias, a clareza e a estrutura, de modo a tornar a produção mais fluida para o leitor. Conforme posto nos PCN (1998, p. 77) a refacção textual “é [...] uma profunda reestruturação do texto, já que entre a primeira versão (do texto) e a definitiva, uma série de atividades foi realizada”. Dessa maneira, entendemos que, no processo de refacção, nós, professores, mediamos e organizamos as atividades juntamente com os alunos, para que estes desenvolvam as capacidades necessárias à autocorreção.

Já a revisão textual refere-se à identificação e correção de erros linguísticos, tais como: ortografia, gramática, pontuação e uso adequado de letras maiúsculas, garantindo assim, a correção formal da escrita.

Essa diferenciação é fundamental para compreender as atividades realizadas em sala, uma vez que, em determinados momentos, priorizamos a refacção, incentivando o aluno a reestruturar seu texto, e em outros, o foco foi revisão, com ênfase na correção das convenções da norma mais formal

Explicamos a eles a importância da refacção como uma etapa fundamental para o aprimoramento da produção textual, incentivando-os a compreender que essa prática contribui para o desenvolvimento de suas habilidades de escrita e para a qualidade final do trabalho, nosso livro.

Além disso, o trabalho em grupo favoreceu o estímulo ao espírito de colaboração, pois alguns alunos passaram a incentivar os colegas, reforçando que o compartilhamento de ideias e a ajuda mútua são essenciais para o aprendizado coletivo. Esse compartilhamento de experiências e opiniões criou um ambiente mais motivador e participativo, no qual os estudantes se sentiram mais confiantes para revisar e melhorar seus textos.

Como a proposta de intervenção para melhorar a produção escrita era baseada no planejamento, ela também podia ser ajustada para conduzir as atividades de maneira a atender às necessidades específicas da turma. Então, para aprofundar a revisão textual, sugerimos que os alunos trocassem suas versões com colegas, de modo que cada estudante pudesse identificar e corrigir erros de ortografia, pontuação e gramática nas produções dos pares.

O texto revisado pelo grupo na sua última versão reflete as melhorias e aprendizados adquiridos ao longo do processo de refacção, demonstrando o crescimento na compreensão da importância de revisar e aprimorar seus escritos. É importante destacar que as dinâmicas para reflexão e adequação dos textos foram realizadas a partir dos textos dos cinco grupos.

Texto 3 – Excerto da versão final da entrevista 2 editada pelo grupo

Quando você veio para Mirassol d'Oeste? O que te trouxe aqui?
Então, exatamente não me lembro, foi nos anos 70, acho que em 1975, vim de uma região de sítio aqui perto, que fica do outro lado da serra, aqui na serra do Jardim que recebe o nome de Garganta, eu ainda estava com 10 para 11 anos. Atravessava uma trilha que cortava a serra para vir para a cidade. Cheguei sem destino, comecei a procurar trabalho e encontrei na pensão do seu Simão Grela e sua esposa D. Isabel. Os dois já tinham uma certa idade, eu fui bem acolhida apesar de ser empregada, eu dormia no trabalho. Essa pensão atendia os viajantes caminheiros e eu além de ajudar na cozinha, também ajudava a limpar o ambiente. Eu era garçonete também e às vezes atendia até as 11horas da noite, a essa hora com luz de lampião, pois Mirassol d'Oeste não tinha luz elétrica e quem servia luz de motor era o senhor Osório que na época tinha um cinema na Rua 28 de Outubro, e essa luz era das 18:00 às 22:30, daí para frente tinha que se virar com lampião, vela e lamparina.

Fonte: Arquivo do aluno José, 2025.

Ao longo da intervenção, esclarecíamos as dúvidas do grupo relacionadas a aspectos gramaticais, como concordância, tempos verbais, acentuação, pontuação e separação silábica, entre outras questões. Nosso objetivo era que os alunos compreendessem essas regras não como um conjunto de normas isoladas, mas

como instrumentos que favorecem a clareza e a eficácia da comunicação, prontamente, essa abordagem dialoga com o que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao afirmar que,

> no Ensino Fundamental, o texto (oral e escrito) torna-se o centro das atividades de linguagem a serem desenvolvidas, implicando um trabalho com a língua não apenas como um código a ser decifrado nem como um mero sistema de regras gramaticais, mas como uma das formas de manifestação da linguagem (BNCC, 2018, p. 23).

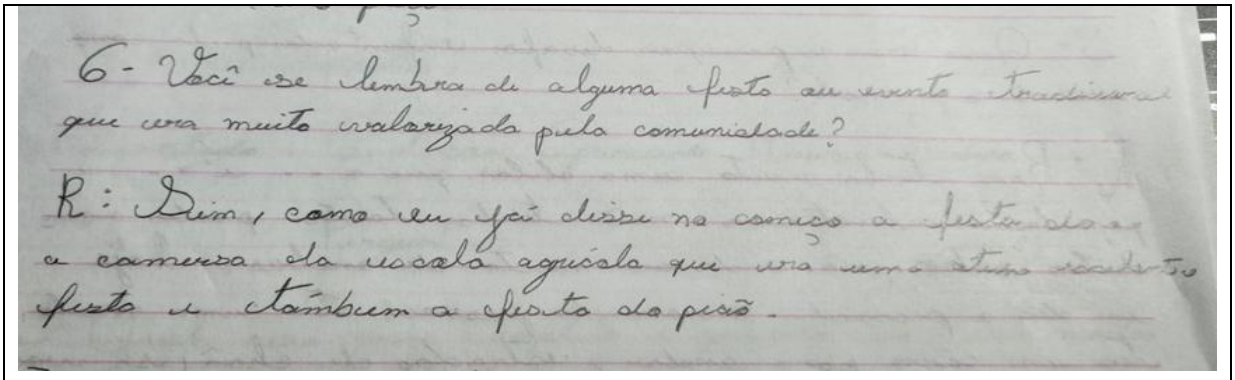
Esta discussão na BNCC ratifica a importância das atividades realizadas com os alunos que se encontram no oitavo ano do Ensino Fundamental, pois reforça o princípio de que o ensino da língua portuguesa deve partir do uso real e significativo da linguagem, ou seja, como o texto produzido pelos próprios alunos para, então, refletir sobre seus aspectos gramaticais e discursivos. Assim, o trabalho com a norma culta foi desenvolvido de modo contextualizado e funcional, respeitando as diferentes formas de expressão e a variação linguística.

A partir dessa perspectiva, a língua deixa de ser vista apenas como um conjunto de regras ou códigos a serem decifrados e passa a ser valorizada como prática social e forma de manifestação da linguagem. Assim, o trabalho com textos permitiu com que os estudantes desenvolvessem competências de leitura, escrita, escuta e oralidade, ampliando sua proficiência linguística e também sua participação crítica e ativa em diferentes contextos de comunicação.

Terceiro grupo

O terceiro grupo, concentrou-se na análise questões ortográficas recorrentes nos textos, evidenciando dificuldades tanto com palavras de uso comum quanto com termos menos frequentes. No excerto analisado, surgiram grafias como “tradissional”, “camersa”, “otima”, “exelente” e “támbem”, que refletiram incertezas relacionadas ao uso de dígrafos, regras de acentuação e escolha adequada de letras. Esses exemplos orientaram intervenções específicas voltadas ao reconhecimento das convenções ortográficas e à compreensão das particularidades de palavras que não seguem padrões previsíveis.

Fotografia 33 – Excerto da primeira versão da entrevista 3



Você se lembra de alguma festa ou evento <u>tradissional</u> que era muito valorizada pela comunidade?

Sim, como eu já disse no começo, a festa da a **camersa** da escola agrícola que era uma **otima exelente** festa, e **támbem** a festa do peão.

Fonte: Arquivo da aluna Ana Lívia, 2025.

A reflexão sobre os erros deste trecho da entrevista do Grupo 3, foram inseridas nas atividades já relatadas anteriormente.

Entretanto, chamamos a atenção sobre particularidades de algumas palavras, como a palavra “quermesse”. Explicamos que é uma palavra de origem estrangeira e, por isso, sua grafia precisa ser memorizada, já que não segue regras da Língua Portuguesa. Destacamos também que “também” sempre terá acento agudo no “e” para indicar a tonicidade da última sílaba, diferenciando-a de outras palavras semelhantes.

Texto 4 – Excerto da versão final da entrevista 3

Você se lembra de alguma festa ou evento tradicional que era muito valorizada pela comunidade?

Sim, como eu já disse no começo, a quermesse da escola agrícola que era uma ótima, excelente festa, e também a festa do peão.

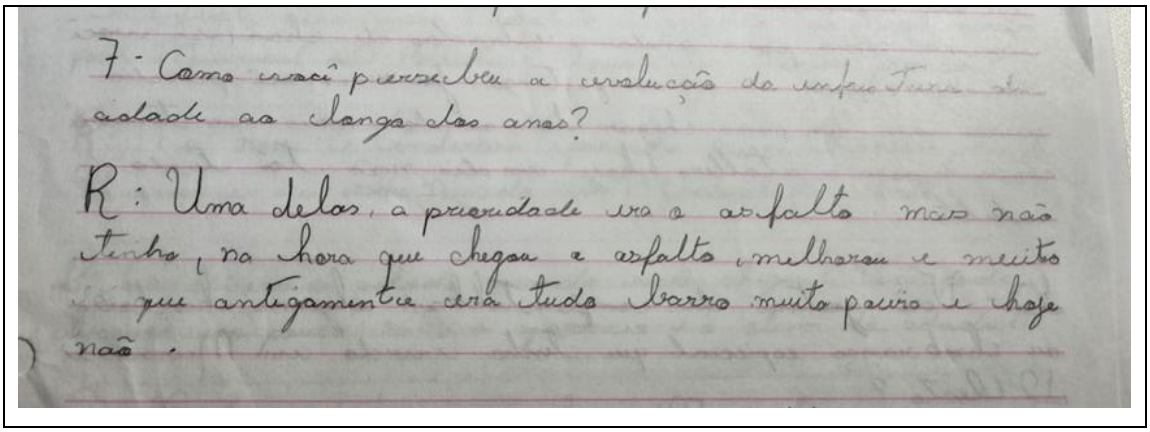
Fonte: Arquivo da aluna Ana Lívia, 2025.

Ao compararmos todas as produções iniciais e finais, dos cinco grupos, comprovamos que a turma apresenta níveis de aprendizagem diferentes, o que representa um grande desafio que enfrentamos diariamente. Sem dúvida, esse fato foi um dos grandes desafios que vivemos. Para enfrentá-lo, precisamos de leituras, embasamentos teóricos e recursos pedagógicos que possibilitassem aos alunos o desenvolvimento de suas potencialidades.

Quarto grupo

No grupo 4, o foco esteve nas questões ortográficas identificadas durante a leitura coletiva do trecho analisado. Os alunos observaram rapidamente problemas na grafia de algumas palavras, especialmente no uso inadequado das letras “s” e “c”, o que gerou discussões e orientou as correções realizadas.

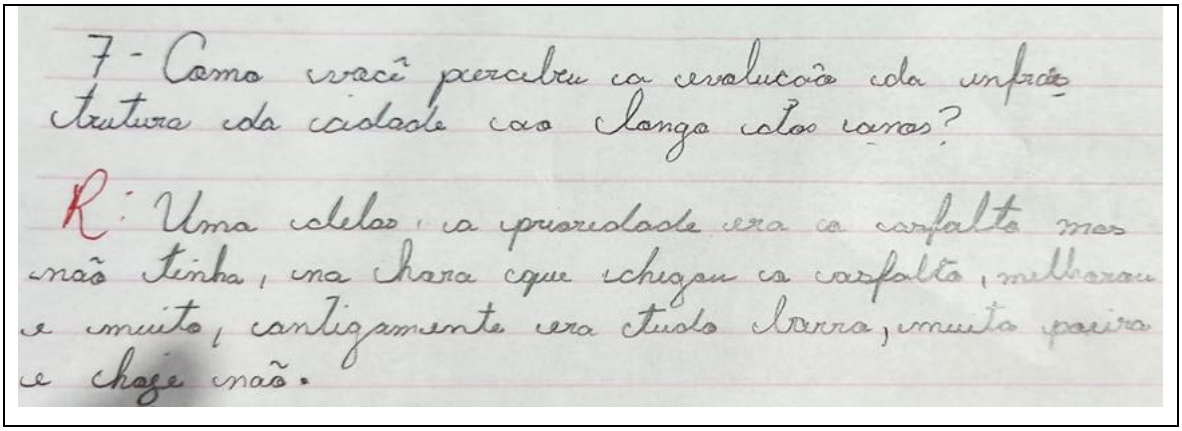
Fotografia 34 – Excerto da primeira versão da entrevista 4



Fonte: Arquivo da aluna Natália, 2025.

Durante a leitura coletiva, solicitamos que observassem atentamente se havia algum problema ortográfico. Os estudantes identificaram imediatamente o equívoco relacionado à troca das letras “s” e “c”, reconhecendo a necessidade de correção na palavra *persebeu*. O resultado dessa intervenção foi a reescrita correta da palavra (Fotografia 35).

Fotografia 35 – Excerto da última versão da entrevista 4



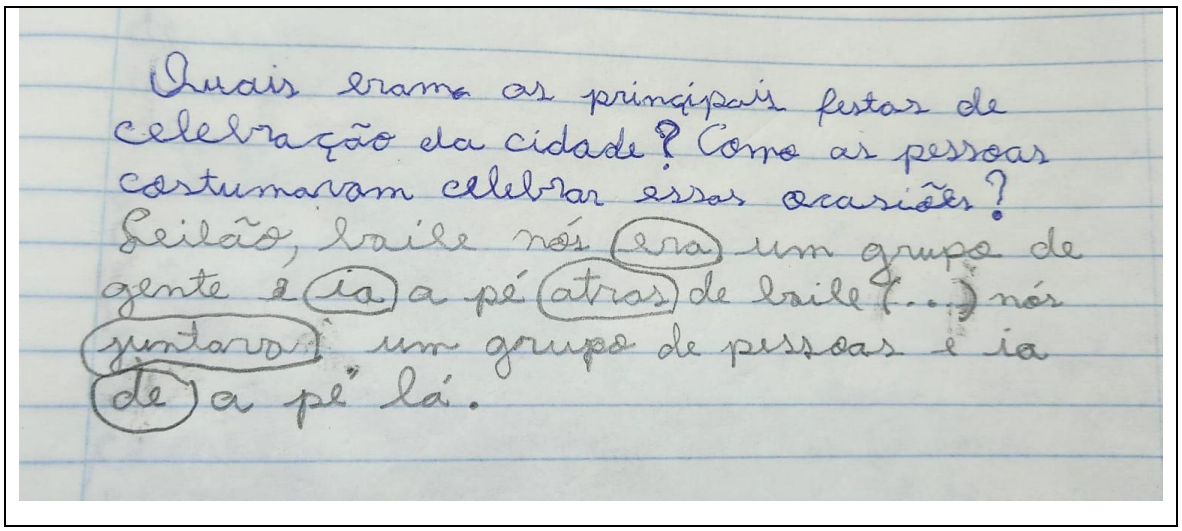
Fonte: Arquivo da aluna Natália, 2025.

Quinto grupo

No grupo 5, o trabalho iniciou-se a partir do trecho apresentado na Fotografia 36, que continha marcas da fala do entrevistado e alguns erros decorrentes da transcrição literal de suas respostas. Esses aspectos foram utilizados como ponto de partida para orientar a turma sobre a diferença entre registrar fielmente o discurso oral e produzir um texto adequado à escrita, destacando questões de concordância e ortografia que seriam tratadas nas atividades seguintes.

Com o grupo 5, uma das intervenções foi originada no trecho apresentado na Fotografia 36.

Fotografia 36 – Excerto da primeira versão da entrevista 5

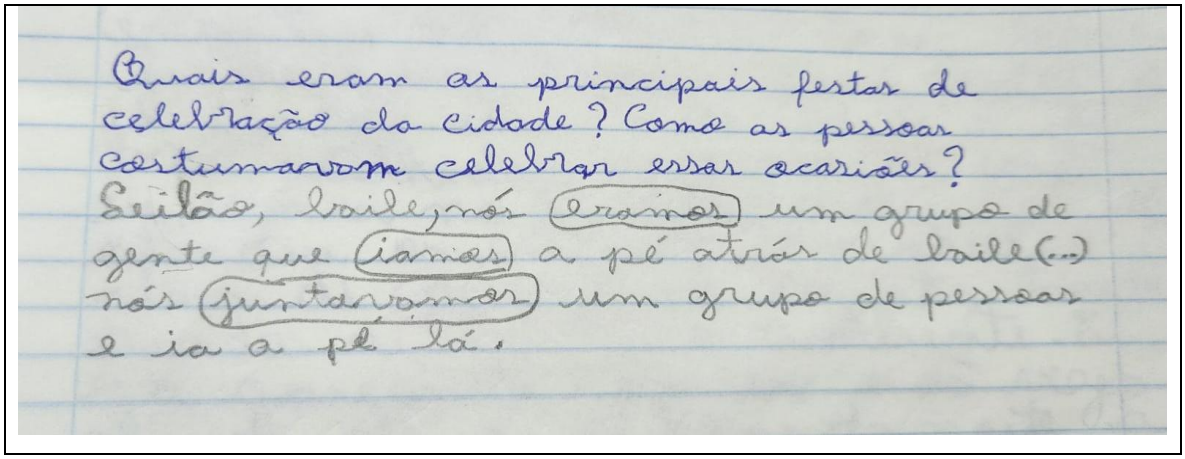


Fonte: Arquivo do aluno Felipe, 2025.

Lembramos à turma que a transcrição da entrevista, assim como as demais transcrições, foi realizada de acordo com a resposta dada. Além de haver erros de concordância verbal, na fala do entrevistado, há erros ortográficos na transcrição. Chamamos a atenção para o fato que os “erros” identificados não comprometeram a compreensão da mensagem. Porém, os “erros” tanto na fala, quanto na transcrição foram contempladas nas atividades realizadas.

Para este trecho realizamos a leitura coletiva e fizemos juntos a revisão do trecho destacado, quando foram indicadas correções pelos alunos, às quais eram debatidas até que se chegasse a um consenso. A reescrita do recorte analisado após o processo de intervenção é apresentada na Fotografia 37.

Fotografia 37 – Excerto da reescrita da entrevista 5



Fonte: Arquivo do aluno Felipe, 2025.

A escrita final para compor o livro é apresentada no texto 5.

Texto 5 – Excerto da versão final da entrevista 5

Quais eram as principais festas de celebração da cidade? Como as pessoas costumavam celebrar essas ocasiões?

Leilões, bailes, nós éramos um grupo de gente e ia a pé atrás de baile [...] nós juntávamos um grupo de pessoas e íamos a pé até lá.

Fonte: Arquivo do aluno Felipe, 2025.

Sexto grupo

O trabalho desse grupo teve início a partir do trecho apresentado na fotografia 48, que serviu como base para orientar as discussões e iniciar as intervenções sobre ortografia e concordância. Esse excerto permitiu retomar aspectos já trabalhados com os demais grupos e aprofundar a análise das formas de escrita presentes na transcrição da entrevista.

Esse grupo apresentou a entrevista já digitada, o que facilitou significativamente o processo de análise e revisão. O texto em formato digital possibilitou maior agilidade na identificação de possíveis desvios ortográficos, gramaticais e de organização textual, além de permitir que os ajustes necessários fossem realizados de maneira mais rápida e eficiente durante a reescrita.

Ressaltamos para os alunos a importância desse recurso, destacando que oferece ferramentas de apoio, como o corretor automático, que, quando bem utilizado, pode auxiliar no aprimoramento da escrita.

Aproveitamos o momento para orientá-los sobre o uso consciente desse recurso, explicando que, embora úteis, não substituem a reflexão sobre as regras da língua. Dessa forma, a experiência de trabalhar com a entrevista digitada contribuiu tanto para a correção mais fácil quanto para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes no processo de revisão textual.

Texto 6 – Excerto da primeira versão da entrevista 6

Quais são as suas lembranças mais queridas de Mirassol d'Oeste – MT naquela época?

Ixi! Tem **muitas coisa**… Estrada não tinha e também eu trabalhava em uma serralheria la para lado do Sonho Azul, aqui ainda tinha **moleques novo**, eu já **to** com 68 anos, já **to** bem velho, mas eu comecei na serralheria, aqui onde eu moro era o **serrado** aqui na epoca... Tudo era mato!

Fonte: Arquivo da aluna Ana Carolina, 2025.

Os alunos identificaram como a grafia incorreta de palavras e problemas de concordância nominal. Por exemplo, eles escreveram "la" em vez de "lá**",** "serrado" em lugar de "cerrado" e "epoca" sem acento. Esses "erros" debatidos e os próprios alunos explicaram a necessidade do acento, como no caso das palavras época e lá. Estas constatações foram resultado de intervenções e atividades coletivas realizadas em trechos de outros grupos.

Foi identificado no debate coletivo problemas de concordância nominal, como "muitas coisa" em vez de "muitas coisas" e "moleques novo" em vez de "moleques novos". Novamente, discutimos a diferença entre a linguagem oral e a escrita, destacando que, embora a oralidade deva ser respeitada no registro da fala do entrevistado, as correções são necessárias uma vez que estes textos farão parte do livro com os resultados das entrevistas.

Texto 7 – Excerto da reescrita da entrevista 6

Quais são as suas lembranças mais queridas de Mirassol d'Oeste – MT naquela época?

Ixi! Tem muitas coisas… Estrada não tinha e também eu trabalhava em uma serralheria lá para lado do Sonho Azul, aqui ainda tinha moleques novos, eu já estou com 68 anos, já estou bem velho, mas eu comecei na serralheria, aqui onde eu moro era o cerrado aqui na época... Tudo era mato!

Fonte: Arquivo da Ana Carolina, 2025.

Neste trecho há configuração de conversa espontânea, com marcas de oralidade e espontaneidade, semelhantes a uma conversa em situação cotidiana. Destacamos expressões usadas pelo entrevistado, como "Ixi", "tô" e "lá para o lado"**.** Explicamos para os alunos que essas palavras mostravam que a forma de falar não se resume apenas às informações; ela também transmite sentimentos, emoções e características pessoais. Por exemplo, uma das alunas comentou que a avó dela também usava muito a expressão "Ixi", mostrando como as expressões faladas carregam identidade e estilo de quem fala.

Para trabalhar essa percepção, propusemos atividades que envolveram identificação, comparação e uso da linguagem expressiva, ou seja, o modo como o falante utiliza palavras, entonações e escolhas lexicais para revelar sentimentos, intenções e características de sua identidade linguística. Primeiro, propusemos a leitura da entrevista e pedimos para sublinharem expressões informais, como "tô", "vamo", "uai", discutindo o que essas palavras mostravam sobre quem falava. Em seguida, realizamos uma atividade de comparação, reescrevendo frases informais em linguagem formal, percebendo como a escolha das palavras altera a espontaneidade do texto.

Outra atividade que estimulou a expressividade pessoal foi cada um dos alunos escrever uma frase usando uma expressão que sua família costumava usar, como "Ixi", "Eita", "Nossa", e depois compartilharam discutindo como a expressão revelava personalidade ou emoção. Após a escrita, as expressões foram registradas no quadro e analisadas coletivamente. Discutimos o significado de cada uma, o contexto em que costumam ser usadas e as emoções que transmitem: surpresa, espanto, admiração, irritação, entre outras. Em seguida, os alunos compararam

essas expressões com outras equivalentes na linguagem formal, percebendo que cada escolha linguística comunica também aspectos culturais e afetivos do falante.

Texto 8 – Excerto da versão final da entrevista 6

Quais são as suas lembranças mais queridas de Mirassol d'Oeste – MT naquela época?

Ixi! Tem muitas coisas…

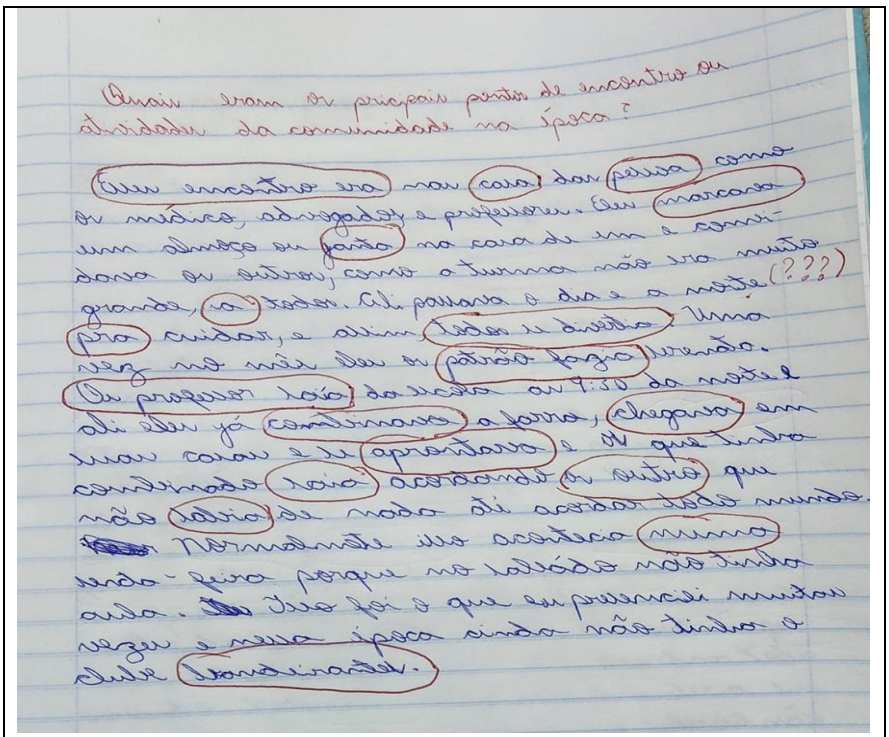
Estrada não tinha e também, eu trabalhava em uma serralheria lá para lado do Sonho Azul, aqui ainda tinha moleques novos, hoje eu já estou com 68 anos, já estou bem velho, mas eu comecei na serralheria. Aqui onde eu moro, era cerrado na época... Tudo era mato!

Fonte: Arquivo da aluna Ana Carolina, 2025.

Nesta versão houve adequação da pontuação, permitindo melhor organização de ideias.

Sétimo grupo

Fotografia 38 – Excerto da entrevista 7 no caderno do aluno

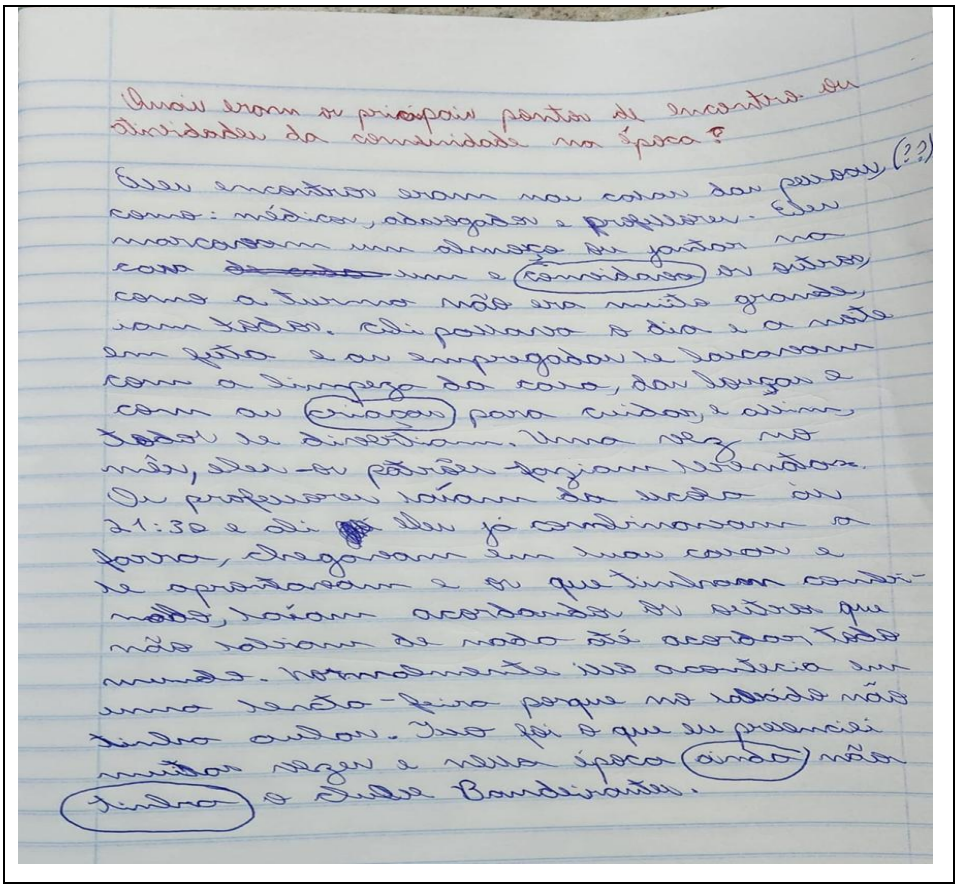


Fonte: Arquivo do aluno Nicolas, 2025.

No texto apresentado pelo grupo, identificamos diversos problemas relacionados à coesão, coerência, ortografia, pontuação e uso inadequado de palavras. Entre as principais dificuldades estavam a repetição excessiva de termos, o uso incorreto de pronomes e verbos, problemas de concordância e frases fragmentadas, que dificultavam a compreensão. Realizamos a leitura coletiva do texto, permitindo que os alunos, com orientação, identificassem os trechos que podiam ser modificados e sugerissem possíveis correções.

No processo de reescrita, cada aluno sugeriu substituições de palavras inadequadas, reorganização de frases e ajustes de pontuação, promovendo maior compreensão e aprendizado das regras gramaticais. Também incentivamos a reflexão sobre a importância da clareza, da coesão textual e do uso correto da linguagem escrita, destacando que a revisão é uma etapa essencial na produção de textos. Ao final, os estudantes puderam comparar a versão inicial com a versão revisada, reconhecendo as melhorias obtidas a partir da prática da revisão como ferramenta para aprimorar a escrita.

Fotografia 39 – Excerto da reescrita da entrevista 7 no caderno do aluno



Fonte: Arquivo do aluno Nicolas, 2025.

Percebemos que o texto apresentava características de escrita espontânea, com traços de oralidade que refletiam na construção de frases longas, uso de conectores coloquiais e certa falta de planejamento sintático, resultando em períodos extensos e pouco organizados. Dessa forma, promovemos atividades de reescrita orientada, chamando a atenção para os pontos em que havia inadequações ortográficas e problemas de concordância.

Durante esse processo, os alunos comentaram que, ao revisar em grupo, conseguiram perceber erros que antes passavam despercebidos, destacaram que a leitura em voz alta ajudava a identificar incoerências e afirmaram que a prática da reescrita fez com que eles compreendessem melhor a importância de organizar as ideias de forma clara e coesa.

Texto 9 – Excerto do texto final da entrevista 7 editado pelo grupo

Quais eram os principais pontos de encontro ou atividades da comunidade na época?

Esses encontros eram nas casas das pessoas, tais como: os médicos, advogados e professores. Eles marcavam um almoço ou jantar na casa de um e convidava os outros, como a turma não era muito grande, iam todos. Ali passava o dia e a noite em festa e as empregadas se lascavam com a limpeza da casa, das louças e com as crianças para cuidar, e assim, todos se divertiam. Uma vez no mês eles -os patrões- faziam serenata. Os professores saíam da escola às 21:30 e ali eles já combinavam a farra, chegavam em suas casas e se aprontavam e os que tinham combinado, saíam acordando os outros que não sabiam de nada até acordar todo mundo. Normalmente isso acontecia em uma sexta-feira porque no sábado não tinha aulas. Isso foi o que eu presenciei muitas vezes e nessa época ainda não tinha o clube Bandeirantes.

Fonte: Arquivo do aluno Nicolas, 2025.

Dessa maneira, procedemos com todos os grupos até terminarmos os ajustes e adequações das produções. Os PCN de Língua Portuguesa (1998, p. 77) afirmam que “por meio dessas práticas mediadas, os alunos se apropriam, progressivamente, das habilidades necessárias à autocorreção”.

Utilizamos duas tardes de segunda-feira para a última reescrita. Esses momentos foram de extrema aprendizagem e compartilhamento entre todos, pois foi nesse período que os alunos tiveram a oportunidade de conhecer as entrevistas dos demais grupos, pois solicitamos que eles lessem as entrevistas e revisassem novamente os textos, o que foi realizado por eles mesmos. Durante esta última etapa da revisão, os alunos demonstraram certa autonomia, fazendo apontamentos sobre o que consideravam necessário alterar e dessa forma, iniciamos a verificação da coerência do texto, assegurando que as ideias estivessem organizadas de maneira lógica e consistente.

O fechamento desta etapa ocorreu após a conclusão das refacções e da digitação de todos os textos, referentes a todos os grupos.

Além disso, a digitação dos textos facilitou a edição, a formatação e a preparação para a etapa de produção do livro. Essa sequência de atividades fez com que promovesse o desenvolvimento de competências essenciais, como atenção aos detalhes, habilidades de escrita e o uso adequado de ferramentas digitais, contribuindo para uma formação mais completa e integrada dos alunos.

Para Marcuschi (2010, p. 26),

> a escrita seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa- se no plano de letramentos). Pode manifestar-se, do ponto de vista de sua tecnologia, por unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras. Trata-se de uma modalidade de uso da língua complementar à fala.

Logo após a digitação de seus trabalhos, os quais foram passados por um processo de revisão ortográfica, gramatical e estrutural, todos os textos foram compilados em uma publicação impressa, resultando em uma coletânea que representou o produto final de um trabalho de intervenção colaborativo, no qual cada aluno contribuiu para a construção do material.

4.3 Criação da capa do livro: expressão artística e identidade dos alunos

Módulo 7	Incentivo de expressão e criatividade dos alunos.
Objetivo: Incentivar os alunos a expressarem sua criatividade e	

interpretação do conteúdo do livro por meio da elaboração da capa, promovendo a valorização da identidade individual e coletiva.

Neste módulo, iniciamos a discussão com os alunos sobre a criação da capa do livro "Mirassol em palavras: conectando gerações por meio de entrevistas". Sugerimos a eles que elaborassem um desenho que fosse não apenas criativo, mas também refletisse a essência do conteúdo do livro, de modo que pudéssemos incorporá-lo como a capa.

A ideia era que a arte da capa cativasse os leitores e os instigassem a explorar as páginas internas. Além disso, incentivamos a utilização de diferentes técnicas e estilos, para que cada aluno pudesse trazer sua própria identidade e visão do projeto, enriquecendo ainda mais o resultado final.

Após a conclusão, selecionamos quatro opções de capas escolhidas pelos próprios estudantes. Em seguida, levamos essas opções para a sala dos professores, com a intenção de envolver o corpo docente da escola na decisão final, promovendo uma espécie de concurso. Dessa seleção, foi escolhida uma única capa que irá ilustrar o livro.

Fotografias 40, 41, 42 e 43 – Opções para capa do livro confeccionada pelos alunos







Fonte: Arquivo dos alunos Bruno, Lorrayne, Enzo e Lucas Gabriel, 2025.

A capa selecionada foi a do Bruninho, na qual havia destaque do principal ponto turístico da cidade e sua entrada, além de utilizar letras coloridas que conferiram um aspecto alegre e atraente ao material.

Fotografia 44 – Capa escolhida para o livro



Fonte: Arquivo do Bruno, 2025.

Na fase de divulgação, os alunos elaboraram um convite virtual que continha as informações sobre o evento, que incluía data, horário, local e o título do livro. O convite selecionado foi realizado pela aluna Natália, que foi compartilhado nas redes sociais e nos grupos da escola, convidando toda a comunidade para a tarde de autógrafos.

Fotografia 45 – Convite para divulgação nas redes sociais



Fonte: Arquivo da aluna Natália, 2025.

4.4 Evento de autógrafos: reconhecimento da autoria e socialização das produções

MÓDULO 6	Culminância do projeto
Objetivo: Proporcionar aos alunos a oportunidade de socializar suas produções textuais e vivenciar o reconhecimento da autoria, fortalecendo o sentimento de protagonismo na construção do conhecimento.	

Dando andamento à sequência didática, organizamos uma tarde de autógrafos para os alunos do 8º ano D, autores do livro sobre entrevistas com moradores da cidade de Mirassol d'Oeste – MT. Esta foi uma experiência emocionante e gratificante.

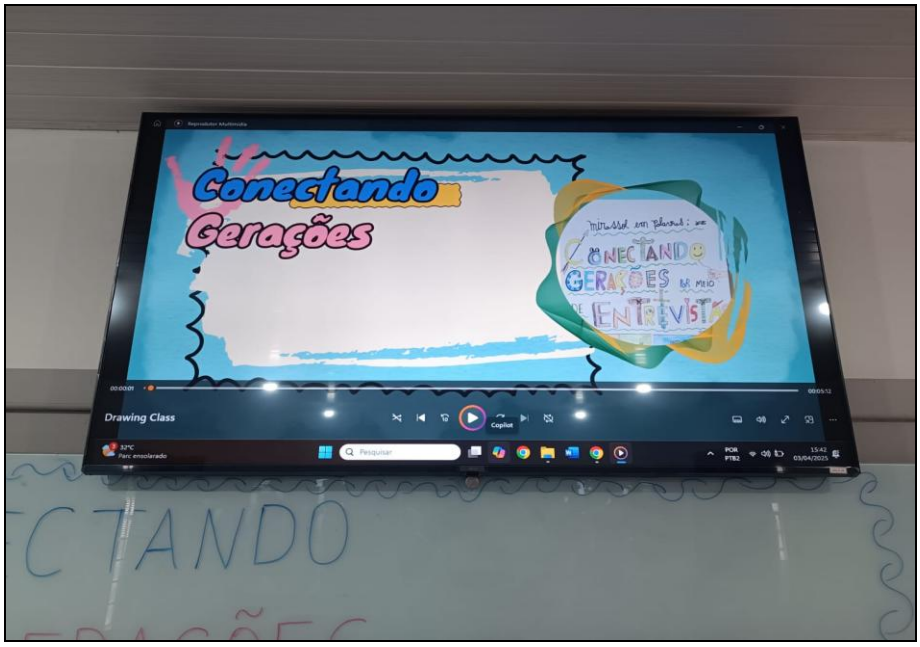
No planejamento definimos data e o horário do evento com o apoio da professora responsável pelo grêmio estudantil. O local selecionado foi o refeitório da escola por ser um espaço amplo e que se mostrou adequado para a ocasião. O diretor liberou um orçamento para custeio da decoração e alimentação.

A preparação para o evento envolveu a organização do espaço para autógrafos, com mesas e cadeiras para os alunos/autores autografarem os livros, além de banners com informações sobre o projeto.

A abertura do evento foi marcada por uma breve apresentação sobre o projeto, os alunos e o livro. Em seguida, reservamos um tempo para que cada aluno pudesse autografar seus livros e interagir com os leitores.

Durante o evento foi compartilhado com os convidados, pais, professores, entrevistados, a equipe gestora da escola, demais estudantes e outros membros da comunidade escolar, a entrega do livro e a seção de autógrafos.

Fotografia 46 – Culminância do projeto



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

Esse momento teve grande importância, pois percebemos que os estudantes puderam experimentar a satisfação de se sentirem autores de suas próprias criações, algo essencial nesse tipo de atividade. Segundo Antunes (2003, p. 61), “a produção de textos escritos na escola deve incluir também os alunos como seus autores. Que eles possam ‘sentir-se sujeitos’ de um certo dizer que circula na escola e superar, assim, a única condição de leitores desse dizer”. Ou seja, é fundamental que os alunos tenham a oportunidade de se reconhecer como criadores, participando ativamente do processo de construção do conhecimento e não apenas consumindo informações.

O evento foi um marco significativo para os alunos, momento de celebração e compartilhamento de suas conquistas e experiências, quando tiveram a oportunidade de apresentar seu trabalho, destacando os objetivos, os obstáculos que encontraram e os procedimentos didáticos utilizados para superá-los. Esse compartilhamento de experiências enriqueceu o evento e fortaleceu o sentimento de pertencimento e colaboração entre os participantes.

Tudo isso, simbolizou a concretização de um esforço coletivo e individual, permitindo que os alunos vivenciassem o prazer da autoria e reconhecessem o valor de suas contribuições. Esse tipo de atividade foi essencial para o desenvolvimento da confiança e da autoestima dos alunos e de motivação para continuar em explorando suas habilidades e interesses literários.

O evento não apenas celebrou um produto final, mas também o processo de aprendizado e crescimento de cada aluno, reforçando a importância da educação como um caminho para a construção de conhecimento e identidade.

Fotografias 47 e 48 – Culminância do projeto



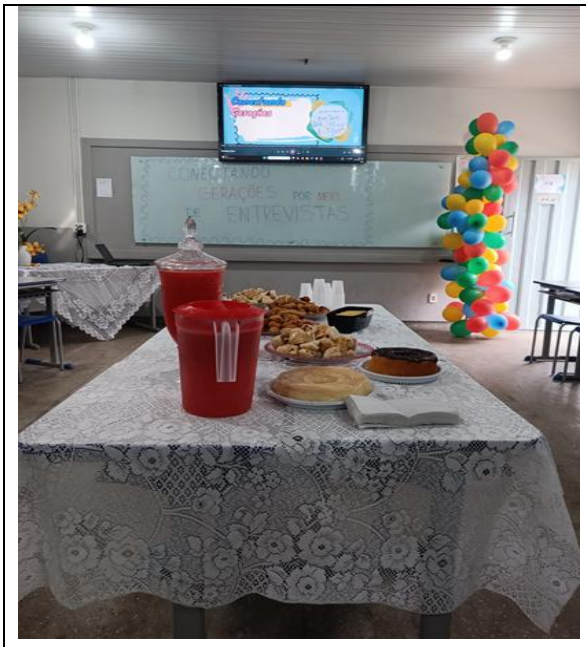
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

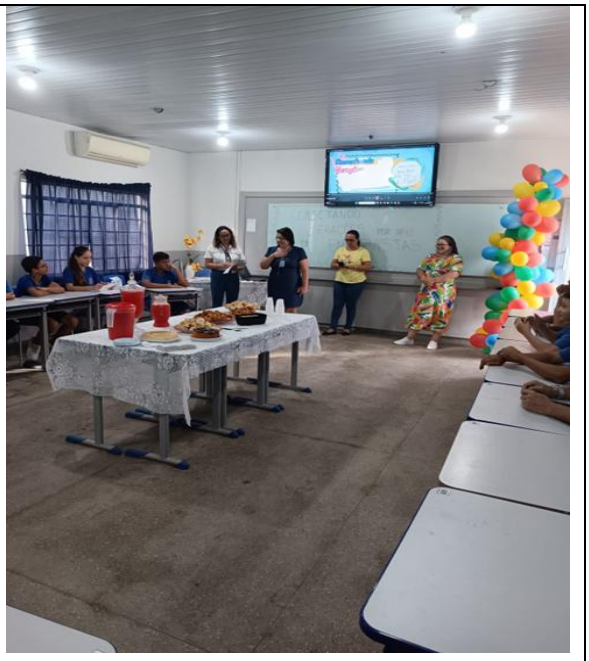
Houve ainda uma sessão de leitura de trechos do livro. No encerramento do evento, fizemos um agradecimento pelo esforço dos alunos e pela presença de todos. Detalhes do evento foram divulgados nas redes sociais da escola, por meio

de fotos e notas de agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram para a realização do evento.

Ao final, foram oferecidos lanches, pudins e bebidas aos alunos e convidados criando um ambiente acolhedor.

Fotografias 49, 50 e 51 – Culminância do projeto







Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, 2025.

No final do evento, um detalhe que nos chamou a atenção foi o fato de funcionários da escola, incluindo professores, merendeira, secretárias, assinaram no

livro deles. Um aluno chegou a dizer: “Professora, isto aqui está melhor que final de ano na assinatura das camisetas”. Os alunos queriam as assinaturas das pessoas presentes e, ao fazê-lo, aproveitavam a oportunidade para mostrar o seu trabalho. Essa atitude revelou o quanto eles valorizavam o reconhecimento e a interação com os adultos presentes no evento.

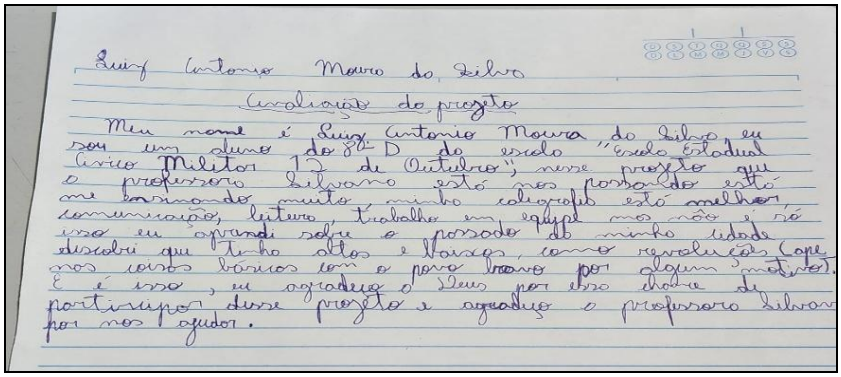
Concluímos o projeto com a convicção de que o aprendizado e o ensino só se tornam realmente significativos para aqueles que ensinam e aprendem quando há uma contextualização.

4.5 Análise dos alunos em relação ao projeto

A cidade de Mirassol, com sua história e cultura, serve como um cenário que busca conectar os alunos com seu entorno. Neste contexto, o projeto de entrevistas realizado pelos alunos não apenas proporcionou uma oportunidade única de aprendizado, mas também incentivou a reflexão sobre a importância da oralidade e da preservação da memória coletiva.

Após finalizarmos o processo de reescrita, abordamos os principais aprendizados adquiridos pelos alunos ao longo do projeto, destacando não apenas as habilidades desenvolvidas, como comunicação, empatia e trabalho em equipe, mas também a valorização da história local e o fortalecimento do vínculo com a comunidade miradolense. Os alunos fizeram análise das experiências vivenciadas, buscando entender como essa iniciativa contribuiu para a formação de cidadãos mais conscientes e engajados, prontos para atuar de forma ativa em sua realidade (Fotografia 52).

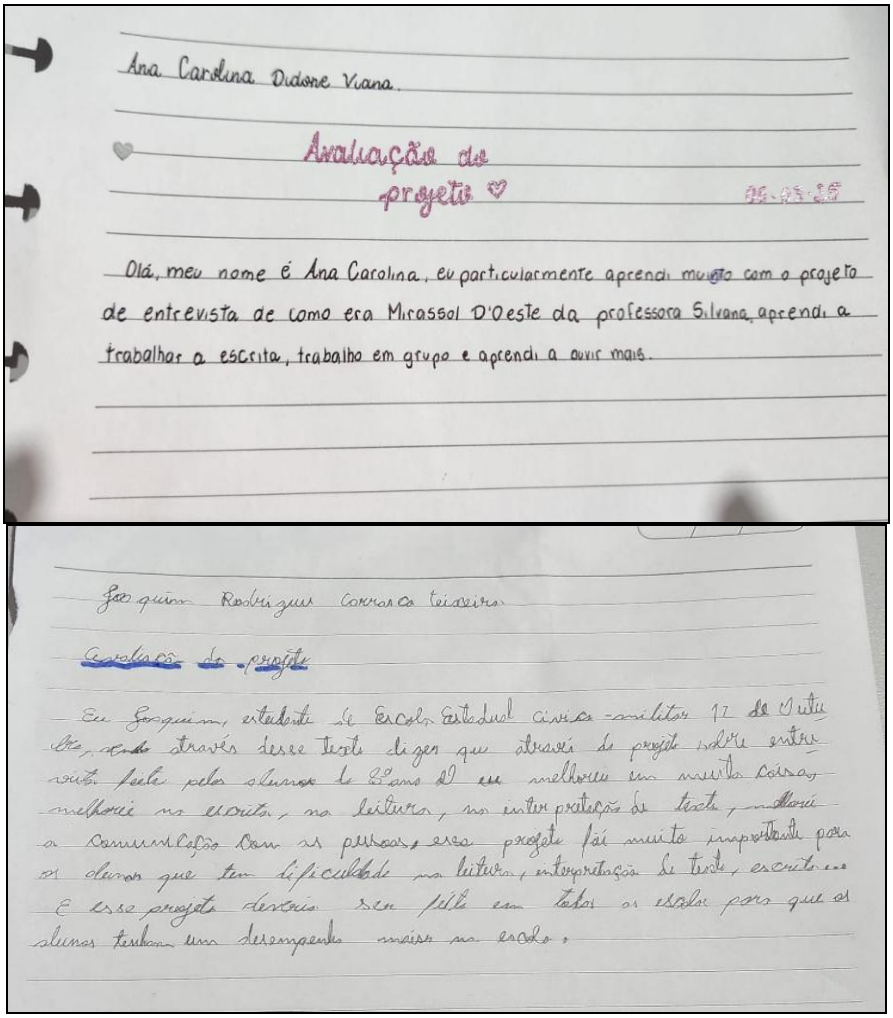
Fotografia 52 – Análise dos alunos em relação ao projeto



Fonte: Arquivo do aluno Luiz Antônio, 2025.

Inferimos, pela fala do aluno (Fotografia 52) que o seu processo de escrita ortográfica passou por uma melhoria; a leitura e o trabalho em equipe também passaram por um planejamento que demandou reflexões sobre aquilo que aprendeu sobre a cidade. Algo parecido se passou com a aluna Ana Carolina (Fotografia 53) que diz também ter aprendido a trabalhar a escrita. Já o aluno Joaquim (Fotografia 54), destacou a importância do desenvolvimento do projeto na escola para ajudar a melhorar o desempenho escolar de cada um deles.

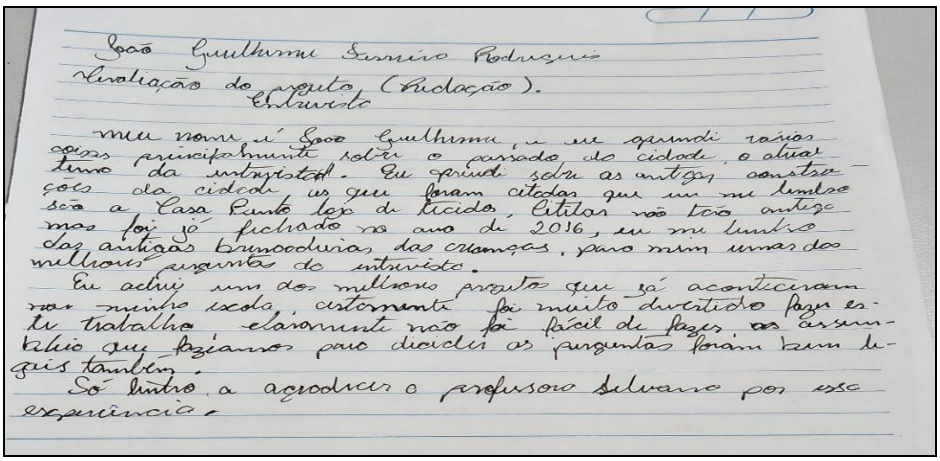
Fotografias 53 e 54 – Análise dos alunos em relação ao projeto



Fonte: Arquivo da aluna Ana Carolina e Joaquim, 2025.

O aluno João Guilherme (Fotografia 55) relatou que foi um dos projetos mais legais desenvolvidos na escola e usou o termo “assembleia” para as atividades em grupos que fazíamos no refeitório da escola, pois era um espaço amplo e assim eles saíam um pouco da sala de aula.

Fotografia 55 – Análise dos alunos em relação ao projeto

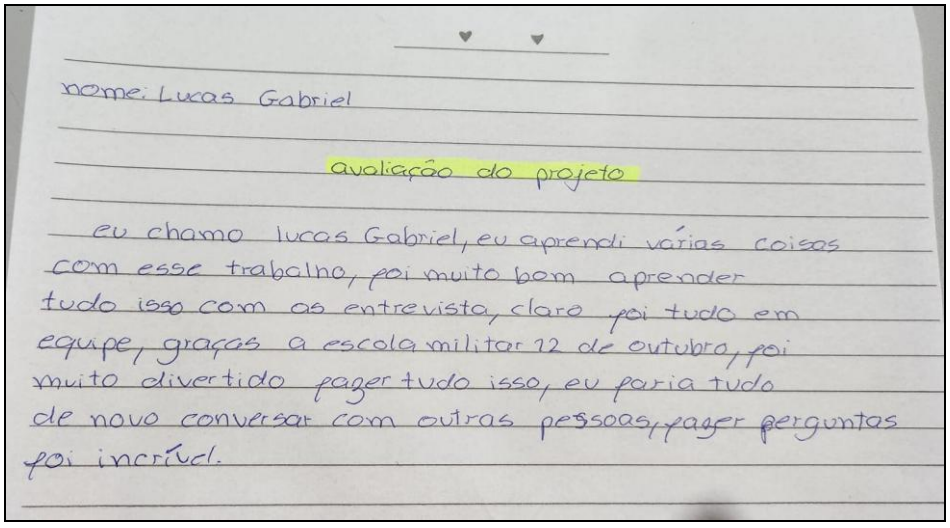


João Guilherme Ferreira Rodrigues
Avaliação do projeto (Redação).
Entrevista

meu nome é João Guilherme, e eu aprendi várias coisas principalmente sobre o passado da cidade, o atual tema da entrevista. Eu aprendi sobre as antigas construções da cidade, as que foram citadas que eu me lembro são a Casa Punto loja de tecidos, Citilar não tão antiga mas foi já fechado no ano de 2016, eu me lembro das antigas brincadeiras das crianças, para mim umas das melhores perguntas da entrevista.
Eu achei um dos melhores projetos que já aconteceram na minha escola, certamente foi muito divertido fazer este trabalho, claramente não foi fácil de fazer, os assembleio que fazíamos para decidir as perguntas foram bem legais também.
Só lembro a agradecer o professor Silvano por essa experiência.

Fonte: Arquivo do aluno João Guilherme, 2025.

Fotografia 56 – Análise dos alunos em relação ao projeto



nome: Lucas Gabriel

avaliação do projeto

eu chamo lucas Gabriel, eu aprendi várias coisas com esse trabalho, foi muito bom aprender tudo isso com as entrevista, claro foi tudo em equipe, graças a escola militar 12 de outubro, foi muito divertido fazer tudo isso, eu faria tudo de novo conversar com outras pessoas, fazer perguntas foi incrível.

Fonte: Arquivo do aluno Lucas Gabriel, 2025.

Observamos, por meio dos relatos dos estudantes, que as vivências foram significativas e tiveram um impacto profundo em suas vidas, evidenciando que o conhecimento adquirido por meio da experiência, conforme diz Larrosa (2011, p. 10): “é uma relação em que algo passa de mim a outro e do outro a mim. E nesse passar, tanto eu como o outro, sofremos alguns efeitos, somos afetados”.

O objetivo de que alunos tivessem adquirido uma compreensão mais clara do gênero entrevista, desenvolvendo habilidades essenciais de escrita foi alcançado. A prática desse gênero não apenas enriqueceu o aprendizado, mas também estimulou a curiosidade e o respeito pelas diferentes perspectivas presentes na sociedade.

Embora a variação linguística não tenha sido o foco de uma análise detalhada neste estudo, observamos traços distintos de registro e estilo entre os entrevistados. Essas diferenças apontaram para a presença da variação no contexto da entrevista, refletindo escolhas linguísticas relacionadas à situação comunicativa, aos objetivos da fala e à relação estabelecida entre interlocutores. Tais traços ajudaram a entender como o acesso a recursos linguísticos e as expectativas de desempenho discursivo se articulavam ao longo da entrevista.

Observamos, ainda, uma predominância de falas associadas a moradores de São Paulo, em função da origem dos fundadores. Contudo, a variação linguística não se manifestou de modo uniforme: apresentou-se de forma reflexiva a fatores geográficos e de estilo de vida. Entre as variações regionais, destacaram-se traços como entonação e o uso de expressões próprias. Um exemplo importante foi o *footing*, termo que significava “passeio” e que segundo a moradora entrevistada, era o mesmo que andar na avenida para cima e para baixo. Os moradores tinham o costume de fazer isso nos finais de semana para paquerar e, na época, esse termo era muito utilizado por falantes paulistas.

Ademais, foi possível perceber diferenças entre as falas de pessoas da zona rural e da zona urbana dentro de uma mesma região. Como exemplo, destaca-se a fala da entrevistada, moradora da zona rural, na qual ficaram evidentes marcas da variação linguística rural, relacionadas à memória, ao trabalho no campo e à organização social da época. Em suas falas, a entrevistada apresentou características próprias da oralidade rural, como o uso de frases simples, vocabulário ligado à agropecuária e a presença frequente de expressões do cotidiano, que refletiam a realidade vivida no campo.

Ao longo da entrevista, a moradora utilizou palavras e expressões diretamente associadas à vida rural, revelando uma variedade linguística própria desse contexto. Termos como *agropecuária*, *vacas de leite*, *roça*, *sítio*, *braçal*, *trator*, *boi* e *cavalo* apareceram com naturalidade em sua fala, assim como referências a cultivos e elementos da vegetação local, como *abóbora*, *mandioca*, *pequi* e *aroeira*. Esse vocabulário reforçou a ligação entre a linguagem utilizada e as atividades econômicas e culturais da região.

A entrevistada também demonstrou preocupação com as questões ambientais por meio de uma fala carregada de opinião pessoal e emoção, característica comum da oralidade rural, construída a partir da experiência direta com a natureza, ao

afirmar: “O povo só qué derrubá, acabá com tudo e Se o povo fosse um pouquim mais consciente, o mundo seria melhor”. A partir disso, observamos o uso de formas linguísticas próprias da fala espontânea, bem como um posicionamento crítico fundamentado na vivência no campo, isto é, esse modo de dizer, divergiu daquele discurso de caráter mais técnico ou institucional, geralmente associado à zona urbana.

A variação linguística manifestou-se ainda quando a entrevistada abordou as transformações sociais ocorridas ao longo dos anos, evidenciando não apenas marcas fonéticas e sintáticas da fala rural, mas também a influência do processo de urbanização, como em: “U povo qué estudá, qué uma melhoria na vida” e “A juventude largô de ficá na zona rural e foi pra cidade”. Tais enunciações demonstram que essas mudanças impactaram tanto o modo de vida quanto a forma de falar, uma vez que o contato com a cidade introduziu novos valores, perspectivas e modos de expressão.

Conforme apontado pela Sociolinguística, essas diferenças emergiram por razões históricas e sociais, como o acesso à escolarização, o contato com a mídia nacional, as ocupações exercidas e os diferentes ritmos de vida. Consequentemente, as falas rurais e urbanas passaram a diferenciar-se quanto ao grau de formalidade e ao uso de vocabulário técnico ou regional. Também ressaltamos que tais variações não devem ser consideradas falhas ou sinais de inadequação, mas como modos legítimos de expressão que atendem a contextos específicos de uso da língua, às funções comunicativas e identidades regionais.

Finalizamos nosso trabalho com a convicção de que atingimos de forma satisfatória nossos objetivos, pois a transformação nos estudantes foi perceptível, refletindo-se também no ambiente escolar. Os sonhos dos alunos foram revitalizados, trazendo esperança e motivação.

Chegamos a essa conclusão ao perceber que, embora a transformação nos alunos tenha sido evidente e impactante, a mudança ocorrida em nós foi ainda mais surpreendente. Sobre isso, Paulo Freire (1997, p.19) defende que

> [...] O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica na medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e os diferentes caminhos e veredas que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de

> perguntas, que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade – razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criticidade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende também ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.

A partir dessa constatação confirmamos que o ato de ensinar vai além da simples transmissão de conhecimento. Trata-se também de uma oportunidade de aprendizado para o professor, que deve manter uma postura humilde e estar aberto a repensar suas próprias ideias e crenças.

De fato, a prática educativa eficaz depende diretamente da capacidade do professor de se engajar em uma rigorosa reflexão crítica, transformando a experiência passada em aprendizado para o futuro. Nesse sentido, Paulo Freire (1996) destaca a essencialidade desse processo de autoavaliação que

> É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu 'distanciamento' epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela 'aproximá-lo' ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de mudar, de promover-me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar (Freire, 1996, p. 22).

Realizamos reflexão crítica entre teoria e prática e percebemos como ambas são fundamentais para o crescimento, o aprimoramento de nossas ações e a conquista da confiança dos estudantes. Nesse processo, optamos pelo diálogo como principal procedimento didático. Um dos principais desafios foi incentivar a autonomia dos alunos, permitindo que deixassem de ser leitores e escritores relutantes para se tornarem autores de histórias sobre a própria cidade.

Essa transformação evidenciou que a escola deve ser um espaço de expressão e de compartilhamento de experiências, no qual a célebre frase de Paulo Freire ganha sentido: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 21).

A maior mudança, entretanto, ocorreu em nossa prática docente. Vários professores da escola foram inspirados pelo projeto de intervenção e passaram a inserir propostas semelhantes em suas atividades. Isso foi extremamente gratificante, pois a experiência nos proporcionou um aprendizado valioso, não apenas como professores, mas, sobretudo, como indivíduos, promovendo uma evolução pessoal e profissional significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento da proposta de intervenção na Escola Estadual 12 de Outubro foi um marco importante para a reflexão sobre nossa própria prática pedagógica. Essa iniciativa não só nos permitiu analisar e aprimorar nossos procedimentos didáticos de ensino, mas também ampliou as oportunidades para que os alunos refletissem sobre a própria aprendizagem em um contexto de interações sociais. Ao engajá-los ativamente nesse processo, conseguimos que eles se tornassem mais conscientes de seu percurso de aprendizado e de como a língua funciona em situações reais.

Dessa forma, essa abordagem resultou em um desenvolvimento significativo das competências linguísticas e comunicativas tanto dos professores quanto dos alunos. Ao unirmos a teoria à prática e ao incentivarmos a capacidade de refletir sobre o próprio aprendizado, criamos um ambiente mais dinâmico e eficaz para o domínio da língua.

Ao longo de todo o processo, percebemos uma transformação significativa tanto na nossa postura quanto na postura dos estudantes. Essa mudança não apenas reforça, mas também evidencia a importância crucial de práticas pedagógicas colaborativas.

Além da colaboração, a observação sublinha a necessidade de abordagens dinâmicas e contextualizadas. Isso significa que o ensino deve ir além da teoria e conectar-se com a realidade dos alunos, tornando o conteúdo mais relevante e interessante. Mais importante ainda, essas práticas precisam ser acessíveis às diversas necessidades e ritmos de cada estudante.

Reconhecer e respeitar as individualidades dos alunos, oferecendo diferentes caminhos para a aprendizagem, é fundamental para garantir que nenhum estudante seja deixado para trás e que todos possam desenvolver seu potencial plenamente. Essa abordagem, que valoriza a singularidade de cada um, favorece diretamente o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

Com essa mudança de perspectiva, reforçamos a ideia de que nós, professores, devemos atuar principalmente como facilitadores. Isso implica estarmos abertos ao aprendizado mútuo, valorizando as experiências e questionamentos dos estudantes.

Refletindo sobre a proposta que executamos, chegamos à clara conclusão de que é fundamental incorporar atividades de ensino que transcendam os limites da sala de aula e os muros da escola. O aprendizado não deve se restringir apenas aos espaços formais de ensino, como os bancos escolares.

Ao levar os alunos para fora desse ambiente tradicional, abrimos um leque de oportunidades para uma aprendizagem mais significativa e contextualizada. Com esse objetivo, planejamos atividades que incentivassem uma reflexão mais profunda sobre a importância da leitura e da escrita, levando os alunos a perceberem a linguagem como uma prática social e de diálogo. Além disso, essas ações contribuíram para fortalecer competências essenciais, como comunicação, escuta ativa e trabalho em equipe.

Essa abordagem contribuiu para que os alunos se sentissem participantes ativos no processo, promovendo uma maior valorização de suas produções e reconhecendo a importância da linguagem na expressão de sua identidade e na construção de laços comunitários.

Os resultados alcançados superaram as expectativas iniciais, destacando-se não apenas pelo alcance das metas propostas, mas também pela sua continuidade e impacto positivo na turma.

Outro aspecto relevante foi a construção de um material concreto, o livro de entrevistas, que não apenas simbolizou o resultado do esforço coletivo, mas também funcionou como um incentivo à leitura e à escrita, despertando o interesse dos alunos pela produção textual.

A criação do livro, ou seja, da coletânea de entrevistas e sua apresentação na escola foram momentos de grande valorização e motivação, que fortaleceram o vínculo dos estudantes com a leitura e a escrita, além de envolver as famílias no processo. Essa participação ampliou o sentimento de pertencimento e orgulho, demonstrando que a escola pode ser um espaço de reconhecimento e realização, potencializando os efeitos positivos da intervenção.

Percebemos que o envolvimento das famílias foi um aspecto significativo, pois muitos pais e mães se mostraram curiosos sobre o que seus filhos tinham criado, sugerindo ideias e até mesmo se envolvendo no processo de escrita do livro e segurar o livro nas mãos foi um momento especial para essas famílias, que se sentiram orgulhosas de seus filhos.

A vivência dos alunos não foi apenas um evento passageiro, mas uma experiência que realmente os impactou, tornando a aprendizagem algo valioso e significativo, entretanto, é importante refletirmos sobre os desafios enfrentados, especialmente quanto à inclusão de todos os estudantes no processo de construção das entrevistas.

Essa questão aponta para a necessidade de procedimentos didáticos mais assertivas de engajamento, de modo a garantir que nenhuma voz seja excluída ou silenciada, reforçando o compromisso com uma educação mais equitativa e democrática.

Por fim, a experiência que vivenciamos reforçou a relevância do diálogo, da escuta e da colaboração como fundamentos do processo de ensino-aprendizagem, evidenciando que a prática da leitura e da escrita deve ser valorizada como uma ferramenta de expressão e transformação social, capaz de fortalecer vínculos e promover o reconhecimento das múltiplas realidades existentes na escola e na comunidade.

E quanto aos impactos referentes à nossa prática pedagógica, transcendem o ambiente escolar, contribuindo para a formação de cidadãos mais críticos, empáticos e engajados com suas comunidades.

Contudo, não podemos deixar de nos preocupar com aqueles alunos que não participaram do processo de construção das entrevistas. Isso nos leva a refletir sobre como poderíamos ter agido de forma diferente para incluí-los e engajá-los, pois a experiência que tivemos, mostrou uma oportunidade de fortalecimento da autoestima dos alunos, incluindo aqueles que inicialmente demonstraram maior timidez ou dificuldades de participação.

Assim, concluímos que a intervenção realizada não apenas promoveu avanços no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, mas também fomentou uma cultura de participação, respeito às diferenças e valorização do protagonismo juvenil. Essas contribuições são essenciais para a construção de uma educação mais democrática, inclusiva e significativa, capazes de formar cidadãos críticos e atuantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática:** por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 41-104.

ANTUNES, Irandé**. Análise de textos fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola, 2010

ALKMIM, Tânia. Sociolinguística: parte I. *In*: **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras, volume 1. MUSSALIM, Fernanda. BENTES, Ana Christina (org.). 9. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2012.

BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** um convite à pesquisa. 4. ed. São Paulo: Parábola, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília**:** MEC, 2018. Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCCEI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 1º abr. 2024.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC\SEF, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. As hipóteses por trás dos erros. *In:* **Alfabetizando sem o Bá-Bé-Bi-Bó-Bu.** 2. ed. São Paulo, Scipione, 2009.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Desafios da linguística textual no Brasil**. 2016. Intersecções – Edição 18 – Ano 9 – Número 1 – fevereiro/ 2016.

DOLZ, Joaquim; NOVERRRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY. Bernard; DOLZ, Joaquim (org.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 95-128.

FARACO, Carlos Alberto. História da nossa disciplina. *In:* FARACO, Carlos Alberto. (org.). **Linguística histórica:** uma introdução ao estudo da história das línguas**.** São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 128-203.

FÁVERO, Leonor Lopes**. Coesão e coerência textuais.** São Paulo: Ática, 1991.

FÁVERO, L.L., KOCH, I.G. **Linguística Textual**: introdução. São Paulo: Cortez, 2002.

FIORIN, José Luiz *et al*. **Introdução à linguística.** São Paulo: Contexto, 2003. v. 1 e 2.

FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto:** leitura e redação. São Paulo: Ática. 2006.

FIORIN, José Luiz. O ensino de português nos níveis fundamental e médio: problemas e desafios. *In*: **Teorias e práticas de letramento.** Brasília, DF: INEP (2007): 95-116.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não:** cartas a quem ousa ensinar**.** São Paulo: Olho d' Água, 1997.

GARRETT, Annette. **A entrevista, seus princípios e métodos.** 10. ed. São Paulo: AGIR, 1991.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino:** exercícios de militância e ensino**.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.

KLEIMAN, Angela. **Preciso ensinar o letramento**? Não basta ensinar a ler e a escrever? Campinas, UNICAMP/MEC, 2005.

KOCH, Ingedore Villaça. **A coesão textual.** 3. ed. São Paulo, 1991.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística Textual:** retrospectos e perspectivas. São Paulo: Alfa, v. 41, p. 67-78, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual.** 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

LABOV, William. Sociolinguística: uma entrevista com William Labov. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - **ReVEL**. Vol.5, n. 9, agosto de 2007. Tradução de Gabriel de Ávila Othero. ISSN 1678 - 8931 [www.revel.inf.br].

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação**. (Tradução de Maria Carmem Silveira Barbosa e Susana Beatriz Fernandes). Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LERNER, Júlio. **Clarice Lispector** - a última entrevista. *In*: Templo Cultural Delfos**. (**Entrevista concedida ao jornalista Júlio Lerner, 01/02/1977, programa Panorama, TV Cultura, SP). Jornal Opção- Clássicos Literários, ano XV,2025. Acessado em 24/01/2025. Disponível em: https://www.elfikurten.com.br/2012/04/clarice-lispector-ultima-entrevista.html.

MARCUSCHI, Luiz Antônio**. A linguística do texto:** o que é e como se faz**.** Recife: UFPE,1983.

MARCUSCHI, Luiz Antônio **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização**.** São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **A anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras.** *In*: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101

MATO GROSSO. **Documento de Referência Curricular para Mato Grosso:** Ensino Fundamental Anos Finais. Mato Grosso, 2018.

MELO, Clarissa Reis; GOMES, Jaciara. Coesão Textual. **Ao Pé da Letra**, v. 1, n. 1, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa social**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRASSOL D'OESTE. *In*: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mirassol_d%27Oeste. Acesso em: 20 maio 2025.

MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística:** o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. **Introdução à linguística**, v. 6, p. 11-24, 2002.

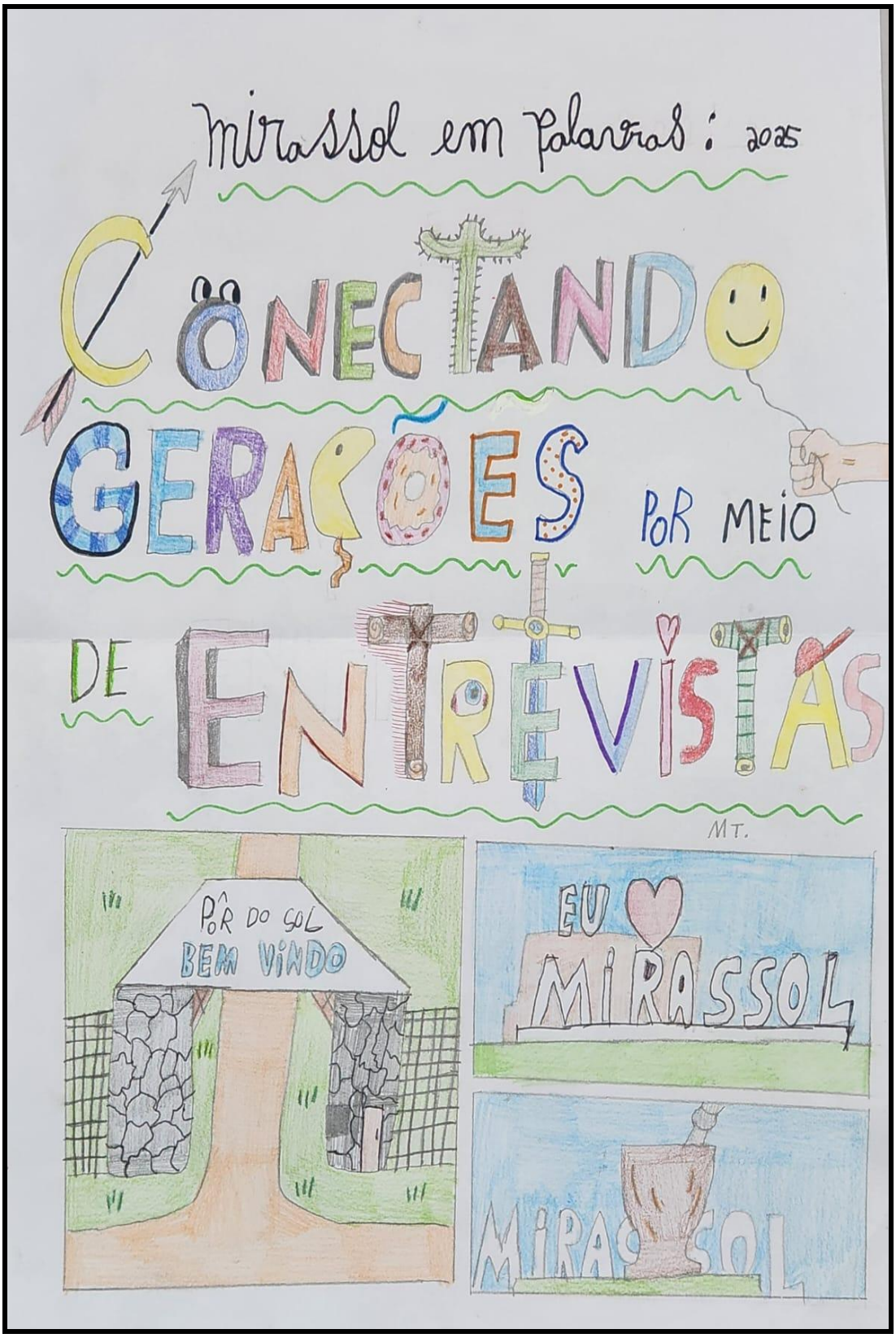
PREFEITURA DE MIRASSOL D'OESTE. **Balneário Lago Azul**. Disponível em: https://www.mirassoldoeste.mt.gov.br/pages/balneario-lago-azul. Acesso em: 23 jan. 2025.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral.** Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2006.

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DE MATO GROSSO. **Orientações Curriculares:** área de Linguagens. Cuiabá: SEDUC MT, 2010. Educação Básica.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística.** Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002

ANEXO: Livro confeccionado pela turma do 8º ano D



Organização: Professora Silvana Rodrigues da Silva

Escola Estadual 12 de Outubro

Equipe gestora

Diretor
José Humberto Veríssimo Zuchetti

Secretária Escolar
Cláudia Lúcia Pinto

Coordenadora Pedagógica
Márcia Franco de Carvalho

Professora Organizadora
Silvana Rodrigues da Silva

Entrevistadores e autores
Turma do 8º ano D de 2025

Mirassol d'Oeste – MT, março/2025.

APRESENTAÇÃO

Este livro é o resultado do Projeto de Intervenção Pedagógica **Gênero entrevista: trabalhando a produção textual sobre a história de Mirassol d'Oeste - MT contada pelos alunos do 8º ano da Escola Estadual 12 de Outubro,** com o objetivo de melhorar a produção textual dos alunos**,** apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras – Profletras / Unemat – Cáceres – MT, realizado com os alunos do 8º ano D, da Escola Estadual 12 de Outubro, sob a orientação do professor Dr. José Leonildo Lima.

Diante do desafio de promover um aprendizado mais efetivo e um fluxo escolar adequado, este projeto surge com a proposta de utilizar o gênero entrevista como ferramenta para aprimorar as competências linguísticas e discursivas dos alunos.

Para alcançar esse objetivo e favorecer uma interação significativa com a comunidade, buscamos aproveitar espaços fora do ambiente escolar e planejar situações nas quais os conhecimentos linguísticos e discursivos que os alunos aplicam em práticas sociais, mediadas pela linguagem, contribuam para o ensino de forma mais satisfatória.

Por último, através das entrevistas e depoimentos coletados, os alunos compartilham as histórias dos moradores juntamente com a história do município de Mirassol. Dessa maneira, tiveram a oportunidade de explorar, revisitar e documentar as memórias dos seus habitantes, contribuindo para a elaboração deste livro intitulado "Mirassol em Palavras: Conectando Gerações Através de Entrevistas."

Aos alunos, destaco minha eterna gratidão por aceitarem o desafio de participar deste projeto. Sinto-me honrada em apresentar as entrevistas realizadas por eles.

Um caloroso abraço e boa leitura!!

Professora Silvana Rodrigues da Silva

Alunos do 8º ano de 2025



Alunas do 8º ano de 2025



Agradecimentos...

Em primeiro lugar, agradeço a **Deus** pela força necessária para a realização deste projeto.

Agradeço também aos **meus queridos e amados alunos**, cuja dedicação e entusiasmo foram fundamentais para o desenvolvimento deste trabalho, sempre me recebendo com alegria.

Meu reconhecimento ao diretor da Escola Estadual Cívico Militar 12 de Outubro, **José Humberto Veríssimo Zuchetti**, pelo apoio e incentivo.

A Coordenadora **Márcia Franco de Carvalho**, sou grata pela constante motivação e pela assistência especial que ofereceu aos alunos e pais, contribuindo para o sucesso desta iniciativa.

A todos **os professores e funcionários** da escola, que colaboraram para o desenvolvimento das atividades, em especial à professora **Michele** que sempre segurava a minha turma pacientemente até eu chegar da outra escola.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. José Leonildo Lima**, por ter me auxiliado e orientado no decorrer de todo o processo.

Aos entrevistados: **Genalva Bezerra da Silva**, **Alice Balzan Romanelo**, **Juceli Senn**, **Silvanei Aparecido da Silva**, **Valdo Donizete de Souza**, **Antônio Carlos Luz**, **Sandra Ferreira dos Santos** e **Anderson Aparecido Moura Ferreira** que muito contribuíram com suas histórias para a realização desse trabalho.

Ao meu filho **Renan Willian Rodrigues Longati**, pelo apoio, incentivo e “suporte técnico”.

A minha mãe **Laudelina Rodrigues da Silva**, minha maior incentivadora, heroína e orgulho em toda a vida.

À Universidade do Estado de Mato Grosso – **UNEMAT** por me proporcionar a oportunidade de cursar o **Mestrado Profissional em Letras** – **PROFLETRAS.**

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior** – **CAPES**, pela concessão da bolsa de estudos, que para mim, foi fundamental para que eu conseguisse concluir o mestrado.

Aos **queridos alunos do 8º ano D 2025**, que participaram tão intensamente desse projeto.

Agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a conquista desta etapa em minha vida. A vocês e àqueles não citados, porém, não menos importantes, fica registrada a minha eterna gratidão.

Alunos do 8º ano D

Álvaro Miranda Pomar
Ana Carolina Didone Viana
Ana Julia Cintra
Ana Lívia Camargo
Arthur Alexandre Ronconi Sá
Bruno Marques Paiva de Morais
Eduarda Souza Nascimento
Emelly Vitória Cintra Linhares
Enzo Gonzaga Leite
Filipe Pereira Lopes
Giovana Silva Meroti
João Guilherme Ferreira Rodrigues
João Pedro Melo Lemes
João Vitor Luz Carvalho
Joaquim Carrasco Teixeira
José Carlos Alves Ferreira
Leandro Matheus Amaral Santos
Lorraine Vitória Moreira Silva
Lucas Gabriel Silva Oliveira
Lucas Santana Santos
Lucia Joana da Silva
Luiz Antônio Moura Silva
Natália Romanelo
Nicolas Procópio Calixto
Pedro Henrique Lins Lira
Tallys Henrique Aguiar Torres
Uryel Felipe Delmondes de Paula
William Moraes Cruz



Este livro de entrevistas é uma coletânea de histórias que retratam a cultura e as vivências da cidade de Mirassol d'Oeste, no estado de Mato Grosso, produzido pelos alunos do 8º ano D da Escola Estadual 12 de Outubro. Este trabalho reflete não apenas o talento e a dedicação dos estudantes, mas também a importância de valorizar as narrativas locais. Por meio das vozes de diferentes entrevistados, buscamos preservar e compartilhar a memória e as experiências que moldam a identidade de nossa comunidade. Esperamos que cada página deste livro inspire os leitores a conhecer e apreciar ainda mais a história da nossa querida cidade de Mirassol d'Oeste – MT.



Turma do 8º ano D de 2025



Mirassol d’Oeste – MT - Um tesouro no interior do Oeste brasileiro

No dia 28 de outubro de 1964, uma cidade no interior do Mato Grosso estava “nascendo”, desmembrada do município de Cáceres. Nessa data, Mirassol d’Oeste recebeu a benção do Cruzeiro, no local onde foi erguida a Capela São Judas Tadeu.

O nome da cidade foi dado em homenagem à cidade Mirassol, no estado de São Paulo, de onde veio grande parte dos principais pioneiros, como, por exemplo, Antônio Lopes Molon.

Por volta de 1958, Antônio Lopes Molon ficou interessado pelo estado de Mato Grosso e pelas terras onde atualmente fica Mirassol d’Oeste. Com toda a sua força de vontade, investiu todo o seu dinheiro neste local, pelo Departamento do Estado.

Após conseguir toda a documentação necessária, ele decidiu fazer lotes e montou um escritório para vendê-los. Molon se associou a outros cidadãos, formando uma empresa que foi um sucesso e aumentou significativamente a quantidade de pessoas naquela região.

Antônio fundou o núcleo de povoação que deu origem à cidade; infelizmente, ele morreu em meados de novembro de 1962, sem ver seu sonho se realizar.

A primeira escola da cidade foi a Escola Rural Mista de Mirassol d’Oeste, que também servia como igreja. Todos os domingos, havia cultos e catequese.

No dia 14 de maio de 1976, foi decretada a emancipação política de Mirassol d’Oeste pela lei nº 3.698, do deputado Airton Reis. Assim, o primeiro prefeito foi Samuel Greve e o primeiro vereador foi o Sr. Durvalino Serrano.

A primeira bancada de vereadores foi instalada oficialmente no dia 1º de fevereiro de 1977, com a presença de várias autoridades.

Passam-se os anos...e hoje, Mirassol d’Oeste conta com 26.400 habitantes, com vários comércios, grandes e pequenos, e uma população amável e hospitaleira. A cidade está cada vez mais evoluída e possui uma história incrível que, com certeza, vale a pena ser conhecida.

Natália Romanelo



Mirassol d'Oeste, 60 anos de história

Nossa querida Mirassol d'Oeste foi fundada em 28 de outubro de 1964. Nesse mesmo dia, houve a bênção do cruzeiro, onde foi erguida a primeira igreja.

Na época pioneira, um nome ficou marcado: Benedito Cesário da Cruz, que, junto de sua família, exerceu grande liderança, contribuindo para o desenvolvimento da cidade.

A primeira escola de Mirassol d'Oeste chamava-se "Escola Rural Mista de Mirassol d'Oeste" e, além de ser uma instituição de ensino, também servia como igreja.

A lei nº 3.689, de 14 de maio de 1976, de autoria do deputado Airton Reis, decretou a emancipação política do Município de Mirassol d'Oeste.

Mirassol d'Oeste teve dois padres importantes que contribuíram para a construção das duas maiores igrejas católicas da cidade: Pe. Tiago e Pe. Anselmo.

E assim termina o relato sobre a nossa querida cidade, Mirassol d'Oeste.

Ana Júlia Cintra Ferreira

Mirassol d’Oeste

A região de Mirassol d'Oeste, antigamente, era habitada por indígenas da Nação Bororó. No dia 14 de maio de 1976, Mirassol d'Oeste foi considerado um município.

O dia 28 de outubro é lembrado por ser a data em que Samuel Greve foi deposto do seu cargo, e Carlos Roberto Soares de Melo assumiu a posição, sendo um cidadão cujo nome era desconhecido para muitos. O povo de Mirassol d'Oeste não ficou nada feliz com essa mudança.

Os moradores da cidade ficaram indignados, pois tinham que aceitar um prefeito desconhecido. Sem utilizar formas agressivas de protesto, eles confeccionaram bandeiras brancas para representar a paz, além de outras com frases desrespeitosas, sempre com o intuito de manifestar sua insatisfação. Bandeiras pretas foram usadas para simbolizar tristeza e agonia. Essas bandeiras eram exibidas em locais onde o governador passava, destacando mensagens como “Pai, afasta de nós este cálice”, criadas pela senhora Jeanete.

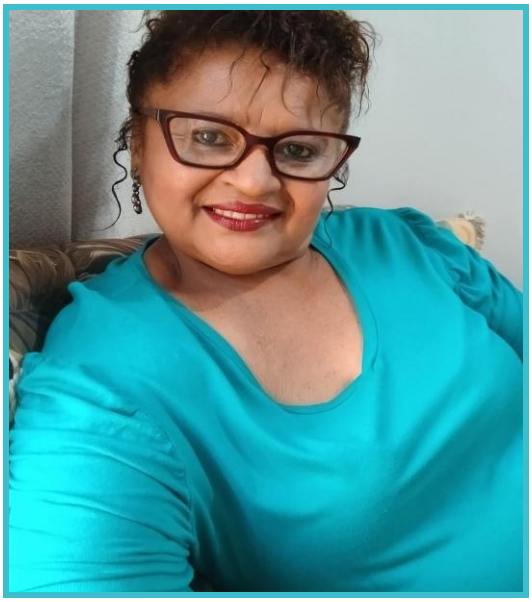
Mais adiante na história, temos o primeiro jornal da cidade, fundado por Ricardo José Ferrari e Erotilde Mota Ramos. A instalação da primeira Câmara Municipal ocorreu em 30 de novembro de 1976. Os vereadores tomaram posse e instalaram oficialmente o município de Mirassol d'Oeste no dia 1º de fevereiro de 1977, em uma Sessão Solene que contou com a participação de diversas autoridades federais, estaduais, municipais e da população miradolense.

Essa é uma parte da história de Mirassol d'Oeste – MT, que atualmente tem 26.785 habitantes (segundo o IBGE) e, em 2025, apresenta novos bairros com lotes vazios a serem ocupados, vislumbrando um futuro promissor. O atual prefeito é Hector Álvarez.

Luiz Antonio Moura da Silva

É com grande entusiasmo que damos início à apresentação das entrevistas realizadas por nossos alunos com os moradores da comunidade. Ao longo desse projeto, nossos alunos puderam ouvir relatos inspiradores, aprender sobre as tradições e desafios enfrentados, e, acima de tudo, valorizar a rica diversidade cultural que nos cerca. Esperamos que essas experiências compartilhadas aqui hoje, nos ajudem a refletir sobre a importância da convivência e do respeito mútuo.

Entrevista com a senhora Genalva Bezerra da Silva



Conversaremos agora com uma moradora de Mirassol d'Oeste, Genalva Bezerra da Silva, que vive na cidade há mais de 40 anos. Durante esse tempo, ela viu muitas mudanças e o crescimento do município, que fica em Mato Grosso. Desde o começo até hoje, Mirassol d'Oeste passou por várias transformações, e nossa convidada vai compartilhar suas memórias, experiências e pensamentos sobre como a cidade se desenvolveu, a cultura local e as pessoas que fazem parte dessa história.

Quando você veio para Mirassol d'Oeste? O que te trouxe aqui?

Então, exatamente não me lembro, foi nos anos 1970, acho que em 1975, vim de uma região de sítio aqui perto, que fica do outro lado da serra, aqui na serra do Jardim que recebe o nome de Garganta, eu ainda estava com 10 para 11 anos. Atravessava uma trilha que cortava a serra para vir para a cidade. Cheguei sem destino, comecei a procurar trabalho e encontrei na pensão do seu Simão Grela e sua esposa D. Isabel. Os dois já tinham uma certa idade, eu fui bem acolhida apesar de ser empregada, eu dormia no trabalho. Essa pensão atendia os viajantes caminheiros e eu além de ajudar na cozinha, também ajudava a limpar o ambiente.

Eu era garçonete também e às vezes atendia até as 11horas da noite, a essa hora com luz de lampião, pois Mirassol d'Oeste não tinha luz elétrica e quem servia luz de motor era o senhor Osório que na época tinha um cinema na Rua 28 de Outubro, e essa luz era das 18:00 às 22:30, daí para frente tinha que se virar com lampião, vela e lamparina.

Como era a cidade quando você chegou? Você pode descrever sobre a aparência e o clima da cidade?

Então, Mirassol nessa época em que eu cheguei aqui, ainda faltava muita coisa para o progresso, se hoje falta muita coisa, imagina em 1975, os comércios eram todos na rua 28 de Outubro e não tinham área de lazer de jeito nenhum. Os jovens se divertiam nos domingos a noite na rua 28 de Outubro, faziam um passeio que se chamava “footing”. A gente subia e descia a rua das 19:00 às 23:00, e eu estava com meus 15,16,17...Subíamos a rua até ali na altura do Torra Torra, Droga Miza e vinha até próximo ao cartório do Robertão (1°ou 2° Ofício não sei). Era uma alegria, era muito bom, a rua era lotada de jovens todos felizes. De vez em quando vinha um circo para cá, todo ano ele vinha, aí sim que ficava bom, se chamava Tremendão, esse era o nome do circo, tinha uns rapazes lindos e as meninas ficavam todas loucas. Assim foi por muito tempo, a gente saía para fazer o “footing” todos os domingos, tinha noite que estava chovendo e a gente ia assim mesmo, cada uma com uma sombrinha. Às vezes a gente ficava tão empolgada que a chuva ia embora e nem percebíamos. Os rapazes passavam por nós e falavam: “Nossa, mas está uma chuva!!!!!” Era aí que que percebíamos que não estava chovendo, mas fechávamos o guarda-chuva morrendo de vergonha.

O que é o footing?

Footing significa passeio, pois naquela época as pessoas saíam para passear na praça. Tinha recebido esse nome porque é um passeio na praça. As moças e os rapazes paquerando ali, a procura de namoro e tal... Os namorados se encontrando, entendeu. Então é um passeio feito na praça. Era assim, aquele vai e vem, teve uma época, eu não cheguei a participar, mas eu estive em São Paulo e lá era desse jeito ainda. As moças ficavam na praça com os rapazes dando voltas, ficavam rodeando em volta da praça e aqui em Mirassol faziam o footing na rua 28 de Outubro, subiam e desciam passeando.

Como você descreveria a vida cotidiana aqui há 30 anos em comparação com hoje?

Com o tempo surgiu o clube Bandeirante, mas só quem frequentavam eram os tubarões que tinha dinheiro. Com o passar do tempo foi normalizando e todo mundo podia frequentar, saía muitos bailes bons, muitas festas de Carnaval e brincadeiras dançantes... Mirassol d’Oeste, na minha opinião, acabou quando colocaram as praças, é o que tem hoje, sem movimento e diversão. Acho também que com o progresso chegou a malandragem e naquela época era muita inocência, sem malícia e sem maldade no coração. Tínhamos uma rodoviária que ficava onde é o Rei do pano, uma sorveteria com o nome de Sonata, um cinema, um posto de combustível que ficava onde é o Torra Torra, a lojinha do seu Zé Maria, a loja do seu Zé do Pito, duas pensões na 28 de Outubro, um alto-falante que ficava onde é a Gazin, era ele

quem dava as notícias tristes e alegres da cidade, quando falecia uma pessoa, era anunciada por ele e no dia a dia ele falava duas vezes por dia às 11:00 e às 17:00 horas, vinha com os anúncios e com músicas, era a rádio da época, o dono era o Mané Cesário.

Quais eram os principais pontos de encontro ou atividades da comunidade na época?

Esses encontros eram nas casas das pessoas, tais como: os médicos, advogados e professores. Eles marcavam um almoço ou jantar na casa de um e convidava os outros, como a turma não era muito grande, iam todos. Ali passava o dia e a noite em festa e as empregadas se lascavam com a limpeza da casa, das louças e com as crianças para cuidar, e assim, todos se divertiam. Uma vez no mês eles -os patrões- faziam serenata. Os professores saíam da escola às 21:30 e ali eles já combinavam a farra, chegavam em suas casas e se aprontavam e os que tinham combinado, saíam acordando os outros que não sabiam de nada até acordar todo mundo. Normalmente isso acontecia em uma sexta-feira porque no sábado não tinha aulas. Isso foi o que eu presenciei muitas vezes e nessa época ainda não tinha o clube Bandeirantes.

Quais eram as principais fontes de renda ou trabalho na cidade naquela época?

Os trabalhos que tinham na época era muito pouco, algumas lojas de tecidos. Me lembro bem da Loja Favo de Mel que era onde é a Garbos hoje, a loja Brasília que era onde é a Domani, a loja Três irmãos que era onde é o Mundo dos Bebês, por ali mais ou menos esses eram as maiores, mercado tinha o Luzitano, o Bel Pão que era onde está a Farmácia (não me lembro o nome agora) a que fica em frente o Torra Torra na rua 28 de Outubro, e o mercado Estrela onde é a Gazin, tinha o escritório de Advocacia do Dr.Ivo Pereira da Silva, se tinha outro, não me lembro. O Colégio BCC -Benedito Cesário da Cruz- que tinha os professores e as casas de família que recebia muitas funcionárias para o serviço do lar. Naquele tempo, o que mais predominava eram o trabalho do lar, a limpeza da cidade, lembro que a retirada do lixo doméstico nessa época, era feita com um carrinho puxado por um cavalo, quem era responsável por esse serviço era o sr. Chico, ele era conhecido como Chico louco. Para as verduras, legumes, tínhamos os verdureiros que passavam todos os dias na porta oferecendo verduras, frutas, legumes, ovos, frangos. Tinha outras pessoas que passavam oferecendo um monte de frango pendurado em um cabo de vassoura e apoiado nos ombros, até então eram muito serviço braçal...

Você se lembra de alguma festa ou evento tradicional que era muito valorizado pela comunidade?

Os bailes que tinham no clube Bandeirantes e as serenatas dos fins de semana, teve algumas festas do chopp de cerveja, logo mais na frente tivemos muitos desfiles das escolas com carros alegóricos que era uma disputa muito grande dos colégios, um querendo ser mais bonito do que o outro e realmente eram muito lindos. Cada carro um mais lindo do que o outro! Todos os alunos desfilando, era sete de setembro e vinte oito de outubro. Tínhamos uma fanfarra que era maravilhosa, comandada pelo professor Carmelito. Mirassol, às vezes desfilava

embaixo de chuva e muita lama, mas tudo valia a pena porque era muito lindo. Daí chegou também as festas juninas...só dava o BCC! Não tinha para mais ninguém, nem aqui e nem na região, todo mundo trabalhava, professores e alunos. Era uma perfeição! Tínhamos uma professora que veio de São Paulo, ela era formada em Educação Artística. Pensa em uma professora que era detalhista e perfeita! O nome dela era Lucélia, e tinha a quadrilha comandada pela Professora Jeanete. Tudo que você puder imaginar o quanto essas festas eram lindas e organizadas, ainda vai ser pouco. Então, a festa do BCC e os desfiles da cidade eram muito esperados e muito prestigiados, pois vinha gente de longe para assistir e prestigiar. Hoje é só saudade de um tempo que não volta mais.

Que mudanças você notou na cultura e nos costumes da cidade?

As pessoas ficaram mais sociáveis sem dúvida, com as oportunidades que foram surgindo, oportunidades de estudo, de trabalho... Outras pessoas foram chegando de outros estados trazendo novos hábitos alimentares, maneiras de se comunicar. Mirassol hoje tem uma grande mistura de cultura que antes não tinha. Se hoje ainda é pouco? Antes era menos ainda!! Mas estamos aqui... todos misturados e todos vivendo em harmonia.

Quais eram os principais desafios enfrentados pela comunidade no passado?

Os desafios eram muitos, no geral, aqui ainda tinha pouca coisa, as pessoas mais humildes se viravam como podia, a classe média e alta ia para Cáceres ou Cuiabá em busca de produtos diferenciados, tais como: roupas, calçados, alimentos, etc. Aqui teve também uma época de muita poeira, mas era muita poeira, não era a poeira que temos hoje não, a gente saía escrevendo em qualquer coisa com os dedos, e no tempo da chuva eram muita chuva que as casas cheiravam a mofo e muitas coisas mofavam de verdade, se a casa ficasse muito tempo fechada até no chão aparecia mofo. Época de frio?!! Começava o frio em maio e ficava: maio, junho, julho, agosto e setembro, sempre com garoa e vento. Quando o sol saía, era aquele sol de geladeira!!. No mês de agosto ventava o mês inteiro, era uma ventania que nada ficava no lugar. As roupas estendidas enrolavam todas no varal de arame farpado. O resto é a dificuldade de hoje, falta de uma Universidade, falta de um bom Hospital com UTI e bons profissionais e também uma boa administração política.

Você gostaria de compartilhar alguma história ou lembrança especial que tenha vivido naquela época?

Uma lembrança é que, quando éramos adolescentes, tínhamos um vizinho que tinha, em seu lote, três pés de mangas bourbon. No entanto, ele não dava mangas para ninguém, e todos admiravam e desejavam comê-las. Nessa época, eu e mais três amigas estudávamos à noite, chegávamos em casa às 22h30 e, em um belo dia, combinamos de ir roubar mangas depois da aula. Planejamos tudo, arrumamos uma vara bem grande, uma lata para colocar na ponta e, mesmo assim, às vezes as mangas caíam no chão e faziam barulho.
Então, resolvemos arrumar um pano e fazer como se fosse uma rede: uma segurava de um lado, a outra segurava do outro enquanto a terceira cutucava as mangas para fazê-las cair. Certa vez, alguém percebeu que havia pessoas roubando as mangas, acendeu as luzes da casa e saiu um homem com uma espingarda. Vendo isso,

imediatamente nós três nos jogamos no chão, soltando a vara e o pano de apoio. No local, havia um pequeno mato que nos ajudou a nos camuflar. Cada uma ficou em um canto, estirada no chão; eu fiquei bem perto da cerca de arame farpado. O infeliz do homem resolveu fazer xixi bem ali perto de mim e, por pouco, não fez na minha cabeça, eu deitada de bruços. Pense no medo que passamos, a gente nem respirava de tanto medo! Depois desse dia, nunca mais fomos roubar mangas e rimos por muito tempo. Sempre que nos encontramos, relembramos essa história e damos boas gargalhadas.

Giovanna Silva Meroti

Entrevista com Alice Balzan Romanelo



Meu nome é Natalia, sou aluna do 8º ano D da Escola Estadual Cívico Militar 12 de Outubro, farei a entrevista com a senhora Alice, moradora da cidade de Mirassol d'Oeste – MT.

Estou muito animada em conversar com ela, pois vamos abordar o assunto sobre zona rural e dona Alice possui uma trajetória incrível e com certeza será de grande contribuição sua entrevista.

Como você descreveria a zona rural da cidade quando você era mais jovem?

Muita gente, as famílias eram enormes, as pessoas, a família tinha vários filhos e hoje diminuiu muito.

Quais eram as principais atividades agrícolas da região naquela época?

Agropecuária. Aqui na nossa região, predomina sempre agropecuária, o leite, vacas de leite.

Como você percebeu a evolução da zona rural ao longo dos anos?

Na época, quando eu era mais jovem, era tudo mais difícil, era tudo braçal. Hoje em dia com e tecnologia, chegou evolução e junto chegou o trator. Antigamente era mais boi, cavalo, hoje em dia está tudo mais fácil.

Como era a vida cotidiana na zona rural?

Então, a mulher era quem ficava em casa, fazia almoço, cuidava dos filhos. E hoje a mulher trabalha fora e ajuda o marido e cuida dos filhos, cuida da casa, e antes era diferente, a mulher cuidava sim, mas era da família, dos filhos e eu acho que é isso.

Quais eram os desafios enfrentados pelos moradores daquela época?

Era a dificuldade, pois não tinha estrada na época, e era poucas terras para trabalhar, tinha que abrir tudo braçal e foi complicado.

Você poderia compartilhar alguma história marcante ou lembrança da sua infância na zona rural?

O que marcou muito para mim, foi ir para a roça com meu pai e a minha mãe, ajudava em tudo. A gente fazia de tudo, primeiro fazia na roça e quando voltava para casa ajudava a mãe, meus irmãos, era tudo em família.

Quais festas ou celebrações rurais eram populares na sua juventude?

As festas de igreja que eu participei muito na juventude foi nas festas da igreja, das comunidades. Eu ia muito, tinha muito nas comunidades e a gente participava, sempre participei.

Você lembra de alguma tradição específica que era praticada na comunidade?

Era as festas de santo, de padroeiros, de igreja. Essas festas aqui, era as que eu mais participava.

Como as colheitas e o trabalho no campo influenciavam a vida social na região?

Então, aqui por ser sítio, maioria sítio pequeno, não tinha agrupamento de vizinhança, de pessoas que ajudavam na colheita, e aqui por ser agropecuária, a gente plantava muito, abóbora, mandioca, essas coisas, só para consumo na família mesmo, mas não tinha plantação em grandes proporções.

Havia alguma vegetação específica da região que você considera importante ou simbólica?

Então, muitas árvores frutíferas, o pequi, a aroeira que está se acabando, a gente teria que cuidar mais do meio ambiente. O povo, só quer derrubar, acabar com tudo. Se o povo fosse um pouquinho mais consciente, o mundo seria melhor.

Quais mudanças sociais você percebeu ao longo dos anos na zona rural?

Então, antigamente... No tempo dos meus avós, a minha avó, eles eram em 14 filhos. A minha avó tinha a minha mãe, que já teve cinco filhos e eu já tive duas, minhas irmãs todas têm dois filhos. Então, eu acho que está diminuindo a população da zona rural.
Antigamente, todos os filhos ajudavam o pai e a mãe, e hoje em dia, os filhos vão estudar e está ficando cada vez mais, o povo idoso, na zona rural. São poucos os

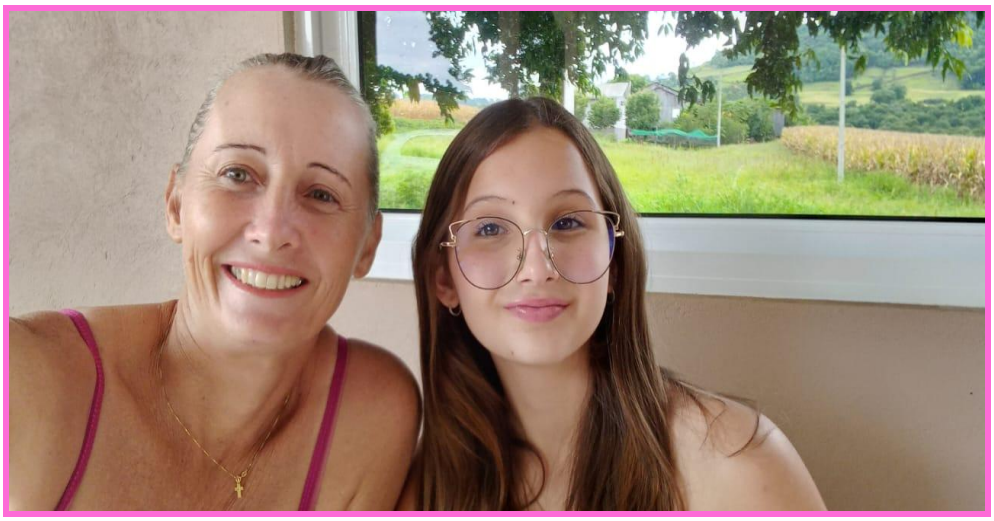
filhos que tomam a frente do serviço do pai, o povo quer estudar, quer uma melhoria na vida.

Como a urbanização afetou a vida rural e a estrutura das comunidades?

Então, a juventude largou de ficar na zona rural e foi para a cidade procurar uma melhoria na vida, porque na rural é tudo difícil.

Quais locais na zona rural você considera importante para a história da cidade?

Então, temos turismo, vários lugares bonitos que o povo da cidade sai no final de semana para participar de evento, procurar um lugar bonito para passear, a espairecer a mente.



Existem eventos ou histórias de família que você gostaria de compartilhar?

Eu gostaria de compartilhar minha juventude, quando juntava meus avós, tios, primos para fazer as festas de natal, ano novo e páscoa que eram as datas que mais se juntavam para fazer festas e aí os avós já morreram, os primos casaram e cada um foi para um lado, aí a gente se afastou e foi perdendo a essência da família.

Que conselhos você daria para as gerações mais jovens sobre a vida na zona rural?

Que não é difícil, que os filhos deem sequência no que os pais fizeram para deixar para eles, com batalha e trabalho duro, para ver o esforço que a gente fez para deixar alguma coisa para eles.

Como você imagina que a zona rural da cidade vai se desenvolver nos próximos anos?

Com o avanço, a tecnologia vai melhorar muito para o agricultor, porque hoje tudo é tecnologia, né? Desde o drone para passar veneno, o trator, todos com GPS, e aí as coisas caminham sempre para ajudar o agricultor.

Natália Romanelo e Giovanna Silva

Entrevista com Sandra Ferreira

Olá, pessoal! Nós somos um grupo formado por João Guilherme, Lucas Gabriel, João Vítor, Enzo Gonzaga e Lorraynne Vitória. Hoje, temos a honra de entrevistar a senhora Sandra, uma moradora de Mirassol d'Oeste, que irá compartilhar com a gente, suas experiências e memórias sobre essa cidade tão especial.

O objetivo da nossa entrevista é conhecer um pouco mais sobre a história e as características de Mirassol d'Oeste através da perspectiva de uma moradora antiga. Acreditamos que ouvir as histórias de quem viveu na cidade por mais tempo nos proporcionará uma visão mais rica e autêntica sobre suas tradições e transformações ao longo dos anos.

Então, vamos juntos descobrir mais sobre a cidade de Mirassol d'Oeste!??

Você se lembra de algo notável que aconteceu antigamente na cidade?

Algo notável que aconteceu quando eu era criança foi a corrida de KART em volta da praça e a inauguração do cinema. Foi acontecimento do mês, todas as crianças foram para a praça com suas famílias para ver a corrida de kart e foi muito divertido. O cinema também ficou lotado no dia da sua inauguração para ver o filme de Mazzaropi.

O que você sempre quis que mudasse na cidade?

Eu gostaria que a cidade contasse com uma faculdade, para que nossos jovens pudessem estudar quando terminassem o ensino médio, para não precisar de ir para outra cidade.

E quanto a segurança da cidade, a taxa de criminalidade aumentou ou diminuiu?

A taxa de criminalidade aumentou muito nos últimos anos. Mirassol já não é mais um lugar seguro, pois tem muitas ocorrências de crimes e roubos.

Como você considera a segurança nos colégios?

Eu penso que a segurança das escolas deveria ser melhorada e contar com a função do trabalho de um agente de pátio para que ele pudesse fazer o controle dos portões de quem entrava e saia da escola.

O que você acha da posição da escola 12 de outubro como uma escola cívico militar?

Eu acho importante e necessária aqui na nossa cidade a Escola Estadual Cívico-Militar 12 de Outubro, pois traz mais segurança e disciplina para os estudantes, para a comunidade e para os pais.

Qual é sua opinião sobre os políticos de Mirassol d'Oeste?
Eu creio que os políticos deveriam fazer mais do que eles prometem, deveriam ter mais compromisso com a sociedade, com a segurança pública, a saúde a educação e entre outros serviços que são tão essenciais.

Há algum evento que antes existia e hoje não existe mais, e você sente falta?

Sim eu sinto falta das quermesses que tinham na praça, das festas comunitárias, bailes, festas juninas que aconteciam nas escolas, dos desfiles em datas cívicas, em 28 de outubro, na semana da Pátria.

A cidade conta com o saneamento básico?

Nem todos os bairros contam com saneamento básico, geralmente só na região central, mas os bairros que ficam mais afastados muitas vezes o esgoto corre a céu aberto.

Qual era a principal atividade econômica antigamente?

As principais atividades econômicas de antigamente era a agricultura de café e arroz e as cerâmicas que produziam tijolos e telhas. Podemos ver estampados os símbolos dessas atividades primárias na bandeira de Mirassol d'Oeste.

Quais produtos ou serviços eram mais procurados pelos moradores antigamente?

Os produtos mais procurados eram agrícolas, secos e molhados e de tecidos para confecção de roupas. Os serviços mais procurados eram na área de saúde.

Como eram as compras feitas antigamente, havia mais lojas ou mercados?

As compras antigamente eram feitas em mercados ou lojas bem pequenas. Havia mais mercados do que lojas de tecidos. Os mercados antigamente eram chamados de comércio varejista de secos e molhados.

Você percebe alguma diferença no atendimento ao cliente entre o passado e o presente?

Sim, há algumas diferenças entre o atendimento ao cliente no passado e o atendimento no presente. Antigamente quando você chegava em um comércio você sempre era atendido por um vendedor que te ajudava a escolher o produto desejado. É claro que é esse tipo de atendimento ainda continua nos dias de hoje. Mas agora nós já podemos contar com alguns comércios com serviço de autoatendimento onde você chega, você escolhe o seu produto com autonomia e somente passa no caixa para pagar.

Quais eram os principais pontos de encontro ou lazer da cidade na época?

Me lembro com saudade pois era um tempo muito divertido. Os principais pontos de encontro entre os moradores antigamente era a praça do centro onde as famílias se reuniam com as crianças e jovens para conversar, brincar, jogar bola, comer pipoca, tomar sorvete na sorveteria Sonata.

Como era a relação entre os moradores, viviam bem em comunidade?

As pessoas eram bem unidas naquela época, eu lembro que elas se reuniam para fazer terços, quermesse, festas comunitárias, um ajudava o outro, fazia mutirões para ajudar pessoas mais necessitadas.

Quais eram os aspectos de vida em Mirassol d'Oeste, você acha que continuam os mesmos?

Os aspectos de vida em Mirassol d'Oeste, de antigamente para os dias de hoje, mudaram bastante. O modo como as pessoas se relacionam também mudou, antes vivíamos em uma cidade pequena sem infraestrutura e com uma população também pequena. Com o passar do tempo a cidade foi crescendo e a população também foi aumentando. Antigamente podíamos confiar mais nas pessoas, as ruas não eram perigosas, as crianças podiam brincar livremente na rua sem se preocupar com o perigo.

Quais são as suas lembranças mais queridas da cidade antigamente?

Quando era criança eu brincava na rua todos os dias, eu chegava da escola, reunia com meus amigos e ia brincar de bola, de raquete e de esconde-esconde e nos fins de semana nós íamos nas chácaras vizinhas buscar frutas, tudo era muito divertido, é uma lembrança muito boa.

O que você mais sente falta do passado da cidade?

O que eu sinto mais falta é da união das pessoas, da segurança. Hoje em dia vive cada pessoa no seu mundo, com suas próprias preocupações e não se importam tanto umas com as outras.

Há alguma coisa que você gostaria de acrescentar sobre a história de Mirassol d'Oeste?

Poderia ser construído um Centro Histórico de visitação e pesquisa, com objetos, fotografias de época para que estudantes, novos moradores pudessem saber um pouco mais sobre a história do município.

Qual conselho você daria para as pessoas de Mirassol d'Oeste?

Eu falaria para que as pessoas cuidassem da cidade com carinho, não jogassem lixo nas ruas, não poluíssem o meio ambiente, cuidassem da natureza, plantassem uma árvore e votassem com responsabilidade.

Agradecemos a senhora Sandra que nos concedeu esta entrevista sobre a antiga cidade de Mirassol d'Oeste pois com ela foi possível conhecer um pouco de como

era a cidade antigamente e como ela evoluiu com o tempo e também agradecemos a professora Silvana que nos orientou e propôs o trabalho de entrevista para a escrita do nosso livro “Mirassol em Palavras: Conectando Gerações por Meio de Entrevistas”.

João Guilherme, Lucas Gabriel, Lorraynne, João Vitor

Entrevista com Juceli Senna



Olá professora Juceli, nós somos alunos da Escola Cívico- Militar 12 de Outubro e estamos honrados pela senhora ter aceitado participar do nosso trabalho, nossos mais sinceros agradecimentos.

Como você vê a transformação da cidade de Mirassol d'Oeste ao longo dos anos? Houve mudanças significativas que impactaram na educação?

Eu acredito que não. Ah, sim! Houve mudanças sim. Igual o governador agora, passou as escolas estaduais que vieram lá do governo para o município. Mas assim, as escolas... Mirassol tem poucas escolas. Eu acredito que eles deveriam olhar com mais carinho, com mais amor para educação de Mirassol d'Oeste. Temos professores muito qualificados que estão indo embora pelo fato da estrutura das escolas. Assim, acho que é isso aí, mas eu vejo bastante engajamento dos professores, das coordenadoras das escolas, da prefeitura. Esse concurso trouxe muito professor, trouxe muita coisa boa, muita novidade, professores novos com vontade de trabalhar. Vejo assim, e na época, quando começou a BCC, no início tinha professores que deram o sangue, que lutaram muito pela educação de Mirassol d'Oeste. Transformação mesmo...

Como vocês descreveria a evolução educacional de Mirassol d'Oeste durante o tempo que você leciona?

Bom, eu vejo que é conforme a população vai evoluindo né? A educação tem que evoluir também. Eu vejo que através desses cursos dessas formas diferentes de ensinar que hoje nós temos, eu vejo que está sendo bem importante, a tecnologia ajudou muito a educação de vocês crianças né, é muito importante, e as escolas né? Eles estão dando muito valor assim para educação, hoje mais do que antigamente né? Porque antigamente as pessoas do sítio estudavam até uma certa idade. Hoje

em dia você vê muitas pessoas do sítio, fazendo faculdade, fazendo pós-graduação, lutando por uma educação melhor, né. Eu acho que isso aí é muito importante para nossa cidade. Eu vejo que as pessoas quanto mais elas evoluem, mais elas valorizam a cultura, a escola, a cidade onde moram... Vemos aí a importância do trabalho cada vez mais né? E a escola está participativa na formação de melhores indivíduos para nossa cidade, eu creio que seja isso.

Como você avalia a infraestrutura educacional de Mirassol d'Oeste desde quando você começou a lecionar e como ela de ser desenvolveu com o tempo?

Então... Eu comecei a trabalhar para o estado, né? E daquela época para hoje, eu vejo uma grande diferença. Hoje nós temos a escola BCC como uma das maiores escolas do município. Foi uma escola que o governo passou do estado para o município, que é da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. Eu vejo que é muito, muito importante isso para nós e para Mirassol d'Oeste porque você tem aqui toda a valorização da sua cidade. Você trabalha, educando ou criando indivíduos melhores, com mais condições de em vez de copiar o que é dos outros... Pessoas pensantes, pessoas que vão valorizar o que eles pensam que eles acreditam, a formação do professor é para isso, para que as pessoas pensem, para que as pessoas tenham pensamento próprio. Não sigam um padrão dos outros. Eu penso que quanto a estrutura, eu acredito que o governo municipal deve dar mais atenção, aumentar a quantidade de escolas, aumentar a quantidade de salas. Nós temos salas com 25, 26, 28 alunos para uma professora, eu acho muito. Mas quanto as outras coisas dentro da escola, temos: televisão, computador... Eu acredito que a gente está indo bem, quanto mais melhor, né? Mas está bom, por enquanto.

Havia algum projeto social ou educacional que você considera importante para o desenvolvimento da cidade?

Olha, antigamente... eu não sei por que eu realmente comecei, foi em 2018 na escola, mas hoje eu vejo o projeto alfabetiza MT que é um projeto do governo, onde eles estão fixando mais atenção para educação infantil, primeiro e segundo ano. Um projeto que é feito com os professores e eles estão dando esse curso para alfabetizar as crianças até o segundo, terceiro aninho. Eu acho isso muito importante porque essa é a fundamentação da educação. Primeiro a criança de cinco anos vem para escola com toda a vontade de aprender. Então eu acho assim que com o atendimento melhor com a forma diferente de ensinar hoje, eu acho que nós não vamos ter mais crianças, analfabetas que não sabem ler no quinto, sexto ano. Isso é muito importante.

Como você descreveria a cidade de Mirassol d'Oeste para alguém que nunca visitou?

Ah, eu sou paranaense, eu vim para cá em 1996 com idas e vindas. Assim, eu tenho um certo carinho por Mirassol d'Oeste porque me receberam com muito carinho. Fui muito bem recebida em Mirassol d'Oeste. Hoje eu considero Mirassol a minha cidade. Meu coração está aqui, eu amo Mirassol d'Oeste. Descreveria como uma cidade acolhedora, uma cidade de povo muito bom, muito receptivo. Eu gosto muito daqui, acho uma cidade muito bacana, toda vez que vem alguém do meu estado eu

procuro estar mostrando as partes bonitas que nós temos aqui. Eu acho também uma cidade assim, por ser pequena, uma cidade bem acolhedora, a mais bonita da região. Eu acho uma das cidades mais limpas, mais organizadas que tem na nossa região. Eu Tenho muito orgulho de dizer que sou de Mirassol d'Oeste.

Quais são as principais características culturais de Mirassol d'Oeste?

Característica cultural, agora você me pegou, eu acho que é a festa do peão, a queima do alho, a festa da rainha. Eu acho bem bacana assim, acho que é isso. Não tem atrativo nenhum mais além disso.

Quais eventos ou festas tradicionais da cidade você considera mais importante?
Então eu acho que seria o evento da festa do aniversário do município e a festa da do peão. Essa última que teve, foi aí sensacional, estava muito boa, foi divulgada no Brasil inteiro que seria a festa do peão.

Como você vê o papel da educação no crescimento da cidade?

Educação é tudo para o crescimento de uma cidade porque o povo que é esclarecido, ele cobra, ele exige, ele tem pensamento próprio, ele é crítico e isso é muito importante. Nós, como professores, lutamos por isso, para que a pessoa seja esclarecida, seja crítica nas coisas, então é uma evolução muito grande.

Como você enxerga a participação da comunidade nas questões educacionais de Mirassol d'Oeste?

Então é... logo no início quando eu fui trabalhar, comecei a trabalhar pelo estado, teve alguns casos de a gente ter que fazer uma greve e nessa greve foi muito triste, porque nós estávamos lutando pelo salário, lutando pelos nossos direitos e nós recebemos de pais e alunos na época na praça, xingamentos, mandando a gente ir trabalhar, nos chamando de vagabundos, que nós devíamos estar dentro de uma sala de aula ensinando que é o nosso trabalho. Mas assim como qualquer outra profissão, a gente tem esse direito e eu fiquei muito, muito triste. Isso foi no início da minha carreira, bem na época que eu comecei a trabalhar aqui em Mirassol d'Oeste, porque é falta de esclarecimento, né? Porque se você luta pelo seu direito, é... se você trabalha com um salário digno com salário que você merece, porque você fica dentro de uma sala de aula com vários alunos, com 20, 30 alunos dentro da sala e você às vezes tem que pegar dois trabalhos, dois turnos para você poder manter. E eu acho isso muito triste, mas hoje em dia eu vejo que mudou muito, a gente já tem a participação de muitos pais pela educação, pois essas pessoas são mais esclarecidas e veem a importância da educação na vida dos filhos deles.

Existe alguma figura histórica ou local que seja especialmente relevante para a história da cidade?
Ah, eu acredito que seja o Padre Tiago, porque ele trouxe muita coisa, novidades para a população daqui. Na época, construiu a igreja através dos esforços dele e da comunidade na época. E acho que Benedito Cesário da Cruz, porque a BCC foi em

homenagem a ele. São pessoas assim pois dentro da comunidade tem que ter uma igreja e uma escola para chamar de sua, que é o que nós temos aqui.

De que forma você acredita que a educação pode ajudar a transformar a realidade social de Mirassol d'Oeste?

Então, como eu falei, a educação é intuitivo na cabeça das crianças, das pessoas, dos jovens para serem pessoas pensantes, para serem pessoas que tomem decisões por si só, que sejam críticos nas coisas, porque ele é a única forma que a gente tem de construir um lugar, é você sabendo quem você coloca, para comandar a cidade né para ser o chefe do estado, do município e é através disso, através de você ter pessoas críticas que conseguem discernir ou as pessoas que consigam decidir por bons administradores. Essa é uma das formas. A educação, transforma pessoas, ela dá possibilidade de liberdade para você ter esse tipo de coisa. Você fica sabendo, tendo um uma visão diferente, você consegue crescer, e Mirassol precisa disso, o Brasil inteiro, todo ser humano tem que ser crítico, tem que saber não ir ao pensamento de ninguém. Decidir suas coisas e é isso que eu acho.

Quais são os desafios que os professores enfrentam em Mirassol d'Oeste?

Há muitos, e um deles, é a falta da participação dos pais. Nós que trabalhamos em escola pública, vejo que os pais deveriam ser mais participativos tanto com a educação dos filhos quanto com a escola, pois o professor precisa muito da ajuda dos pais porque eles dedicam muito no trabalho deles. Para a gente ser professor é um desafio muito grande, eu acho que os pais ainda estão deixando a educação dos filhos na responsabilidade do professor, e o professor tem que transmitir o conhecimento e não educar o filho. O aluno tem que se comportar, não brigar, não xingar, essas coisas assim... Eu acho que a participação dos pais é muito importante, apesar da gente não ter muito isso hoje, porque essa nova geração agora de pais, estão mais responsáveis, mas ainda precisamos mudar muito isso, o esclarecimento dos pais quanto a importância do ato do conhecimento, porque o professor está para transmitir conhecimento e não para passar educação para os filhos.

Como a população tem se adaptado às mudanças tecnológicas, especialmente no ambiente escolar?

Então, uma das grandes mudanças que eu vi aqui em Mirassol foi na época da pandemia. Na época da pandemia, muitos professores, inclusive eu, tinha muito, muito pouco contato com o computador, muito pouco contato com filmagem e nós tínhamos que filmar nossa aula para passar para as crianças e corrigir o caderno através do WhatsApp. Então, assim eu acho uma evolução muito grande, apesar que eu vejo a tecnologia hoje na cabeça das crianças um grande erro. Hoje mesmo, eu trabalhando com um dos meus alunos aqui, o irmão veio buscar, falei que o menino não tinha feito nada, e ele disse que o menino fica até três, quatro horas da manhã brincando e jogando, aí o menino dorme até o meio-dia e quando chega aqui na escola ele não tem coragem para fazer nada. A nossa vida melhorou muito, mas eu vejo também muito prejudicial para criança.

Quais são os seus maiores desafios como professor e como você vê a sua atribuição para a educação local?

Nós temos crianças chegando no quarto e quinto ano sem serem alfabetizados. Nós estamos com esses programas do governo que o município tem fornecido para a gente, programas muito bacanas, programas muito bons. São formas diferentes de ensinar porque hoje a criança tem a possibilidades de ver com os olhos, de ter contato com as coisas, que antigamente você fazia uma aula de história, você não tinha opções para mostrar, imagens antigas, coisas que fixam na cabeça da criança. Eu acho que isso foi muito importante e o desafio é alfabetizar. Essas crianças que vêm para a gente, às vezes é por falta de apoio da família, vendo o jeito que estão vindo, dá o maior sofrimento, sem estrutura familiar, sem estrutura de pais para ajudar, para estar acompanhando, exigindo que essa criança seja uma criança responsável.

Quais eram as principais dificuldades enfrentadas pelos moradores da cidade no passado?

Eu acho que era para chegar em Mirassol. Quando eu cheguei aqui na época, minha vontade era de ir embora de volta. Não tinha asfalto, as estradas que tinham era só buraco vindo de Cáceres para cá. Enfrentávamos a dificuldade com a saúde e hoje em dia, está bem melhor do que antigamente. A dificuldade também era com a água, saneamento básico, que é uma das coisas que está sendo resolvida, mas ainda precisa muita coisa para ser investido, para que melhore. Eu acho que seria isso aí, o comércio era tranquilo. Ah sim, a gente vê que na época, nós tínhamos o supermercado Favorito que era um dos supermercados que tinha uma diversidade muito grande.

Se você tivesse que escolher uma lembrança especial de Mirassol d'Oeste qual seria?

Seria o nascimento da Júlia, minha filha que nasceu em Mirassol d'Oeste, seria isso aí, não tem outra lembrança bacana assim. Depois quando eu passei agora no concurso que é uma lembrança que eu vou levar para minha vida inteira porque era um sonho ser efetivada, né?

Como você vê o futuro de educação de Mirassol d'Oeste e o que acredita ser necessário para continuar o desenvolvimento da educação?

Eu acredito que Mirassol d'Oeste vai melhorar muito agora na educação com constantes investimentos que o prefeito tem feito nessa área. Ele tem corrido atrás de bastante coisa para aumentar, as escolas têm dado cursos aos professores. Eu acredito que vai melhorar bastante, o curso de aperfeiçoamento que está sendo ministrado aqui em Mirassol está sendo muito, muito valioso para a cidade. E para o desenvolvimento da cidade, necessitava mais de pessoas que realmente têm dinheiro investissem aqui em Mirassol, pois é retorno para o município.

Natalia Romanelo, Ana Carolina, Álvaro, Willian, Lúcia

Entrevista com Antônio Carlos Luz

Boa tarde, senhor Antônio Carlos Luz! É um prazer tê-lo conosco hoje. Nós, alunos da Escola Estadual Cívico-Militar 12 de Outubro, estamos muito animados para aprender mais sobre a história e as características da nossa cidade, Mirassol d'Oeste, aqui no Mato Grosso.

Agradecemos imensamente pela sua disponibilidade em nos ajudar com suas valiosas informações e experiências. Esperamos que esta conversa seja enriquecedora para todos nós. Muito obrigado pela sua colaboração.

Qual foi o primeiro comércio de Mirassol d'Oeste?

Imobiliária Mirassol, tendo como sócio Antônio Lopes Molon, Mauro Mendes, José Lopes Garcia, Nizia Lopes e Paulo Mendonça, essa primeira empresa instalada em Mirassol d'Oeste foi 1958.

Quem foi o primeiro prefeito de Mirassol d'Oeste?

O primeiro prefeito indicado foi Samuel Greve, e o primeiro prefeito pelo voto popular foi Edvaldo Rodrigues Paiva.

Qual o primeiro campo de Mirassol d'Oeste?

Foi o estádio municipal Rei Pelé.

Quantas pessoas tem em Mirassol d'Oeste?

A população hoje estimada de Mirassol d'Oeste é de 28.000 habitantes.

Qual o acontecimento mais recente de Mirassol d'Oeste mais marcante?

A posse do prefeito reeleito Héctor Alvares e do vice-prefeito Jeffer Kleber, e dos novos vereadores eleitos e reeleitos para a gestão 2025 a 2028, a posse aconteceu dia 01 de janeiro de 2025.

Qual o monumento mais antigo de Mirassol d'Oeste?

Bem, com certeza foi dia 28 de outubro de 1964, o povoado de Mirassol d'Oeste foi oficialmente fundado com o lançamento da pedra fundamental da primeira Igreja.

Qual foi a primeira escola de Mirassol d'Oeste?

A primeira Escola de Mirassol d'Oeste foi a Escola Rural Mista de Mirassol, hoje a Escola Municipal Benedito Cesário da Cruz.

Mirassol já ganhou algum campeonato?

Não, Mirassol não tem seleção de futebol ou de alguma outra modalidade de esportes.

Em sua opinião, qual foi a pessoa mais importante de Mirassol d'Oeste?

Os fundadores da cidade, Antônio Lopes Molon, Paulo Mendonça, Mauro Mendes, José Lopes Garcia, Nizia Tedra e o primeiro morador, pioneiro de Mirassol d'Oeste que foi Benedito Cesário da Cruz.

Qual a rua mais antiga de Mirassol d'Oeste?

A atual avenida Tancredo Neves, chamada na época do povoado de Mirassol Rua Principal.

Quais eram as principais atividades econômicas da cidade naquela época?

A agricultura de subsistência.

Quais eram os principais locais de encontro para os moradores? Existem lugares que eram importantes na época e que não existem mais?

A principal festa que havia a cerca de 30 a 40 anos atrás em Mirassol d'Oeste era a festa do padroeiro do povoado, hoje cidade, São Judas Tadeu, e muitas quermesses nas comunidades que existiam, nas comunidades rurais que existiam naquela época.

Como era a infraestrutura da cidade, como as ruas, escolas e hospitais, em comparação com hoje?

Infraestrutura em geral praticamente não existia naquela época, bem diferente hoje, como Mirassol d'Oeste bem-dotado de toda infraestrutura necessária.

Como era a paisagem ao redor de Mirassol d'Oeste naquele tempo? Havia mais áreas verdes ou locais naturais que foram alterados ou desmatados?

Com certeza, muita diferença de ontem para hoje, muita mata e córregos no entorno da cidade, o que hoje não se vê mais, apenas degradação do meio ambiente.

Quais eram os principais locais de encontro para os moradores?

Bom, o principal ponto de encontro dos moradores era na pracinha do Cruzeiro, hoje praça Nossa Senhora Aparecida, a praça da Matriz, né, onde está a igreja Nossa Senhora Aparecida, e o cinema do Osório, que já não existe mais.
Obrigado por ter colaborado com o nosso projeto escolar.

José Carlos, Uryel, Joaquim, Arthur

Entrevista com Anderson Aparecido Moura Ferreira



Hoje, temos a honra de entrevistar Anderson Aparecido Moura Ferreira, um membro ativo da nossa comunidade, que compartilha conosco suas experiências e perspectivas. Anderson, de 41 anos, traz consigo uma visão enriquecedora sobre a vida na cidade e suas transformações ao longo dos anos. A entrevista é parte de um projeto desenvolvido pelo nosso grupo, composto por Ana Julia, Eduarda, Emily, Ana Lívia e Giovanna. Durante a conversa, teremos a oportunidade de explorar suas histórias, desafios e conquistas, contribuindo para uma compreensão mais profunda da vivência na cidade de Mirassol d'Oeste – MT. Vamos iniciar!

Qual é o seu nome completo e quando você se mudou para Mirassol d'Oeste?

Meu nome é Anderson Aparecido Moura Ferreira, tenho 41 anos e eu sou nascido em Mirassol d'Oeste.

Como era a cidade quando você chegou?

O clima era bem mais fresco e Mirassol quando eu era pequeno era uma Mirassol sem asfalto, não tinha tanto saneamento básico, o asfalto era mais no centro e em algumas ruas do Jardim São Paulo. Com o tempo foi passando, foi trocando de prefeito, os vereadores e veio a evoluir, melhorando e também melhorou o asfalto onde eu morava. Algumas ruas já têm redes de esgoto, outras até hoje não tem.

Quais eram os principais pontos de encontro ou atividades da comunidade na época?

Na minha época era a festa do peão de Mirassol d'Oeste que era referência, tinha a festa da escola agrícola, tinha... até eu estudei na escola agrícola. O ponto de encontro nosso na época que eu era criança era a quadra do Jardim São Paulo, lá na praça tinha uma quadra que eu sempre ia com os meus amigos para jogar bola.

Como você descreveria a vida cotidiana aqui há 30 anos em comparação com hoje em dia?

Olha, há 30 anos era que nem eu falei, era uma coisa mais difícil, era tudo, quase tudo era estrada de chão. Para você ir em uma cidade para outra, não tinha muito asfalto, não tinha muito investimento do governo, hoje em vista melhorou 100%, quase tudo está asfaltado. A saúde é mais fácil, cada bairro hoje, ou melhor, quase todos está tendo um posto de saúde mais próximo. Antigamente era mais o "postão" e o hospital da serrinha, hoje melhorou bastante.

Quais eram as principais fontes de renda ou trabalho naquela época?

Era mais aqui... A fonte de renda maior de Mirassol como é até hoje, é a área da oficina e de autopeça. Hoje as cidades vizinhas, Porto Esperidião, Quatro Marcos até mesmo Cáceres, não tem o que a gente tem, é... são as áreas de mecânica de autopeça.

Você se lembra de alguma festa ou evento tradicional que era muito valorizada pela comunidade?

Sim, como eu já disse no começo, a quermesse da escola agrícola que era uma ótima e excelente festa, e também a festa do peão.

Que mudanças você notou na cultura e nos costumes da cidade?

Olha, na cultura antigamente, o pessoal festejava mais, se reunia mais, tipo nas festas do peão, a família se reunia e hoje em dia, a cultura está acabando entre si, o povo mais velho não festeja tanto, e os mais novos não sabem aproveitar as festas, acham que é só "encher a cara", tudo é só festa. Não, a festa, tem que saber prestigiar, a festa é um evento.

Quais eram os principais desafios enfrentados pela comunidade no passado?

Bom, tinha muitos, uma delas é que a população enfrentava dificuldades, não tinha tanto poder aquisitivo, então, não andavam muito de ônibus. Hoje em dia, o pessoal... a maioria das pessoas têm moto, têm um carro para andar... As estradas eram de chão, você demorava para ir em Araputanga, Jauru, você perdia quase um dia para chegar lá e ainda mais se estivesse chovendo, aí tinha muito atoleiro. Hoje em dia não, está tudo asfaltado.

Você gostaria de compartilhar alguma história ou lembrança especial que tenha vivido em Mirassol d'Oeste?

Sim, uma coisa que eu vivi em Mirassol d'Oeste foi a escola agrícola que na época era uma excelente escola. Com o passar do tempo, teve a última turma e a escola

veio a fechar. A escola tinha um evento que engordava frango, tinha horta, vaca mecânica, fazia leite de soja, e nisso, ensinava os alunos e as crianças a trabalharem e assim, tirava elas da rua para não ficar muito tempo procurando ...vagando, aí achando o que não deve fazer, e na escola agrícola não, a gente passava o dia todo lá, estudava, trabalhava. As verduras, a gente doava para os pais, para outras escolas, o frango e o leite de soja, a gente também fazia doação. A gente estudava, mas também aprendia, até o lema da escola era assim: Fazer é saber fazer fazendo.

O que o senhor acha de Mirassol d'Oeste?

Olha, eu como sou nascido em Mirassol, eu acho uma cidade maravilhosa, eu gosto de morar aqui, uma cidade pequena, não tem tanto movimento e onde todo mundo quase conhece todo mundo.

O que o senhor mudaria na cidade?

O que eu mudaria na cidade, a cultura da cidade pois falta um cinema, falta uma coisa a mais para a população se divertir, sair em família, já que hoje nós só temos a praça.

Você poderia falar um pouco sobre sua história em Mirassol d'Oeste?

Olha, na minha época, foi uma infância muito legal, a gente jogava bola, jogava bete, garrafão na rua, a gente brincava muito, ia para praça, aos fins de semana tinha sons na praça, nos dias de domingo a gente participava da missa, saía para ir à praça, claro né, que sempre tinha um horário de voltar para casa, nunca cheguei tarde em casa. Na minha infância tinha tudo isso, a gente jogava e brincava muito na rua à noite.

Como era a vida cotidiana na cidade há 30 anos? Quais eram as atividades mais comuns entre os moradores?

Olha, as atividades mais comuns entre os moradores de Mirassol, era ir à missa aos domingos, em algumas quermesses, quando tinha.

Quais eram as principais fontes de emprego e renda da cidade naquela época? Como isso mudou ao longo dos anos?

A principal fonte de renda de Mirassol, como uma região pecuária era mais trabalho em fazenda, vaqueiro, cerqueiro, gente que fazia curral e hoje conforme a cidade foi evoluindo, crescendo, agora é mais..., eu já disse, ela tem mais auto peça, mais oficinas, comércios, tem mais lojas de roupa e evoluiu bastante em relação ao tempo de antigamente para hoje. Hoje também tem usina e frigorífico.

Quais festas e tradições eram mais populares em Mirassol d'Oeste há 30 anos? Elas ainda são celebradas hoje?

Algumas sim, que nem a escola agrícola era uma tradição em Mirassol, e a festa do peão, só que ao passar do tempo, a festa do peão foi caindo aquela tradição, mas

até hoje, é que nós temos hoje em dia a festa do peão e o aniversário de Mirassol com boi no rolete, mas hoje a principal é a festa do peão.

Você tem alguma memória especial ou história marcante de sua infância ou juventude em Mirassol d'Oeste que gostaria de compartilhar?

Sim, quando eu estava na escola agrícola, durante a época da quermesse da festa da escola, a gente fazia uma fogueira enorme. Tudo que acontecia na festa era produzido pelos próprios alunos. Era uma correria danada; nós mesmos preparávamos a costela e trabalhávamos como garçons. Esses eventos foram marcantes, e, com o passar do tempo, isso acabou, mas ficou gravado na nossa memória.

Ana Julia, Eduarda, Emilly, Ana Lívia, Giovanna Silva

Entrevista com Silvaney Aparecido da Silva



Boa tarde a todos! Meu nome é Luiz Antônio e estou aqui acompanhado do meu colega Nicolas. Hoje temos a honra de entrevistar o meu pai, Silvaney, uma pessoa que tem se destacado em sua área e que possui uma trajetória inspiradora.

Silvaney, boa tarde! Como você está?

Tudo na paz, graças a Deus.

Ficamos felizes em saber! Podemos então dar início à nossa entrevista?

Com certeza!

Ótimo! Agora são 15h20, e estamos prontos para a primeira pergunta. Como o esporte chegou na sua época? E como era?

Como o esporte chegou na minha época... Quando eu comecei a entender, desde quando era criança, foi vendo esporte na televisão, que era o futebol. Eu me encantei por esse esporte e estou nessa atividade até hoje.

E como era a qualidade, onde ela praticado os esportes?

Quando eu comecei era muito ruim, agora com os investimentos públicos está bem melhor.

Quantos jogadores o senhor conhece que era aqui da região e foi jogar profissionalmente?

Rafael Toloi, Ninaldo, o Beto que jogou no Flamengo e tem uns outros que não chegaram a ser profissional no estadual, mas foi de grande importância para a região e para o estado.

Quanto custava os equipamentos, como joelheira, chuteira, etc?

Tudo era muito caro na época, e às vezes, a situação financeira era um pouco complicada.

E como era o esporte em comparação com agora?

Não tinha tanto investimento e incentivo dos pais ou da administração pública para usar, somente equipamentos adequados para as crianças praticarem os esportes.

Quais esportes eram mais populares na sua época e como você os compara com os esportes praticados atualmente?

O futebol que tem até hoje, o volleyball e o basquete. Hoje, tudo está mais evoluído e como melhora, temos os equipamentos para treinamento, podemos ir para outra cidade, e dependendo da economia da administração de algumas entidades populares, todos nós temos equipamentos para os atletas como: chuteiras melhores, as luvas dos goleiros são mais sofisticadas e os campos e as quadras são melhores também.

Como o senhor descreveria a infraestrutura esportiva da cidade a 30 anos? Havia mais ou menos lugares para a prática do esporte?

Havia menos, mas com mais eventos e torneios, mais competições, mas em compensação já tinha menos jogadores que hoje.

O senhor percebeu mudanças na forma de como a prefeitura e a comunidade apoiam eventos e atividades esportivas ao longo dos anos?

Isso varia muito de administrador para administrador. Já teve melhores, também tivemos por aqui vários incentivos públicos que é do prefeito, e algumas empresas particulares, mas agora com o tempo, está deixando a desejar.

Como era a participação da comunidade em eventos esportivos antigamente?
Se envolvia menos do que hoje. Atualmente os pais, os avós, os filhos, os amigos participam mais do que na época que eu comecei.

Quais modalidades esportivas eram mais praticadas na sua juventude e como isso mudou ao longo do tempo?

É o futebol, também o vôlei e o basquete. Hoje em dia tem pista de skate para molecada brincar, tem o esporte olímpico que é correr, natação.

Quais desafios o senhor acredita que os atletas e as equipes locais enfrentam, pensando no passado em comparação com a atualidade?

No passado era ...não vamos dizer que tinha mais incentivo, parece que tinha mais emoção, mais dedicação, tanto dos atletas como dos administradores. Hoje em dia, a prática esportiva, parece que caíram mais de produção em comparação ao passado.

O senhor vê mais oportunidades para jovens atletas hoje em dia? Como isso se compara com o que a cidade tinha há 30 anos?

Há trinta anos era difícil encontrar locais para a prática esportiva e pouco incentivo de administração pública e particulares e a dificuldade da época era por causa dos equipamentos e valores excessivos pelos familiares que não conseguiam pagar para as crianças praticarem esportes e hoje em dia tem mais acessibilidade para essa situação.

Você tem alguma memória marcante relacionada ao esporte em Mirassol d'Oeste que gostaria de compartilhar?

Ah sim! Tinha uma equipe de futebol chamada 28 de outubro que chegou a disputar uma vaga para a segunda divisão do estado de Mato Grosso.

Que liga você acredita que as práticas esportivas antigamente, deixaram para as novas gerações da cidade?

É o companheirismo, a amizade, que dependendo do esporte, você faz várias amizades com outras pessoas de outras cidades da região, comunidades e enfim, eu acho que o mais destacado é a amizade entre os esportistas.

Muito obrigado sr. Silvaney.

Nossa! Muito obrigado, obrigado vocês.

Luiz Antonio, Pedro Henrique, Nicolas, Bruno e Leandro



Entrevista com Valdir Donizete de Souza

Hoje temos a alegria de conversar com Valdir Donizete de Souza, um homem que tem muito a contar sobre a história de Mirassol d'Oeste. Com 68 anos, Valdir viveu mudanças e crescimento na cidade, onde se estabeleceu há 52 anos, desde o seu começo. Ele tem muitas histórias e experiências que vão enriquecer nossa conversa.

Bom dia, seu Valdir, tudo bem? Esperamos que sim. Como o senhor já deve saber, eu e meu grupo, que é formado por 4 pessoas: eu, Filipe, João Pedro, Lucas Santana e Tallys, viemos fazer uma entrevista para um projeto. O objetivo é guardar esta conversa para um livro que será feito pela professora de português, Silvana Rodrigues da Silva, com a turma 8º D da escola Cívico-Militar 12 de Outubro. Pedimos sua permissão para gravar sua voz. Agora que tudo está pronto, vamos começar!

Como o senhor descreve Mirassol a mais de 30 anos atrás? E quais eram as características da cidade?

Desenvolvimento… teve um desenvolvimento grande.

Quais eram as principais atividades econômicas da cidade naquela época?

Era a lavoura, a roça, uai.

Como era a população de Mirassol a 30 anos atrás? Você se lembra de alguma pessoa que morava aqui?

Não lembro, tinha muita gente… Antes de tudo, conheci o Benedito Cesário da Cruz, Matheus Tamandaré, Nersão Preto. Só povo antigo daqui, manda mais!

Quais eram as principais festas de celebração da cidade? Como as pessoas costumavam celebrar essas ocasiões?

Leilões, bailes, nós éramos um grupo de gente e ia a pé atrás de baile [...] nós juntávamos um grupo de pessoas e íamos a pé até lá.

Como era a relação entre os moradores?

Para começar, não tinha muita gente, mas a gente já se conhecia muito bem...

Quais foram as principais mudanças que você percebeu ao longo dos anos em Mirassol d'Oeste?

Ih!!… Melhorou muito porque não tinha asfalto, não tinha nada, era tudo estrada de chão, terra e não tinha o Samuel Greve ainda (hospital da cidade), só isso… melhorou o asfalto, melhorou muito... Antes não tinha nem posto de saúde.

Como a urbanização afetou os moradores aqui de Mirassol?

Afetou nada, só melhorou.

Você se lembra de algum evento marcante que tenha impactado a cidade ou a comunidade?

Festa do Peão, festa Rodeio Peão, festa Maior da Cidade é essa aí… festa Junina também nas escolas.

O que você sente que foi perdido com o passar do tempo em relação a vida da cidade?

Muitas coisas aconteceram, a segurança mudou muito, antigamente tinha mais.

Quais os aspectos da vida de Mirassol d'Oeste que você acredita que permaneceram os mesmos?

Melhorou muito, porque antigamente não tinha tanta coisa… mercado, essas coisas, tudo.

Quais são as suas lembranças mais queridas de Mirassol d'Oeste naquela época?

Ixi! Tem muitas coisas… Estrada não tinha e também eu trabalhava em uma serralheria lá para lado do Sonho Azul, aqui ainda tinha moleques novos, eu já estou com 68 anos, já estou bem velho, mas eu comecei na serralheria, aqui onde eu moro era o cerrado aqui na época... Tudo era mato!

Como era a escola e a educação em Mirassol d'Oeste antigamente?

Uma educação boa, porque não tinha grandes escolas… tinha poucos alunos e na época era a BCC e a Padre Tiago. Quando eu vim para cá, o BCC era um campo de futebol, mas isso foi quando eu mudei para Mirassol, porque quando eu morava na roça, não tinha nada eu tinha apenas 6 anos, agora estou com 68 anos… aqui era tudo picada.

Você tem alguma história ou anedota interessante da sua infância?

Eu não tinha nada da minha infância porque na época eu trabalhava na roça e vou falar aqui. Trabalhava na roça e não tinha outra saída [...] Bom não era não, mas não tinha outra coisa para fazer.

Se você pudesse compartilhar uma mensagem com essa geração sobre a história de Mirassol, qual seria?

Ah! Melhoria, só isso! Já melhorou bastante, mas tem que melhorar mais… como soube... A educação estava precária, estava mais ou menos na boa, não tinha não.

O que você sente mais falta do passado de Mirassol?

Eu não sinto nada, porque era muito precário na época. No tempo do primeiro prefeito daqui… E quando eu vim para cá? Nem tinha prefeito, a escritura da casa da minha mãe foi feita em Cáceres, então melhorou muito.

Você já conheceu o Benedito Cesário da Cruz?

Conheci, a gente comprava no armazém dele lá, era um armazém pequeno, era um barraco feito de tábua, depois foi indo ampliando mais, mas antes disso era uma casa de tábua.

Como eram as festas em Mirassol d'Oeste antigamente?

Que nem eu falei, era festa, leilão, era a única festa… E também o cinema do Osório era a única diversão que tinha [...] era dia de sábado e o povo ia ao cinema.

Onde ficava o cinema?

O cinema era ali na Magazine, no começo da Rua 28, aqui subindo.

Como era o emprego em Mirassol d'Oeste?

O emprego era pouquinho porque a cidade não estava muito evoluída.

Como eram os veículos em Mirassol d'Oeste um pouco antes da fundação?

Cavalo, boi. Na época nós tínhamos carro de boi, nessa época eu já estava grandão.

Com a evolução da nossa cidade, houve a evolução das tecnologias, infraestrutura e muito mais. Como foi presenciar o desenvolvimento de Mirassol d'Oeste ao longo dos anos?

Foi muito bom que evoluiu muitas coisas que antes não tinha [...] A primeira farmácia era a do Dorvalino, mas antes não tinha nada aqui.

Como era a rua principal antigamente?

A Rua 28 de Outubro sempre foi assim, agora a Tancredo Neves não lembro, mas antigamente não tinha Tancredo Neves, era outro nome e antigamente era tudo pasto. Agradecemos por permitir realizar e responder nossas perguntas. Até logo…

Filipe, João Pedro, Lucas Santana e Tallys



FIM